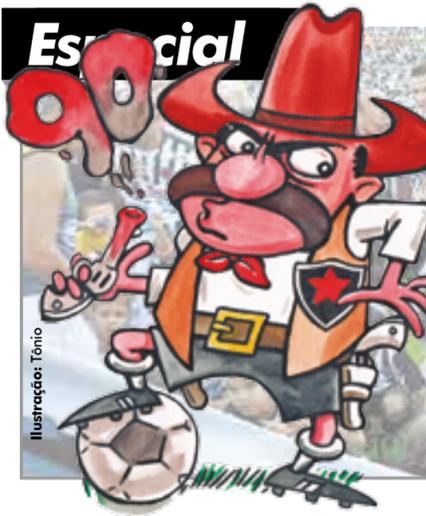


Especial



Botafogo faz 90 anos

Para marcar as nove décadas de fundação do clube, A União circula, hoje, com o especial '90 vezes Belo: o Botafogo no imaginário da Paraíba', revista com 70 páginas, ricamente ilustrada com imagens históricas, reunindo textos inéditos de torcedores, especialistas, cronistas e até de rivais. A publicação também estará disponível para a venda, avulsa, em bancas de revistas e na Livraria do Luís, ao preço unitário de R\$ 15.

Foto: Ortilo Antonio



Entrevista



Geopolítica Para professor, EUA foram os responsáveis por tornar a China o grande poder de oposição. **Página 4**

Doenças do coração já mataram 3,2 mil este ano na Paraíba

Referência no Estado, Hospital Metropolitano já realizou 1.844 cirurgias cardíacas desde 2018; no Dia Mundial do Coração, médicos falam da importância de manter hábitos saudáveis. **Página 3**

Brasil

Câmara Federal dá aval a sete reformas eleitorais por ano

Levantamento mostra que, nos últimos 11 anos, deputados aprovaram 76 projetos para mudar as eleições. **Página 14**

Paraíba

Microcefalia: seis anos após o surto, mães seguem na luta

Agora crianças, bebês que nasceram em 2015 ainda exigem muita atenção e as despesas são altas. **Página 6**

Geral

Idosos são os alvos preferidos do "Golpe do motoboy"

Criminosos se passam por funcionários de bancos para ter acesso a senhas e ao cartão da vítima. **Página 15**

Foto: José Marques/Secom-PB



Marisco é fonte de renda para mulheres

Reunidas em associação, paraibanas do Litoral Sul do Estado diversificaram a atividade e, além da pesca, também atuam no artesanato e na gastronomia com frutos do mar, gerando renda para sustentar suas famílias e apoiando a preservação ambiental. **Página 17**

Foto: Paolo Martinelli/Divulgação



A majestade, Roberta Miranda Em entrevista ao Jornal A União, cantora paraibana, que faz aniversário na próxima terça-feira, avalia seus 35 anos de carreira e lembra da infância pobre em João Pessoa. **Página 9**

Documentos do século 19 serão digitalizados

Na segunda parte da reportagem sobre arquivos da Câmara de JP, conheça alguns assuntos que ficarão disponíveis a pesquisadores. **Página 25**

Foto: Divulgação



Economia

Empresas longevas Situada no coração de João Pessoa, loja de material de construção é a mais antiga do país. **Página 18**



Conversa com o GOVERNADOR

NA RÁDIO TABAJARA FM 105,5

TODA SEGUNDA-FEIRA AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba

Tabajara

Editorial

A bolha

O polêmico discurso do presidente brasileiro na abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), na terça-feira da semana passada, em Nova York, Estados Unidos, revelou para o mundo uma das estratégias políticas de Jair Bolsonaro: manter seus fiéis seguidores dentro de uma bolha cuja atmosfera é impregnada de mentiras e superstições.

Bolsonaro e o chamado "Gabinete do Ódio" têm motivos para manter a cultura, a ciência e a imprensa sob bombardeio retórico constante, apesar de não conseguir amordaçá-las. O que o conhecimento denuncia pode injetar oxigênio puro na bolha, despertando seus devotos do torpor provocado pelo ar rarefeito; dessa espécie de hipnose, melhor dizendo, de alienação.

Os que se deixam enfeitiçar pela facúndia bolsonarista remetem aos alheados do Mito da Caverna, a famosa alegoria da condição humana, imortalizada por Platão em sua obra A República. Nela, Sócrates expõe para o jovem Glauco a importância do senso crítico e da razão se sobrepõem ao senso comum; à interpretação da realidade apenas pelos sentidos.

Como se sabe, na metáfora platônica os seres humanos são prisioneiros. Eles vivem acorrentados dentro de uma fumaça, podendo observar apenas uma parede que lhes foi colocada à frente, na qual seus algozes, por meio de sons e movimentos, projetam uma espécie de filme de silhuetas, cujo "enredo de sombras" é por eles confundido com a realidade.

Um escravo se liberta deste algar, e ao sair lá fora, fica atordoado com as cores, formas e sons do cosmo real. A consciência gera compaixão. O liberto retorna à gruta para convencer seus semelhantes do embuste que é suas vidas. Estes, por medo, reagem negativamente à verdade, e assassinam o arauto da lucidez, optando pelos campos do senhor da fraude.

Nada mais parecido com o Brasil do filme que Bolsonaro, por meio das redes sociais e de outras plataformas, projeta na cabeça de seus partidários. Um país que absolutamente não condiz com o contexto histórico atual, marcado por um conjunto de crises sem precedentes na história recente, e cujo povo reage com violência a quem tenta trazê-lo de volta à luz.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Quebrar paradigmas

Nunca devemos ter medo de quebrar paradigmas. Principalmente aqueles instalados no nosso inconsciente e que não trabalham a nosso favor. Até porque é preciso termos a compreensão que nunca é tarde para mudarmos de opinião. Afinal de contas, somos aquilo que pensamos. É importante que estejamos sempre dispostos a nos livrar das crenças limitantes, enraizadas no nosso subconsciente.

A quebra de paradigmas é um processo de mudanças. Portanto, tem efeitos de transformação em nossa vida. É a hora em que nos determinamos a ter coragem de pensar "fora da caixa" para enfrentarmos grandes desafios. Jamais tenhamos medo de ousar, mesmo que isso implique em sairmos da zona de conforto a que nos acostumamos.

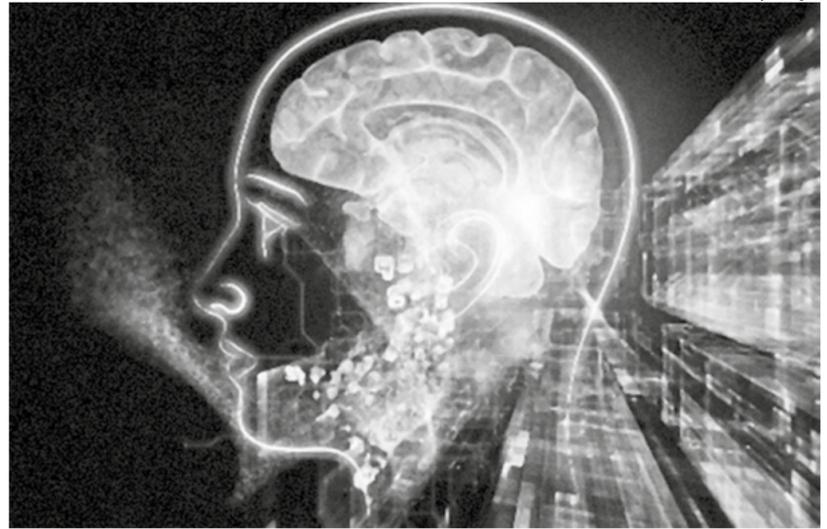
Paradigmas são um conjunto de regras pré-estabelecidas a serem seguidas pelas pessoas para que possam viver em sociedade. Terminam por se afirmarem como definição de limites de ações, em obediência a padrões convencionados. Muitas das vezes essas regras ficam ultrapassadas e

exigem questionamentos, porque não se aplicam mais ao comportamento na contemporaneidade.

A autoreflexão se faz necessária para que consigamos abrir nossa mente. Assim, permitiremos que os desejos de mudanças, que estão no campo do imaginário, possam ser levados para a realidade, deixando para trás ideias restritivas. É muito perigoso nos fecharmos à possibilidade de aceitarmos e compreendermos novas oportunidades que surgem, porque nos colocamos como reféns de velhos paradigmas, criando dificuldades para adaptação às transformações que se fazem necessárias. Isso, na prática, revela-se bloqueio de visão de futuro.

Lidamos com paradigmas o tempo todo. No entanto, não podemos ficar presos a essa mentalidade conservadora, adotando comportamento de comodismo, quando assistimos o mundo em permanente mutação. É imperativo revermos velhos conceitos, superarmos tabus antigos que não se ajustam à realidade que vivemos. Quem tem autoconfiança, não tem medo de quebrar paradigmas.

Foto: Reprodução



Crônica

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A máscara de mergulho

A flôr do medo brotou na fuga do peixe. Seu avesso deve ter brilhado, em outras oportunidades, naqueles olhos pequenos e humanos, escalando a pirâmide da vida em fuga.

De repente, uma flor. Conheci que era uma flor de mesmo, não de medo, por sua meia luz própria, iluminando a alcova do mar, e pela ausência de medo no palco, indiferente às máscaras de mergulho da plateia. Mergulhei mais, até o fundo da flor, tomada em minhas mãos depois do aplauso ao seu desempenho vegetal.

Já no camarim, entendi a perfeição do desempenho. Simplesmente sabia o seu papel, e em nada lhe mudou o gesto do meu aplauso — interrompido para levantar-lhe bailarina em minhas mãos. Por um instante, seu não-medo que antes julgara indiferente às máscaras da plateia. Era flor, indiferente à própria indiferença, — flor aplacou o tremor das mãos e o eco inquieto dos olhos.

Depois do ato da flor voltei ao meu lugar junto às máscaras da plateia, medonhas, de mergulho. Cobriam o avesso do medo sem esconder a fauce abissal do medo faminto. Mergulhavam fundo, até a morte, e arrebatavam,

no seu aplauso derradeiro, a vida do palco. Com a intimidade que as máscaras permitem, abordei a máscara mais próxima até o gume desembainhado no olhar arpão. A lagosta, o polvo, o peixe,

saíram do fundo do mar para o fundo da fome da raça.

Irmão de máscara, senti-me cúmplice da mão e do arpão no mergulho até a fronteira da morte. Trocamos palavras de máscaras. Palavras desembainhadas, os tridentes trincados, mãos em punho. Quantas vezes os arrecifes das palavras arremetem, como vagas, sobre os náufragos mascarados, réus do mar.

De repente, uma flor. Conheci que era uma flor de mesmo, não de medo, por sua meia luz própria, iluminando a alcova do mar, e pela ausência de medo no palco, indiferente às máscaras de mergulho da plateia. Mergulhei mais, até o fundo da flor, tomada em minhas mãos depois do aplauso ao seu desempenho vegetal //

Pois as palavras devem imitar o limite da flor, a máscara da flor, despida do medo e do seu avesso. Só as palavras colhidas no fundo da máscara, onde o espírito repousa em estado oceânico, devem ir à tona do silêncio. As outras permaneçam reclusas como conchas.

Para onde foge o peixe, se o mar é um só? Para onde foge a palavra, se o silêncio é claro e transparente? Para onde foge a máscara, se o arpão da vaia a persegue? O peixe fugiu mas deixou a flor. Só a flor não foge, porque tem raízes na beleza.

Era praia e verão em Ponta de Mattos. Entre o porto e o horizonte, o farol orientando o arpão, chamando a rosa-dos-ventos na demora da calmaria. O farol mascarado não via a rosa do peixe, a rosa à margem do horizonte, a rosa sem porto e sem volúpia de viagem, âncora leve do momento, a coragem diante do tempo, tão pródiga de espaços que não precisava sair de seu gesto.

Fotolegenda

Foto: Marcos Russo



Beleza esquecida

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV



André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Coração matou mais de 3,5 mil pessoas este ano na Paraíba

Dia Mundial foi criado em 29 de setembro com o intuito de conscientizar a população sobre os problemas cardiovasculares

José Alves
zavieira2@gmail.com

O Dia Mundial do Coração é celebrado no dia 29 deste mês (setembro) e foi escolhido pela Federação Mundial do Coração em 2000 para combater a maior causa de morte no mundo. A data foi criada com o intuito de conscientizar a população a respeito dos problemas cardiovasculares. Para o Ministério da Saúde, a data incentiva a modificação do estilo de vida, no sentido de que as pessoas adotem hábitos mais saudáveis de alimentação, exercícios e lazer. Só este ano na Paraíba 3.512 pessoas já foram a óbito por causa das doenças cardiovasculares e três estão na fila à espera de um transplante de coração.

E 'remando contra a maré' ou seja, na luta incessante para salvar pacientes cardíacos, desde que foi implantado na Grande João Pessoa, o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, desde o ano de 2018 até o mês de agosto deste ano, já realizou 1.844 cirurgias cardíacas, segundo informações do diretor geral do hospital, Antônio Pedroza. As doenças relacionadas ao coração matam cerca de 400 mil pessoas por ano no Brasil. Entre essas doenças se destacam o infarto e o acidente vascular cerebral (AVC), que ocupam o primeiro e segundo lugares desse ranking, de acordo com estudos levantados pelo Ministério da Saúde.

Em João Pessoa, o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, é referência de Alta Complexidade em Cardiologia, com cirurgia de urgência e eletiva. O hospital conta com a mais

equipada e estruturada Unidade de Terapia Intensiva Adulta e Terapia Intensiva Pediátrica, atendendo em regime de internação de forma regular e horizontalizada, com assistência 24h. Os pacientes atendidos na instituição são regulados via Secretarias Municipais, em sintonia com o sistema de regulação do Estado.

Óbitos

Na Paraíba, os óbitos por doenças relacionadas ao coração demonstram aumento discreto de 1,25% entre os anos de 2019 (5.243) e 2020 (5.309). Porém, no que diz respeito às internações conforme estatísticas da Secretaria Estadual de Saúde (SES-PB), houve uma diminuição de 25,3% no número de internações por doenças do aparelho circulatório entre 2019 (14.276) e o ano 2020 (11.386), exatamente porque os anos 2020 e 2021 são bastante atípicos, por causa da pandemia da covid-19. Mesmo assim, este ano, 6.035 pessoas já foram internadas por causa das doenças cardiovasculares.

Os maus hábitos alimentares e a ausência da prática de exercício físico influenciam diretamente no aumento das doenças cardiovasculares. Segundo o cardiologista Antônio Pedroza, "não há dúvidas de que a melhor maneira de evitar o infarto é reduzir a exposição aos fatores de risco: fumo, obesidade, diabetes, hipertensão, níveis altos de colesterol, estresse e vida sedentária. É fundamental a realização de exames, um check-up preventivo não pode ser desprezado. Recebemos pacientes que, ao investigar o histórico de saúde, detectamos que uma simples mu-

dança nos hábitos diários poderiam evitar que eles tivessem algum problema cardiovascular", esclareceu.

O cirurgião cardiovascular acrescentou que não só a prevenção, mas também a busca por atendimento clínico imediato diante de qualquer anormalidade é fundamental. "Se algum mau funcionamento do corpo for percebido, a melhor saída, sempre é procurar um especialista, pois a descoberta precoce de doenças cardiovasculares é um importante passo para o sucesso de um tratamento. Aos infartados, assumir uma atitude mental confiante e positiva é um passo decisivo para a boa recuperação. É importante destacar que pessoas que sobrevivem a um infarto e adotam um estilo de vida saudável, em sua maioria, conseguem retornar à vida normal e reassumir suas atividades profissionais", afirmou. A saúde do coração e do sistema vascular (conjunto de veias e artérias) depende de bons hábitos desde a infância.

O infarto do miocárdio – é um ataque cardíaco que ocorre quando o fluxo de sangue que leva ao miocárdio (músculo cardíaco) é bloqueado por um tempo prolongado, de modo que parte do músculo cardíaco seja danificado ou morra.

Para evitar o infarto é necessário reduzir os fatores de risco como fumo, obesidade, diabetes, hipertensão, níveis altos de colesterol, estresse e vida sedentária

Foto: Evandro Pereira



Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, desde o ano de 2018 até o mês de agosto de 2021, já realizou 1.844 cirurgias cardíacas

+ Reforço na medicina preventiva

O Dia Mundial do Coração é uma data que relembra a importância do cuidado com a saúde. Ao agir de forma preventiva, o seu sistema cardiovascular é favorecido. Então, recorrer à medicina preventiva é o melhor caminho para cuidar do coração. Com o acompanhamento de um médico e a realização de exames, é possível identificar problemas e alterações logo no começo e garantir o bom funcionamento.

Além dos tradicionais ecocardiograma e teste de esforço, dá para recorrer a outras possibilidades. A tomografia computadorizada e a ressonância mag-

nética de tórax permitem conhecer o contorno do coração e se há algum vaso aumentado. Também é possível realizar um doppler colorido em artérias para identificar se há bloqueios de gordura, por exemplo. Enfim, saiba como evitar as doenças do coração: consulte o seu médico periodicamente; verifique sua pressão arterial com frequência; diga não ao fumo; verifique a quantidade de sal nos rótulos dos alimentos; escolha bem os alimentos; procure saber se é diabético e se tem colesterol alto; não seja sedentário, pratique esportes; diga não à obesidade e evite o estresse.

Três pessoas aguardam transplante

Na Central de Transplantes da Paraíba, existem atualmente três pessoas na fila aguardando doação de coração para fazer transplantes. Desde a implantação da Central na Paraíba, ou seja, de 2004 a 2009, foram realizados sete transplantes de coração. E após uma década sem transplante cardíaco, foram realizados dois em 2019, um em 2020 e três este ano. As informações são da chefe do Núcleo de Ações Estratégicas da Central de Transplante da Paraíba, Rafaela Carvalho.

Ela enfatizou que o papel da família é fundamental na doação de órgãos. "Só existe transplante de órgãos quando há

doação. Por isso, nossa eterna gratidão às famílias doadoras, afinal, a doação de órgãos só é possível com a autorização da família. Para quem quer ser doador de órgãos, é simples: basta avisar aos familiares", informou. Na Paraíba as campanhas feitas pelo Governo do Estado através da Central tem conscientizado os paraibanos e aumentado o número de doadores de órgãos.

A Central de Transplantes da Paraíba fica no anexo do Hospital de Trauma Senador Humberto Lucena, na capital. Os telefones para contato são: (83) 3244-6192 (João Pessoa) e (83) 3310-9252 (Campina Grande).

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

FUSÃO DO DEMOCRATAS COM O PSL TRARÁ BENEFÍCIOS À PRÉ-CANDIDATURA DE EFRAIM FILHO AO SENADO

O deputado federal Efraim Filho (foto), líder do Democratas na Câmara dos Deputados, considera que a fusão do seu partido com o PSL será benéfica para a sua pré-candidatura a Senador – as duas legendas farão convenção conjunta, possivelmente no dia 5 de outubro, para oficializar esse movimento de integração. O deputado não fez referência a questões relacionadas a recursos financeiros nesse contexto. Mas aqui me apego a isso para afirmar que, nesse particular, de fato, a fusão beneficiará sua campanha – e a de outros filiados ao novo partido, em campanhas majoritárias de outros estados, porque, formando a maior bancada da Câmara dos Deputados, terá recursos recordes do fundo eleitoral: algo em torno de R\$ 320 milhões – para efeito de comparação, nas eleições eleitorais municipais de 2020, o PSL teve acesso a R\$ 199 milhões, e o DEM a R\$ 120 milhões. Outro ponto que trará benefício aos candidatos da nova legenda é que ela terá mais tempo de televisão e rádio, nas disputas eleitorais do próximo ano. E no caso da pré-candidatura de Efraim Filho a Senador, a fusão entre os partidos, em tese, apresentará mais apoios à sua postulação, uma vez que ele terá outro parlamentar da bancada federal paraibana em sua trincheira de campanha: Julian Lemos, atual presidente do PSL na Paraíba.

Foto: Divulgação



"TIRA A CREDIBILIDADE"

E o deputado Walber Virgolino (Patriota) reclamou que a falta de definição quanto à candidatura de Romero Rodrigues (PSD) ao Governo do Estado. "Tira a credibilidade da candidatura dele. E está prejudicando não só a ele, mas também a oposição. Não se pode trabalhar um nome [para uma eleição majoritária] aos 45 do segundo tempo", disse.

DIZ QUE TEM PRAZO

Ao ser provocado a comentar a insatisfação de aliados, Romero Rodrigues garantiu que não existe indefinição de sua parte – "Tenho conversado com prefeitos, com vereadores, estou trabalhando permanentemente", disse. E reclamou que alguns estão querendo antecipar etapas: "Estamos ainda há mais de um ano do processo eleitoral".

DESENVOLVIMENTO REGIONAL

E o deputado Chio (REDE), em nota enviada à coluna, comemorou o avanço da obra de construção da estrada do Cepilho, em Areia, pelo Governo do Estado: "A estrada é marcada como rota para o maior reservatório hídrico da região – a barragem de Nova Camará, e para o escoamento de culturas agrícolas locais. De acordo com ele, há mais de 30 anos essa obra era esperada pela população.

ELE MORDE, MAS ASSOPRA

Não é nenhuma novidade que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) morde e assopra a todo tempo. Ou seja, ataca instituições e membros do Judiciário para, depois, recuar das declarações. E com a assessoria informal e os conselhos do ex-presidente Michel Temer (MDB), ele tem medido as palavras ultimamente, digamos assim.

"NÃO VOU MELAR"

Meses atrás, ele insinuou, por diversas vezes, que as eleições de 2022 poderiam não acontecer, dando a entender que poderia haver a possibilidade de rompimento constitucional. Agora, em entrevista à Veja – possivelmente, consultou Temer antes de concedê-la – recuou e disse que tudo ocorrerá dentro da normalidade: "Vai ter eleição, não vou melar.",

QUEM PRESSIONOU BOLSONARO PELO ROMPIMENTO CONSTITUCIONAL?

Há um detalhe na entrevista de Bolsonaro que, certamente, deverá gerar muita repercussão no país e, possivelmente, reações no Congresso. O presidente admitiu que pessoas o incentivaram a dar um golpe, romper com a Constituição. A pergunta é: quem fez essa pressão em cima do presidente? Militares? Civis? Ambos? A oposição irá cobrar respostas, tenham certeza.

Vico Melo

Doutor em Pós-Colonialismos e Cidadania Global

“Os Estados Unidos construíram a China como grande poder de oposição”

Professor da UFPB e da UEPB chama a atenção para a direção que as relações entre EUA e China estão tomando por causa dos interesses econômicos e geopolíticos acirrados na ONU

Luiz Carlos
lulajp@gmail.com

A primeira semana da septuagésima sexta Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas) foi marcada por polêmicas, envolvendo as relações entre Estados Unidos e China e por causa da participação brasileira. Para o professor do Departamento de Gestão Pública (UFPB) e Professor

Vico Melo acredita que o Brasil abandonou uma política ativa e ativa nas relações internacionais para um alinhamento automático aos Estados Unidos

Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional (UFPB), Doutor em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pela Universidade de Coimbra, Vico Melo, a volta ao debate das questões ambientais foi o lado positivo das discussões. Melo não acredita que a humanidade vive uma nova “guerra fria” tendo como protagonistas EUA e China, mas há indícios de um tensio-

namento maior, que começou no governo Trump. Quanto ao Brasil, ele acredita que o país abriu mão de uma política soberana e partiu para o desmantelamento de uma política externa que era ativa e ativa, “tornando-nos isolados ou motivo de chacota, pois nossa política externa se tornou uma política externa personalista referenciada no presidente e que trata basicamente de pautas ideológicas.

Foto: Marcos Russo

A entrevista

Professor, qual sua avaliação da assembleia da ONU?

Essa reunião na assembleia geral da ONU trouxe à tona alguns temas desde a eleição de Biden e se tornaram grandes temáticas no meio internacional: a discussão da questão ambiental, que veio com muito mais força desde a posse de Joe Biden, através do Green New Deal, a nova política (econômica) verde, e por outro lado vemos a reativação da disputa dos Estados Unidos com a China, focada na região Indo-Pacífico.

Dá para fazer uma leitura de uma nova guerra fria como a imprensa já noticia?

Não acredito que podemos afirmar que essa nova guerra fria já esteja em curso, ainda, categoricamente, mas o que se vem percebendo é um tensionamento cada vez maior, que vem desde a política externa do governo Trump e que Biden dá seguimento na confrontação com a China.

O que mais chama a atenção?

Os Estados Unidos construíram a China como grande poder de oposição que agora eles têm que combater e frear esse crescimento chinês.

Relegaram a Rússia a um segundo plano e fizeram da China o grande adversário do momento?

A Rússia, desde o fim da União Soviética passa para um segundo plano, apesar de existir ainda um tensionamento com os Estados Unidos, pelo fato de se constituir como uma potência militar e ato de grande peso na região do centro asiático.

Como o senhor viu a criação envolvendo EUA, Austrália e França por causa da construção de um submarino nuclear?

O acordo para a construção de um submarino nuclear foi a grande polêmica da semana com a reclamação francesa de que fora traída pelos Estados Unidos, que fizeram acordo estratégico-militar com a Austrália para a construção desse equipamento.

A gente vê o interesse americano não só no que diz respeito a evitar que a China se torne a economia ainda mais pujante, mas também com relação aos parceiros comerciais e aos amigos que os Estados Unidos têm na área como a Coreia do Sul, o Japão e a própria Austrália?

É interessante porque num momento como esse, a geopolítica e o interesse estadunidense falam mais alto do que as velhas parcerias estratégicas, que tem um histórico forte de cooperação com seus tradicionais parceiros, como a União Europeia e a França, nesse caso específico

Mudança de planos?

Os Estados Unidos tomam a frente com esse acordo estratégico Aukus (EUA, Reino Unido e Austrália), em detrimento do acordo que existia entre a França e a Austrália para a construção de submarinos, com intuito de fazer frente à China, principalmente na região do Mar do Sul da China, localizando no Indo-Pacífico. É bom lembrarmos que mais de 20% do comércio marítimo internacional passa por essa região, então é algo que chama bastante atenção aos interesses dos Estados Unidos.

Como o senhor viu a participação do Brasil na Assembleia Geral da ONU?

O que constatamos é um processo contínuo de desmantelamento de uma política externa que era ativa e ativa (desde o início do século XXI, principalmente). O que vemos, agora, no governo Bolsonaro, é uma apropriação ideológica e personalística através da figura do presidente e sua família.

Um passo atrás?

O Brasil perde. A gente olha para o mundo e vê o como os jornais internacionais retrataram o Brasil e sua participação na Assembleia Geral da Nações Unidas - o Brasil, tradicionalmente, é o primeiro país a falar. Saímos de um lugar positivo e de destaque internacional, daquilo que promovíamos, não só nas políticas públicas nacionais - combate à fome, diminuição da pobreza, investimentos na educação e saúde -, mas também de política externa autônoma e que buscava uma diversificação de parceiros. Aumentamos e nos aproximamos consideravelmente com o continente africano, latino-americano e asiático, ou seja, com o Sul global, enquanto nos dias atuais fechamo-nos para o mundo, tornando-nos isolados ou motivo de chacota, pois nossa política externa se tornou uma política externa personalista referenciada no presidente e que trata basicamente de pautas ideológicas.

As tradições brasileiras foram abandonadas?

Sim. A política externa não se baseia mais nos interesses nacionais, agora se referencia no interesse personalístico do presidente e de sua família. E, como

o presidente tinha uma proximidade ideológica com Donald Trump, então, acaba adotando automaticamente esse alinhamento com os Estados Unidos. É colocar em prática a famosa frase proferida pelo então embaixador brasileiro nos EUA, Juracy Magalhães, “O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”. O Brasil vem perdendo a peculiaridade que teve durante décadas, de política externa autônoma e independente - até mesmo no regime militar, um regime de exceção e de políticas deploráveis implementadas na sociedade brasileira, pode-se afirmar que tínhamos uma política externa de autonomia - e isso foi perdido agora no governo Bolsonaro. É um processo contínuo de desmantelamento do Itamaraty.

Será que o Brasil pode voltar a ser protagonista nessa história pelo menos a partir da questão ambiental?

A questão ambiental foi alçada a um nível de elevada importância na política externa brasileira desde o processo de redemocratização e com a promulgação da nossa Constituição Cidadã de 1988. O Brasil construiu perante a comunidade internacional a ideia de responsabilidade compartilhada em defesa do meio ambiente, mas sem abandonar o seu discurso de soberania em relação a Amazônia. Infelizmente, no governo atual, perdemos essas características. O que se expõe perante a comunidade internacional é a elevada irresponsabilidade do Brasil na preservação do meio ambiente, como também, uma política explícita do governo atual de que as comunida-

des tradicionais, as comunidades indígenas, e ribeirinhas não tenham mais esse protagonismo na questão da preservação ou da manutenção destas terras.

O Brasil abandona própria história?

Não só abandona, mas como parte para o ataque contra esses povos. Deslegitima a resistência que vem das sociedades indígenas - lembrarmos da presença deles lá em Brasília contra o “Marco Temporal” - dos movimentos quilombolas, que estão na luta efetiva para reconhecer os seus territórios, a sua cultura, sua história, pois o território não é um espaço vazio-homogêneo. Esse território tem gente, há pessoas vivendo e transformando continuamente esses espaços.

O senhor é otimista?

Apesar de todas as dificuldades, acredito que temos a capacidade de mudar minimamente nossa realidade, embora estejamos correndo o risco de uma destruição iminente de nossos recursos - sejam naturais e/ou humanos.

A economia chegou a um estágio com salto tecnológico que está engolindo tudo que diz respeito aos recursos naturais com a própria ciência - porque hoje sem tecnologia não se faz ciência...

Acho que é um dos pontos que deveremos enfrentar: esse neo-extrativismo que veio com tanta força nas últimas décadas, sustentada numa lógica neocolonial e que influencia fortemente as mudanças climáticas e a desigualdade social, vai afetar com muito mais força e vio-

lência às pessoas mais pobres. Elas é que irão sofrer cada vez mais com o aquecimento global e com as respectivas mudanças climáticas.

O que a gente também tem constatado, por exemplo, com essa pandemia, é que quase toda a vacina produzida está sendo aplicada nos países mais ricos, ou seja um retrato de um desequilíbrio, dos ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A gente fica discutindo e acaba em Karl Marx...

- Nós vimos os países ricos promovendo a pirataria aérea contra os países mais pobres, bloqueando a chegada de insumos, materiais e equipamentos para quem mais necessitava. A problemática da vacina demonstra a tremenda desigualdade que vivemos no contexto internacional. Os países do Norte global não aceitam nem aceitam a quebra de patentes das vacinas, defendendo os interesses econômicos de suas farmacêuticas, para que os países em desenvolvimento e os mais pobres pudessem produzir e ter acesso cada vez maior às vacinas. Como consequência, os países ricos vêm desperdiçando milhões de doses de vacinas por terem excesso delas em seu território e não conseguem administrá-las a contento. Dessa forma, percebe-se que eles atuam não no âmbito da solidariedade, mas sim da caridade - onde não se busca alterar minimamente as estruturas de desigualdade. E essa desigualdade vem se aprofundando e se tornando mais presente nas nossas sociedades.



Cabo Branco: a barreira, as pedras e os efeitos colaterais

Ação tem protegido as falésias da erosão, porém o mar tem avançado e causado destruição na área da calçadinha

José Alves
zavieira2@gmail.com

A obra do enrocamento do sopé da Barreira do Cabo Branco, entregue pela Prefeitura de João Pessoa, em novembro do ano passado, na gestão do então prefeito Luciano Cartaxo (PV), vem protegendo o local da erosão causada pelas ondas do mar. Porém, segundo informações da assessoria da Secretaria do Planejamento (Seplan) na gestão atual, o trabalho não foi realizado como deveria em sua extensão, porque naquele trecho da barreira, o mar vem avançando em direção a calçadinha e destruindo o muro de

arrimo da ciclovia do bairro.

Por este motivo, a Seplan está retomando os estudos técnicos e entendimentos com os órgãos ambientais e de controle para solucionar o problema da forma mais adequada. Ainda de acordo com informações da assessoria da Seplan, a Secretaria de Infraestrutura do município, inclusive já abriu licitações para recuperar o trecho da calçadinha e da ciclovia que foi destruído pela erosão.

A obra entregue no ano passado na gestão do prefeito Luciano Cartaxo, consistiu na colocação de pedras criando uma mureta e um novo espaço entre a base da barreira e as ondas que

atingiam a falésia com forte intensidade. No local, o processo erosivo que era causado pelas ondas, carregavam sedimentos que atingiam o sopé da barreira. Isso refletia na diminuição de trechos no alto da falésia.

Através da obra, aquela área recebeu segundo informações da gestão passada, um volume de 16.914,22 metros cúbicos de pedras, tendo a extensão de mais de 1,8 mil metros de enrocamento.

A obra teve um investimento de mais de R\$ 4 milhões por parte da prefeitura da capital e durante a entrega, o projeto foi apresentado e aprovado ao Ministério da Integração Nacional.

Fotos: Evandro Pereira



Seplan informou que o efeito negativo foi o fato de que as pedras não foram colocadas na extensão necessária, o que resultou no avanço do mar e na destruição da calçadinha

+ CGU revela prejuízo aos cofres públicos

Em agosto deste ano, um relatório de auditoria da Controladoria Geral da União (CGU) revelou que a obra de arrimo do sopé da barreira do Cabo Branco deu um prejuízo aos cofres públicos de mais de R\$ 500 mil. De acordo com a CGU, os valores superestimados foram pagos à empresa responsável pela execução do serviço na gestão do ex-prefeito Luciano Cartaxo. Isso ocorreu após denúncias de supostas irregularidades feitas ao Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB) à Controladoria.

De acordo com o relatório, a obra contou com recursos próprios da gestão municipal na ordem de pouco mais de R\$ 830,3 mil e quase R\$ 3 milhões de transferências do Governo Federal. O contrato para o serviço na capital paraibana foi feito pela Secretaria Municipal de Planejamento, em 2019.

Entre as irregularidades apresentadas estão a inadequação de custos para a construção de galpão aberto, com um prejuízo de mais de R\$ 138 mil; sobrepreço na compra

de pedras colocadas no sopé da barreira, no valor de pouco mais de R\$ 224,8 mil. Execução de serviços em desacordo com as composições utilizadas (escritório, refeitório e sanitários/vestiários), na casa dos R\$ 113 mil. Divergências de cálculos no serviço de transporte de pedras chegando a R\$ 14 mil e serviço de instalação de manta geotêxtil em desacordo com as especificações do projeto, chegando a um prejuízo de R\$ 33 mil.

Diante das constatações de prejuízo e superfaturamento, a CGU recomendou ao Ministério do Desenvolvimento Regional, por meio da Secretaria Nacional da Defesa Civil, que avalie previamente as próximas liberações de recursos para as demais etapas do projeto. Também houve recomendação para que o município de João Pessoa execute o ressarcimento, aos cofres da União. A reportagem do **Jornal A União** tentou se comunicar ontem, com o ex-prefeito Luciano Cartaxo, mas as ligações não foram atendidas.

Marés altas retiravam sedimentos do sopé da falésia; trabalho de enrocamento resultou na colocação de 16.914,22 metros cúbicos de pedras para amenizar o efeito de erosão



Microcefalia e os dramas que duas mães vivem por suas filhas

De novembro de 2015 a janeiro de 2016, a Secretaria de Estado da Saúde notificou 709 casos suspeitos de microcefalia na Paraíba

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O surto de zika, registrado em 2015, deixou sequelas em muitas famílias, não só pelos incômodos da doença, mas, principalmente, pelas crianças que nasceram com microcefalia, um distúrbio neurológico que causa deficiência intelectual, atraso de fala, entre outras limitações. Algumas sequer andam sozinhas. De novembro de 2015 a janeiro de 2016, a Secretaria de Estado da Saúde (SES) notificou 709 casos suspeitos de microcefalia, quando começaram as investigações sobre o aumento no número de registros da doença no país e a relação da má-formação com o vírus da zika. Os números estacionaram, mas para as famílias com crianças nesta condição, a história não acabou ali.

A dona de casa Camilla Raquel Zifino Alves, mãe de Maria Lys, que tem 5 anos e 9 meses, contou que teve zika logo no início da gestação, mas o diagnóstico só veio pouco antes do nascimento da filha, numa ultrassonografia. Lys nasceu com o distúrbio neurológico em grau alto e a nova realidade mudou a vida da família. Camilla abandonou os estudos, o trabalho e passou a se dedicar integralmente à filha.

Além das dificuldades no cuidado com Lys, ela contou que as despesas são grandes para dar uma melhor qualidade de vida à criança, mesmo recebendo o Benefício de Prestação Continuada (BPC). "Infelizmente, tudo pelo SUS é demorado", lamentou. Mesmo morando em João Pessoa, há gastos com transporte até a Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com

Deficiência (Funad), onde Lys recebe acompanhamento desde o primeiro mês de vida.

Camilla afirmou que as terapias ajudam muito. Fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional estão entre as atividades. Mesmo assim, Lys ainda não anda e nem fala. Como ela está cada vez maior, a mãe começou a ter dificuldade de carregá-la. É difícil pegar ônibus e o custo com transporte por aplicativo é maior. Como as terapias acontecem mais de uma vez por semana, o processo acaba gerando mais despesa, sem contar

/// Além das dificuldades no cuidado com Lys, as despesas são grandes para dar uma melhor qualidade de vida a ela, mesmo recebendo o Benefício de Prestação Continuada (BPC) ///

com remédio, suplemento. "Infelizmente, têm mães que acabam diminuindo as terapias porque esse deslocamento compromete muito a nossa renda", lamentou.

Diante da realidade de ter uma criança que exige atenção especial, ela comentou que é bastante difícil e mais ainda com pouco recurso. "Só quem sabe é quem passa. O principal apoio com que posso contar é o BPC dela", constatou. Camilla afirmou que as crianças precisam de equipamentos para ter qualidade de vida, ajudar na terapia e na postura. "Mas é tudo muito

caro e a gente se sente incapaz. Eu não posso trabalhar, nem estudar. Minha vida é cuidar de Lys 24h por dia. Sou muito feliz em cuidar dela, mas exige muito". Maria Lys tem uma irmã de 9 anos que aprendeu a cuidar da caçula e compreender sua condição. "Ela é muito amorosa", resumiu a mãe.

Amor supera tudo

A dona de casa Jayane Pires de Azevedo Costa, mãe de Esther, 5 anos, tem uma história bem parecida. Diagnóstico de zika durante a gravidez e, quando a filha nasceu, a constatação que ela não queria ter: microcefalia. Na reta final da segunda gestação, ela reforçou que a maior dificuldade para garantir tudo que Esther precisa é a financeira.

Assim como Lys, Esther faz terapia ocupacional na Funad. "Estamos voltando aos poucos depois dessa pandemia que ainda não acabou. Saio com medo, mas enfrentei pelo desenvolvimento dela, principalmente porque ela estava evoluindo bem antes disso tudo, mas com a parada, regrediu", constatou a mãe. O transporte até a Funad também é um grande obstáculo para a família de Esther. "Tirando isso, estou satisfeita com o acompanhamento".

Como forma de estimular a filha, Jayane relatou que sempre procura sair com ela, fazer com que interaja com outras crianças. "Ela entende. Percebo que ela reage". Apesar das dificuldades, ela diz que se sente privilegiada e que tem aprendido muito com a filha. "Ela é luz, é um anjo que Deus permitiu em minha vida para que eu entendesse o que é o verdadeiro



Camilla abandonou os estudos, o trabalho e passou a se dedicar integralmente à filha, Lys

amor. Amar e cuidar dela é o meu maior prazer durante esses anos. E é só amor e carinho que transborda todos os dias", comentou. Mesmo com as limitações, Jayane matriculou a filha na escola e ela deve começar a ir nos próximos dias.

Reabilitação na Funad

O Serviço de Reabilitação Física da Funad realiza atualmente o atendimento de 38 crianças com idade entre 5 e 6 anos. Elas são acompanhadas pelo menos duas vezes por semana. O atendimento envolve fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional. Desde que surgiram os primeiros casos de microcefalia, o Governo do Estado tentou se estruturar, ampliando os serviços na área de reabilitação.

Em 2019, foi criado o PediaSuit, uma nova modalidade de reabilitação que beneficiou muito essas crianças. "É um serviço diferencia-

do, com estimulação precoce. É isso que estamos fazendo em articulação com a rede de reabilitação de outros municípios e até do Estado, a exemplo da de Sousa", declarou a presidente da Funad, Simone Jordão.

Em relação ao transporte, a Fundação tem tentado fazer parceria com os municípios para que as prefeituras garantam transporte não apenas para as crianças com microcefalia, mas também para aquelas com outras deficiências. "Este é o pacto com os municípios. O Estado garante a reabilitação e os municípios o transporte, principalmente os que não oferecem o serviço na sua região", afirmou.

A política de órteses e próteses, de acordo com Simone, é do município. Através da Programação Pactuada Integrada (PPI), o recurso chega aos municípios para permitir a aquisição de cadeira de rodas, entre outros.

Centro Dia da Criança com Microcefalia oferece serviços multidisciplinares

O Centro Dia da Criança com Microcefalia, vinculado à Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de João Pessoa, oferece vários serviços especializados às crianças nascidas com limitações, algumas delas associadas zika vírus, cujas mães foram acometidas durante a gestação. O acompanhamento é realizado por uma equipe de profissionais formada por fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo e assistente social. Contam ainda com o transporte que as levam às sessões de terapias e de volta até a residência. De acordo com Joseane Taveira, diretora do espaço, atualmente 19 crianças frequentam a instituição.

O acesso a estes serviços pode ser por demanda espontânea, mas a maioria é encaminhada pelos Centros de Referência de Assistência Social (Cras) de cada bairro. Benicleide Silvestre, diretora de assistência social da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de João Pessoa, esclareceu que a parte de órteses e próteses é pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e existe ainda o Centro de Reabilitação na Policlínica Municipal de Jaguaribe.

Recomendado uso de repelentes

Mesmo que não haja ocorrência de casos de microcefalia como em 2015, os

profissionais de saúde continuam orientando as gestantes a usarem repelente como forma de prevenção. "E mais, não é só a zika, chikungunya, tem a dengue também que, apesar de não deixar sequelas como a microcefalia, as gestantes com dengue complicam com quadros bem graves, muitas vezes", ressaltou a ginecologista e obstetra Thaise Villarim.

Por isso, segundo ela, os médicos mantêm a recomendação de uso do repelente pela gestante. "Não só por causa da zika e chikungunya, porque a gente teme que um dia tenha alguma complicação novamente, mas por causa dos outros sintomas. Todas as arboviroses são perigosas na gravidez. Na verdade, todo mundo tem que continuar tendo esse cuidado, e as gestantes precisam fazer a parte delas", frisou.

A relação da má-formação com o vírus da zika foi verificada após a médica Adriana Melo, da maternidade do Instituto de Saúde Elpidio de Almeida (Isea), em Campina Grande, solicitar exames feitos com o líquido amniótico de dois bebês com microcefalia no município de Juazeirinho, no Seridó paraibano. A médica requisitou um teste para identificar se as gestantes tinham sido infectadas pelo zika vírus durante a gestação. A confirmação da infecção foi divulgada pela Secretaria

de Saúde de Campina Grande no dia 17 de novembro daquele ano.

Campina Grande

O Centro Especializado em Reabilitação (CER) de Campina Grande presta assistência a 101 crianças com a síndrome congênita do zikavírus/microcefalia, sendo 32 de Campina Grande e as demais de outros municípios. Elas têm acesso a serviços como fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, pedagogia e nutrição.

Algumas foram reabilitadas e receberam alta de alguns desses serviços. No Centro Dia, da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), existe uma assistência completa a algumas dessas crianças e suas famílias, com assistência social e educação.

Na Secretaria de Educação, há auxiliares para todos os alunos com microcefalia que fazem acompanhamento específico em sala de aula. Também foi feito um projeto em 2020 que deu às famílias a possibilidade de comprar a casa própria no Complexo Habitacional Aluizio Campos.

Assistência do Governo da PB

A SES esclareceu que a aquisição e dispensação de órteses, como carrinhos

adaptados, cadeiras de rodas e óculos, é responsabilidade dos municípios. Apesar de João Pessoa e Campina Grande serem as atuais referências para a maioria dos 223 municípios do Estado, existem pactuações entre outras cidades, de acordo com a região de saúde. O recurso vem do Ministério da Saúde para os municípios.

O Governo do Estado vem investindo na estruturação e qualificação da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência e apoiando os municípios na organização de serviços de saúde. Foram implantados serviços de reabilitação de forma regionalizada, buscando qualificar a atenção à saúde das crianças com microcefalia e outros tipos de deficiência.

MICROCEFALIA NA PARAÍBA

■ Casos confirmados

2015 - 103
2016 - 104
2017 - 12
2018 - 22
2019 - 07
2020 - 07
2021 - 02

Fonte: SES-PB

Capital possui quilômetros de estruturas subterrâneas

São tubulações e galerias feitas com vários tipos de materiais espalhadas no subsolo, especialmente no Centro da cidade

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

Para toda cidade que se ergue na superfície de um lugar existe uma série de estruturas que coexistem onde os olhos não podem ver, na parte subterrânea da região, a exemplo das redes de saneamento básico, distribuição de água e das galerias pluviais. Esses sistemas compõem as cidades tanto quanto os indivíduos, sendo, inclusive, responsáveis por garantir o bem-estar deles no dia a dia. Em João Pessoa, 100% das residências possuem cobertura de água feita pela Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) e 85,4% delas possuem cobertura de esgotamento sanitário, conforme dados de dezembro de 2020, disponibilizados pela empresa.

Desde pequeno, ainda na escola, ensina-se que água é vida. Contudo, para além das aulas de Geografia e de Biologia, em julho de 2010, a Organização das Nações Unidas passou a considerar que o acesso à água limpa e segura e a um saneamento básico de qualidade são direitos humanos fundamentais e devem ser garantidos a todos. No Brasil, o Marco Legal do Saneamento propõe como meta a universalização dos serviços de esgotamento sanitário até 2033, a fim de contemplar 99% da população com acesso à água potável e 90% com tratamento e coleta de esgoto.

A capital paraibana possui uma rede de abaste-

cimento de água com, aproximadamente, 1.245 quilômetros de extensão. Já em relação à rede de esgoto, essa extensão é de quase 800 quilômetros, de acordo com dados da Cagepa. E enquanto há crescimento vegetativo na cidade, as redes voltadas ao bem-estar da população seguem acompanhando esse desenvolvimento.

Essa extensão supre, atualmente, cerca de 100% das residências em João Pessoa, em relação à água,

1.245

É o total de quilômetros apenas da rede de abastecimento de água de João Pessoa

e 85,4% em relação ao esgoto. A base a ser considerada para o cálculo da área de cobertura da instituição vem das agências reguladoras. Segundo o engenheiro civil da Cagepa, Giordan Rodrigues, “a gente compara o número de residências que a gente atende em relação ao número de residências que existem no IBGE. À medida que a cidade vai evoluindo, a gente vai acompanhando, mas não é exatamente no mesmo momento, de imediato”, explicou.

Além de trabalhar ativamente para garantir o ac-

so da população à água e saneamento básico, a Cagepa também é a empresa responsável pela manutenção dessas tubulações e algumas delas são centenárias. Conforme Rodrigues, ele tomou conhecimento disso a partir de uma experiência pessoal. “Tive que fazer inspeção em uma tubulação na área mais antiga de João Pessoa, ali no Centro, quando a Prefeitura estava construindo uma drenagem para a Lagoa que levasse essa água para o Rio Sanhauá. Foi nessa época que eu descobri que nossa rede lá do Centro data de 1917, mais ou menos, coisa da década de 10 do século passado. Ou seja, é muito antiga”, contou.

De acordo com Giordan, ao manusear os projetos mais antigos da rede de tubulação da Cagepa, observou que esses sistemas com mais de 100 anos também são mantidos pelo órgão. “O projeto [dessa rede do Centro] foi feito pelo engenheiro sanitarista Francisco Saturnino Rodrigues de Brito. [Com base no que foi verificado nos projetos], a estrutura ainda era de tijolo maciço”, comentou.

No geral, as tubulações que cortam João Pessoa através do subsolo são feitas em PVC, mas algumas mais antigas podem ser de concreto ou material cerâmico, como é o caso das instalações do Centro da capital. No caso das tubulações que se destinam ao bombeamento são, predominantemente, em ferro fundido.

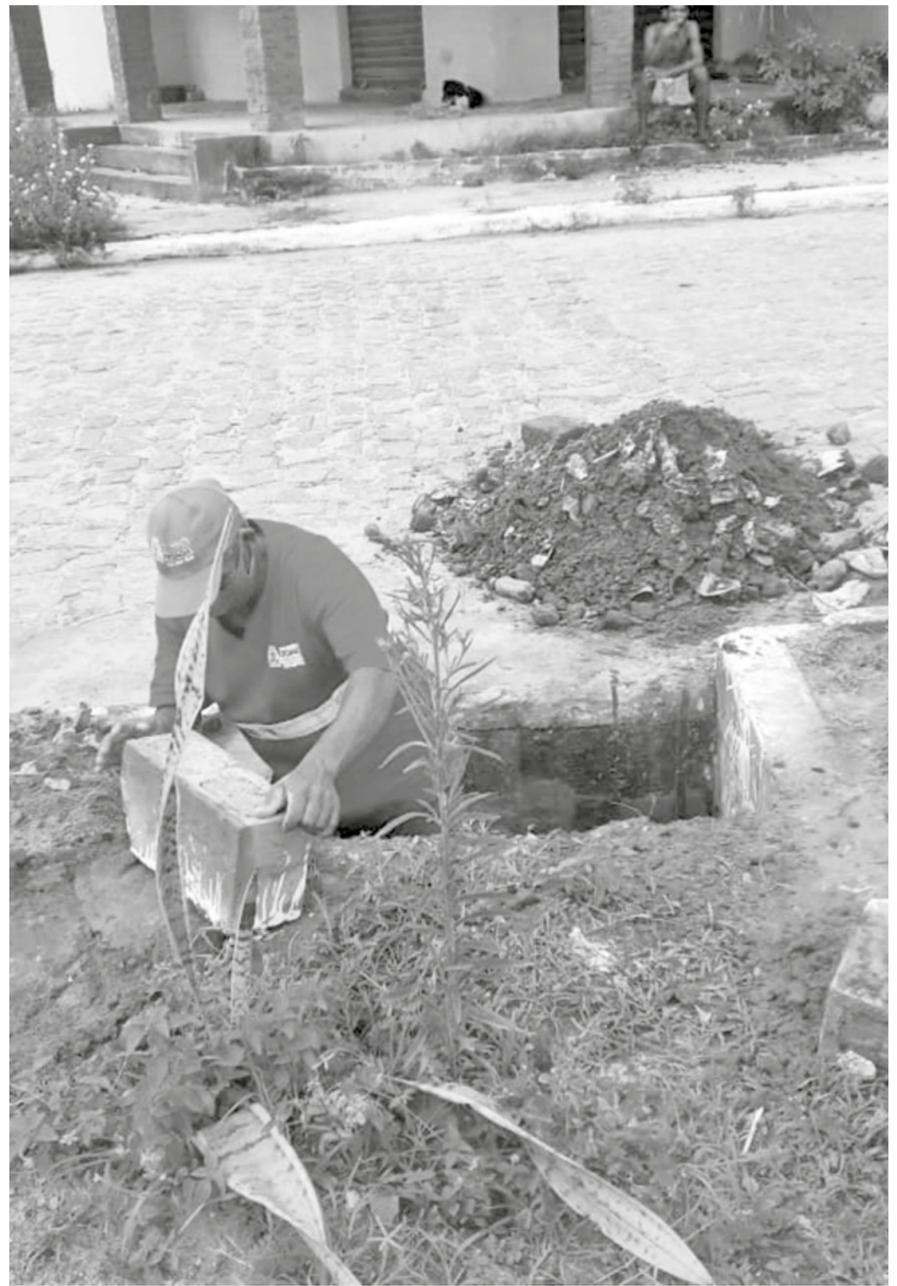


Foto: Ascom/Seinfra

Equipes de órgãos como Seinfra e Cagepa realizam constantemente serviços de manutenção nos diversos tipos de tubulações

+ “Estradas” no subsolo para transportar água das chuvas e evitar alagamentos

Além das tubulações relativas ao abastecimento da capital e ao saneamento básico, existem também na parte subterrânea de João Pessoa as galerias pluviais. O objetivo dessas galerias é transportar as águas da chuva de um local para o outro, “através da rede de drenagem de águas pluviais. E sua importância é que ela serve para evitar alagamentos e transtornos que poderiam ser causados pela chuva”, explicou o engenheiro Acacyo Daniel Bento da Silva,

chefe do setor de drenagem da Secretaria de Infraestrutura (Seinfra) da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

A Seinfra não possui a quantidade exata de quilômetros de redes de drenagem que existem na capital paraibana, mas Acacyo destaca como é feito o trabalho dentro desse sistema. “Existem várias etapas a serem executadas, desde a análise da bacia que vai ser beneficiada com a execução da rede, passando pela aná-

lise topográfica da região, identificação para onde vai ser direcionada as águas pluviais do local, projeto da rede de drenagem e sua execução, que é a preparação do terreno e a colocação da tubulação da rede ou quando ela é projetada em seção retangular a sua confecção no local”, pontuou.

Para cuidar das galerias, a manutenção é feita à medida que a mesma apresenta algum sinal de problema. Segundo Acacyo, na maioria dos ca-

sos acontece uma obstrução de rede ou afundamento no solo, seja pavimento ou rua. Nessas situações, “um profissional, seja ele engenheiro ou técnico experiente, vai até o local, faz a inspeção visual do local, abre os poços de visitas (PVs), identifica se tem algum problema e aciona uma equipe ao local para fazer o serviço adequado”, observou o engenheiro.

Nem tão subterrânea...

Apesar de serem, majoritariamente, estruturas subterrâneas, em alguns casos as tubulações da rede de esgoto e água precisam ficar acima da superfície. O bairro Padre Zé, na Zona Norte de João Pessoa, abriga um exemplo disso. De acordo com o engenheiro civil, Ricardo Cesar, responsável pela gestão do setor de Manutenção e Operação do Sistema de Esgotamento Sanitário da Região Metropolitana de João Pessoa pela Cagepa, isso acontece porque “geralmente essas tubulações funcionam com escoamento por gravidade, ou seja, o fluxo escorre de cima para baixo, então devido a topografia do terreno em alguns casos as tubulações (precisam ficar) expostas em certos locais

até voltarem a ficar enterradas novamente”, elucidou.

A situação das tubulações expostas no bairro Padre Zé resultou em um caso atípico de construções residenciais no entorno das estruturas de abastecimento de água e saneamento básico. Algumas das casas, inclusive, aproveitaram o sistema de concreto para sustentação em partes da construção. “É uma situação de risco para a população, pois caso ocorra o rompimento da tubulação os efluentes há risco de inundar as casas que estão ao redor”, afirmou Ricardo.

Além do prejuízo pessoal que um vazamento pode acarretar a esses moradores, sob o qual a Cagepa não possui responsabilidade, a situação ainda dificulta alguns casos de manutenção. “Na minha opinião, o principal problema nesse caso são as interferências nas manutenções das tubulações, pois nos casos onde existem construções sobre elas acabam gerando um imbróglio com os pseudo proprietários (nos casos das construções irregulares) que apenas com o auxílio do Ministério Público conseguimos autorização para a realização dos serviços”, argumentou o engenheiro.



Foto: Evandro Pereira

No bairro Padre Zé, moradores construíram casas irregulares ocupando os espaços de tubulações que precisam ficar a céu aberto



Cubati é 'terra' do supercross, do tomate, da cebola e do minério

Localizada no Curimataú, município possui cerca de sete mil habitantes e utiliza o relevo local para potencializar a economia

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

A 215 quilômetros da capital paraibana (João Pessoa), Cubati é uma cidade do Curimataú paraibano que aproveita suas formações geográficas para fomentar a economia e o turismo local. Conhecida como a 'terra do supercross', todo ano milhares de pessoas de outros estados e até da Europa vêm ao município participar da competição; que por conta da pandemia da covid-19 está dois anos sem ser realizada.

Sua economia é baseada na plantação de tomate e cebola produzida pela agricultura familiar, que por mês produz cerca de mil toneladas desses produtos nas refeições dos brasileiros. A produção é comercializada não só internamente

na Paraíba, mas para todo o país, indo para estados como Ceará, Pernambuco e do Sul e Sudeste. Dizendo que gera cerca de 600 empregos

Além do comércio e extração de minérios in-

Cubati é reconhecida pela extração de minérios como quartzo, feldspato, granito e betonita

dustriais não metálicos (feldspato, quartzo, bentonita e granito). Tem também a Festa Supercross, que atrai competidores de todo país e do estrangeiro. Esse evento acontece sem-

pre no início de julho e já faz parte dos festejos de aniversário da cidade. Para se ter ideia, na 29ª edição, em 2019, última vez que ocorreu a competição cerca de 30 mil pessoas passaram pela cidade.

Aspectos gerais

O município de Cubati se estende por 137 quilômetros quadrados e contava com 7.797 habitantes no último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010. A densidade demográfica é de 56,9 habitantes por km².

Cubati tem limites com os municípios Seridó, Sossogo e Olivados e se situa a 40 quilômetros a Sul-Leste de Parelhas a maior cidade nos arredores. O município está situado a 576 metros de altitude.

+ História, formação e emancipação

Com uma população de um pouco mais de sete mil habitantes, Cubati possui duas datas de emancipação política, deixando de ser distrito de Picuí, quando ainda se chamava distrito de Canoas. Uma é o dia 30 de abril de 1959 e a outra seis julho do mesmo ano, que foi quando ocorreu a primeira eleição municipal; essa última, inclusive, até hoje é quando os cubatienses festejam o aniversário da cidade.

O povoamento da região começou ainda no século passado, por volta de 1900, quando o escravo alforriado Manoel Maria de Barros recebeu do seu ex-senhor as terras onde fica a cidade. Segundo a assessoria de comunicação da prefeitura municipal, o ex-escravo logo aproveitou a localização para erguer um mercado para que quando os tropeiros passassem pudessem comercializar seus produtos. Nesse local, foi

construída a capela de São Severino Bispo, o padroeiro da cidade, que é festejado todo início de novembro.

Parque Múltiplo Uso

Um dos investimentos da cidade para ampliar o turismo foi a construção do Parque Múltiplo Uso, um espaço inaugurado que destaca não apenas por ser um ambiente destinado à prática de atividades físicas, mas se tornar um atrativo turístico bastante visitado por quem passa por Cubati. "Também estamos viabilizando com o governo estadual e federal parcerias para ampliarmos a infraestrutura da nossa pista de supercross, que atualmente possui cerca de um quilômetro, já que nosso evento é considerado o maior do Nordeste. A prática do supercross já é um patrimônio da nossa cidade", acrescenta o prefeito municipal José Ribeiro.

Foto: Divulgação



A cidade de Cubati é chamada de "Cidade do Supercross" devido à tradição de realizar evento desta categoria esportiva

Foto: Ascom/PMCubati



"Festa Supercross" de Cubati costuma atrair participantes da modalidade de todo o país e milhares de expectadores

Foto: Claudio filmagem



Plantação de tomate na zona rural do município que gera emprego e renda; produto é comercializado para todo o país

Foto: Claudio filmagem



O plantio de cebola é outro destaque da agricultura de Cubati, cuja produção, juntamente com o tomate, atinge mil toneladas mensais



Foto: Tranches/Divulgação

Majestade musical há 35 anos

'Rainha do Sertanejo', paraibana Roberta Miranda figura entre as sete mulheres com maior número de álbuns vendidos no Brasil

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

"Eu não me percebo com essa idade de jeito nenhum. Nunca na vida vou falar a idade certa", brinca, sem confirmar a idade correta, a cantora e compositora paraibana Maria Albuquerque Miranda, mais conhecida como Roberta Miranda. Oficialmente, a artista paraibana vai completar seus 63 anos na próxima terça-feira (28).

Porém, sobre o tempo de carreira, a 'Rainha do Sertanejo' não faz mistério: são 35 anos de sucesso que a colocam entre os 25 artistas da música com maior número de álbuns vendidos da história, e a sétima mais bem-sucedida entre as mulheres. "Até hoje os shows são lotados, muitos fãs e uma rede social bombando. Isso tudo faz com que eu agradeça a Deus pelos meus momentos, embora de muitas lágrimas, mas também de muitos sorrisos", avalia a compositora de sucessos como 'A Majestade o sabiá', 'Vá com Deus' e 'Sol da minha vida'.

Roberta Miranda nasceu em João Pessoa e emigrou para São Paulo com oito anos de idade, seguindo um irmão em uma família de professores. Apesar da pouca idade quando deixou sua cidade natal, as memórias desse tempo ainda marcam a vida da artista. "Eu me lembro de ir para Cabedelo para passear, buscar frutas, e de ir à Mata do Buraquinho para brincar. Isso não sai da minha memória de jeito nenhum. Embora tenha tido uma infância paupérrima, foi um período que marcou o resto de minha vida", relembra ela, que já nessa época ouvia por influência de sua mãe as duplas Cascatina & Inhana e Pena Branca & Xavantinho, influências que determinaram o rumo de sua carreira.

Enquanto segue radicada em São Paulo, Roberta Miranda sonha com "um lugar todinho seu" nas areias quentes da praia cartão-postal de João Pessoa. "Há alguns anos, procurei uma

casa para comprar em Tambaú, para passar minhas férias e voltar ao meu solo mãe, mas aconteceram alguns contratemplos que me fizeram desistir. Fiquei um pouco chateada por não conseguir realizar esse objetivo, mas amo muito minha terra e a minha praia, que é Tambaú", recente-se a artista.

A realidade de pobreza vivida em João Pessoa se repetiu na capital paulista, onde Roberta se dedicava ao estudo autodidata de violão, canto e composição. Ao final do ensino médio, a jovem decidiu não prestar os cursos pré-vestibulares e se dedicar à música, conciliando as apresentações em bares noturnos ainda menor de idade com a prática de maquiadora. A jornada dupla não evitava que Roberta enfrentasse a fome, enganada com a compra de uma *banana split*, consumida depois dos shows e antes de ir dormir.

"A gente vem com um preconceito por ser nordestina, ser mulher. Passei muita dificuldade em São Paulo para ser quem eu sou. Mas tinha que ser, porque queria dar dignidade à minha mãe durante a velhice", conta Roberta sobre a sua genitora, que sofria com as sequelas de um acidente quando parte da parede da casa onde vivia desabou. Ela está homenageada na canção 'Maria', composta pela filha. "Eu queria dar dignidade à minha mãe durante a velhice, já que este país não dá dignidade ao idoso. Um dos motivos que eu lutei muito foi por ela. Isso me lembro com frequência, mas agradeço muito a Deus por ter me dado tantas coisas lindas, boas e maravilhosas".

Renovação de fãs

A vida de Roberta Miranda só mudaria com a gravação de seu primeiro álbum, em 1986. A artista tinha como meta vender cinco mil discos para viabilizar um segundo trabalho. O LP que levava o seu nome vendeu um milhão e meio de cópias e a colocou como uma precursora de um ritmo que hoje tem nomes

de grande sucesso como Marília Mendonça, Paula Fernandes e as duplas Maiara e Maraisa, e Simone e Simaria.

"A própria história por si conta que quem abriu esse caminho do mundo sertanejo para as mulheres foi Roberta Miranda. Não há dúvidas. Fiquei por 25 anos reinando sozinha e pedia muito para que as mulheres entrassem para o mundo sertanejo", conta a paraibana, que possui uma boa relação com as artistas de gerações que se seguiram. "Nós temos as meninas do 'new sertanejo', que estão dominando o mercado e isso me deixa muito feliz, porque lutei bravamente por isso", conta ela, que se permite influenciar por modificações que o gênero sertanejo abrange. "Você tem que se modernizar, se renovar. Faço um pouco de piseiro com o nosso forró tradicional. Faço uma mistura. É um ritmo gostoso. Você tem que renovar cada vez mais para estar aí para a 'meninada'", explica.

Além de buscar novos públicos a partir de concessões que realizada na música sertaneja tradicional, as redes sociais de Roberta Miranda têm renovado seus fãs com postagens nas quais ela se apresenta de uma forma bastante descontraída, permitindo rir de si mesma e mesmo em poses sensuais. "Nas redes sociais, sou o que eu sou, mas as pessoas não sabiam. Viam sempre uma Roberta Miranda muito quieta, muito sisuda, muito séria por causa das canções que eu canto", frisa a dona do perfil que, apenas no Instagram, possui mais de 2,3 milhões de seguidores.

Neste ano, ela lançou o *single* 'Bom dia Minha Terra' (que no YouTube está quase chegando a um milhão de visualizações) e está terminando de gravar mais uma música para lançar em breve um videoclipe. "Eu sempre mostrei a que vim. A gente tem uma história marcada para sempre, eternizada através do meu legado", finaliza Roberta Miranda.

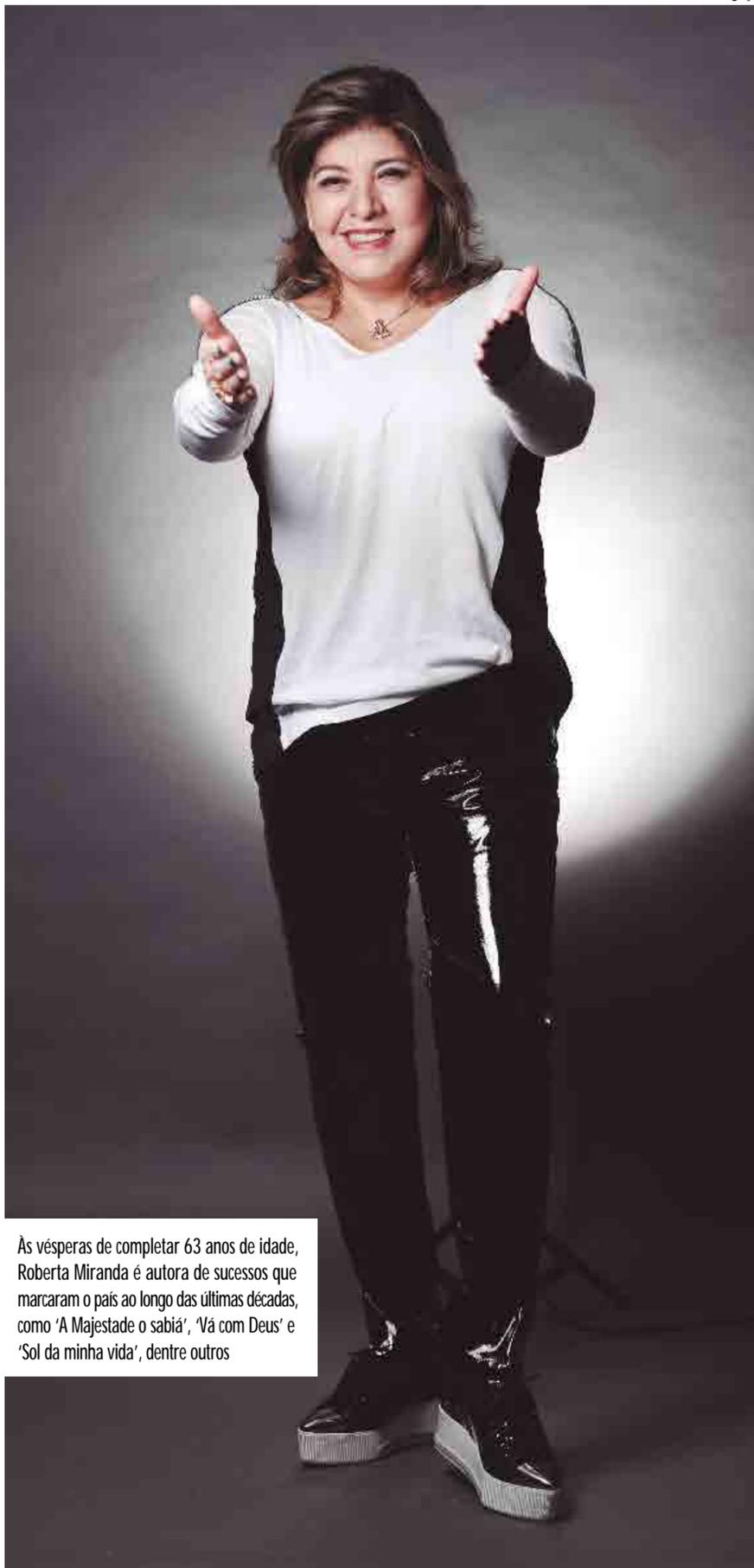


Foto: Paolo Martinelli/Divulgação

As vésperas de completar 63 anos de idade, Roberta Miranda é autora de sucessos que marcaram o país ao longo das últimas décadas, como 'A Majestade o sabiá', 'Vá com Deus' e 'Sol da minha vida', dentre outros

+ Reconhecimento como compositora veio com 'Majestade o Sabiá'



Imagem: Divulgação

Disco 'Vida' (1997), que tem a 'Majestade o Sabiá' no repertório, foi lançado 12 anos após a versão de Jair Rodrigues

A música 'Majestade o Sabiá' é o maior sucesso de Roberta Miranda e a transformou em um mito do sertanejo. Com mais de 100 regravações, a compositora só veio a gravar a canção em 1997, no álbum *Vida*, 12 anos após a versão de Jair Rodrigues (1939-2014). A música com temas bucólicos e falando de uma ave de canto melodioso típica da América do Sul foi

/// Ela viu meus móveis na rua, sendo despejada e me convidou para que morasse com ela. Era tudo o que eu queria: dignidade, uma cama, uma comida ///

criada em um pequeno apartamento no 14º andar de um prédio em São Paulo.

O apartamento em questão era da amiga cabeleireira Wanda Alves, que acolheu Roberta Miranda depois que a artista havia sido despejada de casa por questões financeiras e estava com os móveis já na calçada. "Ela viu meus móveis na rua, sendo despejada e me convidou para que morasse com ela. Era tudo o que eu queria: dignidade, uma cama, uma comida. Não bastasse a generosidade dela, ainda me deu um sabiá de presente, que é a Marilyn", relembra ela. O nome do pássaro fêmea era uma homenagem à atriz, modelo e cantora norte-americana Marilyn Monroe (1926-1962).

A canção foi primeiramente oferecida a Chitãozinho & Xororó, que declinaram da oferta por supostamente já terem em seu repertório um número

grande de canções citando pássaros brasileiros. Foi neste momento que Jair Rodrigues pediu sugestões de músicas para o seu novo álbum, chegando até a composição de Roberta Miranda. "Jair Rodrigues gravou e me deu essa honra de ser reconhecida como compositora", afirma a paraibana.

A canção tornou-se um dos maiores sucessos do cantor e o momento apoteótico em seus shows. Isso acabou inibindo Roberta Miranda de gravar a canção, para que o momento fosse completamente aproveitado por Jair.

Já a dupla sertaneja viria a gravar a música anos depois em conjunto com Jair Rodrigues e com um arranjo para orquestra realizado pelo maestro João Carlos Martins. Hoje, o manuscrito da letra escrita por Roberta Miranda é mantido em absoluto segredo pela compositora paraibana.

Artigo **Estevam Dedalus**
Sociólogo | colaborador

Semifinais da Libertadores

Na última semana ocorreram os jogos de ida das semifinais da Copa Libertadores da América. Na terça (21), se enfrentaram Palmeiras e Atlético-MG, no Allianz Parque. Um zero a zero modorrento. Sem grandes lances de perigo, jogadas de efeito, mas de muita briga e imposição física.

O Galo Mineiro teve 59% de posse de bola e onze finalizações a gol, contra 4 do Palmeiras. É uma equipe mais plástica que gosta da posse de bola, com jogadores virtuosos capazes de desequilibrar uma partida.

Não foi o melhor jogo do Atlético-MG na competição. Talvez pela retransmissão imposta pelo Palmeiras, que baixou demais suas linhas jogando praticamente da intermediária defensiva para trás. Em busca de um contra-ataque, uma bola vadia, de modo muito parecido ao que costuma jogar os times pequenos. O que deve ter descontentado os torcedores do Palmeiras.

Cuca armou o Atlético-MG com a primeira linha posicionada numa zona intermediária do campo. Na tentativa também de explorar contra-ataques e a conhecida dificuldade criativa do Palmeiras, quando é obrigado a ter a posse de bola.

O paraibano Hulk foi o melhor do jogo. No entanto, teve a infelicidade de perder um pênalti que daria enorme vantagem ao Galo na partida de volta, devido à regra do gol qualificado fora de casa. Acredito que essa semifinal está muito aberta, apesar de ver uma ligeira vantagem do Atlético-MG por jogar em casa com torcida e ter o melhor elenco. Eu diria que o Galo tem 60% e o Palmeiras 40% de chances de classificação.

A outra semifinal, entre Flamengo x Barcelona do Equador, aconteceu na última quarta-feira (22), no Maracanã. Uma partida mais vibrante, bem jogada, com gols e uma sucessão de lances de perigo. Digna de uma semifinal da mais importante competição sul-americana. Aqueles que acharam que o Barcelona iria ao Maracanã

para se defender, acabaram se surpreendendo. Os equatorianos atacaram o favorito Flamengo e conseguiram criar boas chances de gol, obrigando Diego Alves a fazer excelentes defesas.

Em grande medida, porque o Flamengo de Renato Gaúcho em momentos variados das partidas vem se comportando como um lutador de MMA que busca a trocação. Falta muitas vezes à equipe a tranquilidade e a capacidade de cadenciar a posse de bola, ditando o ritmo da partida. A sensação que me passa é a de que tem horas em que o time parece entrar num bang-bang, o que pode ser fatal contra uma equipe com maior qualidade técnica. Isso geralmente vem combinado com um espaçamento entre as linhas, deixando buracos para contra-ataques.

Todavia, um time que ouse atacar o Flamengo tende a deixar espaços. Foi o que aconteceu. Numa noite inspirada, Bruno Henrique marcou dois gols na primeira etapa da partida. Um de cabeça, depois de um belo cruzamento de Gabigol. Outro numa troca de passes entre Vitorino e Gabigol.

A vitória por 2 x 0 acabou saindo de bom tamanho para o Barcelona, que teve um jogador expulso no final do primeiro tempo. O Flamengo poderia ter matado a decisão nesse jogo se tivesse aproveitado a vantagem numérica e as chances de gols criadas. Apesar disso, acredito que a equipe rubro-negra sairá classificada para a final na próxima quarta-feira em Guaiquil. Com a regra do gol qualificado fora de casa, se o Flamengo fizer um gol no Equador, o Barcelona terá que fazer quatro para ir à final.

O Flamengo terá ainda a volta de Arrascaeta e de Felipe Luís, que estão se recuperando de contusão, elevando ainda mais o seu nível. Eu estimo uma vantagem de 80% a 20% para a equipe rubro-negra. Será um jogo tenso, de muita entrega, estratégias e gols.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Centro Educacional de Inovação e Tecnologia para jovens da PB

As inovações tecnológicas contribuem para construção do bem-estar social, de forma a atender as necessidades vitais da sobrevivência humana. O seu impacto de imediato surge no ambiente escolar e o público mais próximo são jovens, devido a escolas terem implantado o uso da tecnologia na matriz curricular, a fim de potencializar as competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entre tantas, destaque o desenvolvimento do pensamento científico, crítico e criativo, de forma a estimular a empatia e cooperação na pesquisa de ciência básica. A tecnologia educacional adapta o ambiente escolar de forma a transformar alunos e professores em criadores do seu próprio conhecimento, a fim de construir tecnologias aplicáveis ao meio social. Diante disso, deve-se inovar o modelo de escola no sentido de preparar alunos com competências para lidar com a dinâmica deste século 21.

O uso da tecnologia no processo educacional aperfeiçoa o modelo de ensino. Tem-se observado entre os alunos, alguns têm mais facilidade com textos; outros, com lógica e jogos; uns aprendem ouvindo ou escrevendo. Essa diversidade sempre foi um desafio para encontrar a melhor didática e adotar as psicologias das aprendizagens na prática pedagógica. Sempre os professores ministraram as próprias aulas diante de todos perfis de alunos em uma única aula e sala. Entretanto, com o uso da tecnologia, é possível personalizar o ensino de maneira que cada aluno se sinta mais participativo à sala de aula e a fixação do conteúdo, a partir do próprio método de aprendizagem. Quando a tecnologia é aplicada para desenvolver processos de avaliação, fundamentado nas habilidades e nas competências de cada aluno, o ensino passa a ser aplicado naquilo que o aluno precisa aprender para tornar-se útil ao meio social. O resultado dessa inovação tecnológica no processo de fixação dos conteúdos, tanto para o professor e aluno, várias instituições de ensino adotam novas tecnologias para impulsionar a participação de toda comunidade interna e externa em torno do ambiente escolar. Isso também se deve ao apoio da família durante o processo, porque se prioriza o projeto de vida do aluno ao estimular o protagonismo e proatividade, diante do bem-estar social. Esses ideais também são diretrizes da Organização para a



Foto: Roberto Guedes
Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba, professor Cláudio Furtado

Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que é uma organização das Nações Unidas que promove a paz mundial. O bem comum deve ser o bem-estar de todos! Para isso, faz-se necessário que o Estado invista em uma educação que preserve o respeito ao diálogo e a tolerância, e o acesso à educação para todos. Também deve-se priorizar a busca pela educação continuada, bem como a qualidade e igualdade do ensino para todos cidadãos. A educação tecnológica constrói uma sociedade mais justa e suportável e contribui na resolução de conflitos em suas dimensões sociais, políticas, culturais, econômicas e ambientais.

A Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba faz uso da tecnologia na educação. Este ano foi criado o Centro de Inovação e Tecnologia (Inotech), que é um modelo de educação voltado ao futuro global em sociedade, que oferece aos alunos a oportunidade de desenvolver competências e habilidades na área da tecnologia e inovação, que ajudarão na inserção de carreiras do futuro. O objetivo é proporcionar aos alunos se qualificarem através de um percurso formativo do Ensino Médio Integrado ao Técnico até o Ensino Superior na área de Tecnologia, em parceria com empresas e Laboratórios de Ensino Superior. A matriz curricular está articulada para o desenvolvimento de competências e habilidades através das práticas de aprendizagem diversificada, entre essas tem-se: raciocínio lógico aplicado a linguagem falada e escrita

erudita, também a matemática e programação de computadores; o processo de mentoria e aprendizagem personalizada para todos alunos; certificações durante o processo de formação técnica; o uso de metodologias ativas e inovadoras; alunos e professores receberam qualificação de aprofundamento em línguas estrangeiras. Essa formação profissional técnica de nível médio em tecnologia e computação está inspirada no currículo de referência do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (Cieb), onde é articulado para o aluno: hardware e manutenção de computadores; redes e segurança de computadores; aplicativos computacionais e sistemas para internet.

A estrutura operacional do Inotech apresenta um *hub* de inovação, seis salas interativas digitais, um laboratório *maker*, um laboratório de manutenção, um laboratório de redes e desenvolvimento, laboratório de lógica e xadrez e diversos equipamentos para dar suporte ao aprendizado inovador. O Inotech conecta a sala de aula ao cotidiano dos alunos, de forma a aproveitarem jogos pedagógicos on-line, que têm disponíveis nas próprias casas. O aluno, ao sair do teórico para a realidade virtual, tem mais possibilidades de compreender como o conhecimento surge. Isso é atrativo para que se sintam comprometidos com a própria aprendizagem. Algumas ferramentas tecnológicas do Inotech estão na plataforma Google Classroom, que permite interagir professores e alunos quando usam registro das atividades e o intercâmbio com estudantes de outros países através de e-books, vídeos e infográficos; usa-se a Gamificação, que é o uso dos jogos para transformar atividades que se tornem desafios para os alunos; inclui-se programas que estimulam os interesses dos alunos por pesquisas científicas; através do uso da realidade virtual, os alunos visitam países; na realidade aumentada, o aluno interage com fenômenos, por exemplo, a fecundação de um óvulo. Diante dessa inovação educacional, o cientista da computação Alan Kay (1940) afirmou: "A melhor maneira de prever o futuro é inventá-lo".

■ Sinta-se convidado à audição do 337º Domingo Sinfônico, deste dia 26, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer Antonín Leopold Dvořák (1841-1904).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A memória do beijo

O mandamento crucial diz que a covid-19, além de matar, continua matando, mas isso é óbvio. Sim, mas o vírus levou nossos beijos. Os beijos que dávamos nos amigos, nos amores, os beijos de lasciar o cano.

Aliás, quando eu era menino escutava dizer, que nos enxovais as noivas levavam lençóis branquinhos com um buraco no meio, de onde certamente escorria o sangue, quando os sexos adentravam o túnel sagrado em busca dos sete buracos da cabeça e surgiam abafados na escuridão. Isso não existe mais, claro.

Não quero falar sobre o intercuro, não sou careta. Sou um bicho de sete cabeças.

Todos nós estamos no disjuntivo do crê ou não crê e do *inacrê* ou morrer sem entender, coisas do imperativo dogmático primordial das religiões antigas. Será?

Das religiões monoteístas, eu não entendo nada. Mas alguns ainda insistem que se deva fazer parte do mundo pagão da política terrena e secular de nossos dias e noites em claro. Meu medo, meu medo, meu medo.

Me explico: tenho recebido mensagens que tentam me convencer que estou delirando muito nos meus escritos, neste modesto mundinho da província neural. A pressão é lícita, tudo bem. Manda bronca Sr. K.

Falando em beijo, o da mulher aranha, ainda tenho marcas de teias de sangue correspondido e ainda hoje lembro do beijo que a então senadora petista de Santa Catarina, Ideli Salvatti, deu no senador José Sarney, no flagrante do fotógrafo Lula Marques. Eu juro.

A cena onde não se afirmavam firmes nas relações que iriam além do que Sérgio Buarque chamou de "relações cordiais" do brasileiro, ficou para trás. Tudo se acaba. Estão, mais para o epíteto específico de suas relações carnavais... bem, deixa pra lá. Isso foi em 2007. Mas foi um beijaço.

Quando as criaturas são adultas, hoje mais do que nunca vacinadas... e se amam! Não é lindo, gente? Eu acho. Eu não acho nada. Nem ferradura, nem dinheiro no chão.

Nunca mais vi Dona Celeuma, certamente, está entocada com medo da variante Delta. Deixa quieta.

Eu procuro muito a linguagem da sedução. Mas nada é melhor do que um beijo roubado. A mulher de farda, que me acena no supermercado, acho que já passou do ponto, mas é apaixonada pelo seu trabalho e pelo amante dos sonhos, o carteiro que gritou com uma carta na mão. Não entendo isso, se já foi, fique na sua, nua ou de calcinha, que eu gosto mais.

A paixão é a memória do beijo. Eu me inspirava, mas desconfiava de Giacomo Casanova para as ideias românticas eróticas ideais totais e a experiência de um amor numa fuga romântica, as melhores chances. Dizem que ele era o homem que nasceu para as mulheres. E eu, e eu, e eu sem elas?

Adoro lingerie dourada da cor dos pelos juvenis, para agradar a ninguém e tornar o momento mais prazeroso. A lingerie matou o lençol com o buraco no meio, alguns bordados e cambraias. Mas eu quero beijar. Beija eu, beija eu, me beija.

A vizinha quando passava com a saia cleptomaniaca, sua boca carnuda era sempre menos que uma romântica robusta. Hoje ela aparece triste. Deve ter desaprendido a beijar. O tempo a matou.

Onde estávamos? Ah, Chaplin em política, era anarquista. Odiava governos, normas e grilhetas. Não aceitava animais enjaulados e queria as pessoas livres.

Uma vez flamengo, flamenco até morrer. Outra vez regressado a memória do beijo, decidirei escrever sobre a diversidade dos corpos, que embora distantes mostram que ainda somos os mesmos em qualquer parte da cama, o que constitui um manifesto erótico *demodê*. Esqueçam, o beijo não tem memória, sequer estalos.

Em relação aos efeitos dos coitos interrompidos e aos compartilhamentos, o beijo na boca já é uma saída para outras entradas.

Kapetadas

1 - Evitar a fadiga tem sido o meu esporte preferido.

2 - O que fazer com quem não tem capacidade cognitiva de entender meu texto?

3 - Som na caixa: "Aquele beijo que te dei, Nunca, nunca mais esquecerei", Roberto Carlos.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Em 'As Espiãs de Churchill', um olhar feminino no cinema

Não foram poucos os filmes que retrataram a história das civilizações, sobretudo das guerras. Porém, quase nenhum deles sustentou a mulher no comando de uma direção. Sua presença no cinema sempre foi à frente das câmeras; jamais por detrás delas. Durante muitos anos a mulher foi apenas um mero "ícone estético" de charme e beleza visual na telona e na telinha.

O tempo passou e a coisa hoje tem mudado de figura, fazendo com que elas tenham uma posição de igualdade e responsabilidade no mercado produtivo do cinema, não apenas como atrizes, mas guiando suas próprias realizações. E isso vem ocorrendo não apenas nos atuais movimentos audiovisuais locais, que tão bem conhecemos, mas no país e no mundo todo.

Sem querer destacar nomes, sobretudo da realização paraibana, afirmo que o crescimento do número de mulheres na direção de obras já é bastante considerável. Sobretudo, quando assistimos aos filmes estrangeiros. Cada vez mais elas têm mostrado uma sensibilidade diferenciada no fazer de suas produções, o que vem faltando a alguns diretores novos, embevecidos com as novas tecnologias audiovisuais e suas bizarras virtualidades.

A rigor, isso se comprova através dos streamings nossos de cada dia. É só verificar o número de produções interessantes não apenas dirigidas, mas totalmente produzidas por mulheres, ocupando um mercado que, outrora, fora totalmente masculinizado.

Esta semana, ainda sob "clausura antipandêmica", recorro à Netflix e vejo



Atriz Sarah Thomas interpreta uma das espiãs de Churchill na produção americana de 2019

Foto: Divulgação

o interessante *As Espiãs de Churchill (A Call to Spy)*. Trata-se de uma produção americana de 2019, que tem como foco a Segunda Guerra Mundial, precisamente, durante a ocupação alemã na França, no início dos anos 1940. A direção é de Lydia Dean Pilcher, americana advinda do documentarismo, e segundo dados publicados, com larga experiência na produção de cinema e televisão, com indicações inclusive ao Oscar.

O discurso do filme, com mais de duas horas de duração, é centrado na participação dos ingleses junto à Resistência Francesa, contra a ocupação dos nazistas em território francês. Mas, a história não se preocupa muito com os detalhes e estratégias do inimigo, mas com a presença feminina nessa guerra, cujo enredo e as performances das atrizes são realmente satisfatórios. Que se dê destaque, inclusive,

à personagem Virginia Hall (Sarah Megan Thomas), a espiã que comanda toda a operação aliada contra os nazistas.

A direção minimiza os detalhes já vistos e revistos em outros filmes do gênero, em que o nazismo figura como personagem central. Neste, a direção prioriza a mulher, valorizando a seriedade e sua importância como espiã no contexto da ocupação em Paris. Enfoque esse nem sempre dado pelo cinema com sutilezas, agora fundamentado em personagens reais como o de Helen Taylor Thompson, remanescente de guerra, hoje com de 90 anos de idade.

É uma obra atraente a se assistir, diante de tantas baboseiras impostas a *nosotros* latinos pelo próprio streaming. – Mais "coisas de cinema", acesse a nossa página na Internet: www.alexantost.com.br.



API lembra o pioneirismo de seu patrono

Patrono da Cadeira 5 da Associação Paraibana de Cinema (APC), esta semana, se vivo fosse, o paraibano Severino Alexandre Santos completaria 107 anos de idade. Pioneiro construtor de suas salas cinema e exibidor, em Santa Rita e distritos, Seu Alexandre destacou-se como um dos maiores investidores do ramo da cinematografia no Estado.

Natural da região do Brejo paraibano, de herança genética portuguesa, Severino advém de família tradicional, José Gonçalves, que aqui chegou por volta de meados do século 18, adquirindo terras e fundando engenhos de cana-de-açúcar, fixando-se e dando origem à Vila de Independência, hoje de nome Guarabira.

Em cartaz

ESTREIAS

A ABELHINHA MAYA E O OVO DOURADO (Maya the Bee 3: The Golden Orb. Alemanha e Áustria. Dir: Noel Cleary e Alex Stadermann. Animação, Aventura e Comédia. Livre). Quando Maya, uma pequena abelha teimosa, e seu melhor amigo Willi resgatam uma formiga princesa, eles se encontram no meio de uma batalha épica de insetos que os levará a estranhos mundos novos e testará sua amizade até o limite. CINEPOLIS MANAIRA 8 (dub.): 13h05 (somente sáb. e dom.) - 15h55; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h - 16h15; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h20 - 18h15; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h20 - 18h15.

A CASA SOMBRIA (The Night House. EUA. Dir: David Bruckner. Terror, Thriller e Suspense. 14 anos). Lutando por conta da morte inesperada de seu marido, Beth (Rebecca Hall) vive sozinha em sua casa à beira do lago. Ela tenta o melhor que pode para se manter bem, mas possui dificuldades por conta de seus sonhos. Visões perturbadoras de uma presença na casa a chamam, acenando com um fascínio fantasmagórico. Indo contra o conselho de seus amigos, ela começa a vasculhar os pertences do falecido, ansiando por respostas. O que ela descobre são segredos terríveis e um mistério que está determinada a resolver. CINEPOLIS MANAIRA 4: 13h45 (dub.) - 16h15 (dub.) - 18h45 (dub.) - 21h15 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 17h50 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h50 - 20h.

GAROTA DA MOTO (Brasil. Dir: Luis Pinheiro. Drama. 14 anos). Joana (Maria Casadevall) é uma jovem mãe que trabalha como motogirl e que descobre acidentalmente uma fábrica em que mulheres refugiadas são exploradas como escravas. Quando ela enfrenta os bandidos e liberta as reféns, ela acaba atraindo para si um novo problema: o chefe de segurança que controlava o esquema. Ele decide que irá matar Joana e quem mais estiver com ela. CINEPOLIS MANAIRA 8: 17h30 - 19h30.

NO RITMO DO CORAÇÃO (Coda. EUA. Dir: Sian Heder. Drama e Comédia. 14 anos). Uma família com deficiência auditiva comanda um negócio de pesca em Gloucester, nos Estados Unidos. Ruby (Emilia Jones), a única pessoa da família que escuta, ajuda os pais e o irmão surdo com as atividades do dia a dia. Na escola, ela se junta ao coral, onde acaba se envolvendo romanticamente com um de seus colegas. Com o tempo, ela percebe que tem uma grande

paixão por cantar e seu professor a encoraja a tentar entrar em uma escola de música. A jovem, então, precisa decidir entre continuar ajudando sua família ou ir atrás de seus sonhos. CENTERPLEX MAG 2: 15h30 (dub.) - 20h15 (leg.); CINEPOLIS MANAIRA 11 - VIP (leg.): 14h15 - 16h50 - 19h40; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h45; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h15.

O SENTIDO DA VIDA (The Meaning of Life. Portugal. Dir: Miguel Gonçalves Mendes. Documentário. 14 anos). Sete histórias que colidem e se confrontam: um comediante, um cantor, um político, um realizador, um filósofo, um escultor e um astronauta serão os personagens. Uma CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 17h50.

CONTINUAÇÃO

ESCAPE ROOM 2: TENSÃO MÁXIMA (Escape Room 2: Tournament of Champions. EUA. Dir: Adam Robitel. Terror e Suspense. 14 anos). Inadvertidamente, seis pessoas ficam trancadas numa sucessão de salas de fuga, lentamente descobrindo o que têm em comum para sobreviver... e descobrindo que todas elas já jogaram este jogo antes. CINEPOLIS MANAIRA 2 (dub.): 19h20 - 21h20; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 19h - 21h10; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 19h - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 19h - 20h45.

MALIGNO (Malignant. EUA. Dir: James Wan. Terror e Suspense. 16 anos). Madison (Annabelle Wallis) passa a ter sonhos aterrorizantes de pessoas sendo brutalmente assassinadas. Ela acaba descobrindo que, na verdade, são visões dos crimes enquanto acontecem. Aos poucos, ela percebe que esses assassinatos estão conectados a uma entidade do seu passado chamada Gabriel. CINEPOLIS MANAIRA 7 (dub.): 17h45; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 18h30.

MATE OU MORRA (Boss Level. EUA. Dir: Joe Carnahan. Ação, Suspense e Ficção Científica. 16 anos). Roy Pulver (Frank Grillo) é um ex-agente das forças especiais que se vê forçado a reviver o dia de sua morte inúmeras vezes. Ele acorda sendo perseguido por assassinos e, de uma forma ou de outra, acaba sempre morrendo no final. Enquanto luta para chegar ao fim do dia com vida, Roy descobre uma mensagem de sua ex-esposa revelando o envolvimento do cientista Ventor nesse ciclo mortal e percebe que a sua família também corre perigo. CINEPOLIS MANAIRA 8 (dub.): 21h30 (exceto

quin.). CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h15; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 20h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h.

PATRULHA CANINA: O FILME (Paw Patrol: The Movie. EUA. Dir: Callan Brunker. Animação. Livre). O filhote Ryder e seus amigos têm um grande desafio: impedir o novo prefeito da cidade, Humdinger, de causar muitos problemas. Juntos e equipados com muita tecnologia, a Patrulha Canina luta para salvar os moradores da Cidade da Aventura. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h; CINEPOLIS MANAIRA 2 (dub.): 13h (somente sáb. e dom.) - 15h - 17h10; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h10 (somente sáb. e dom.) - 15h - 17h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h45 - 18h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h45 - 18h30.

O PODEROSO CHEFINHO 2: NEGÓCIOS DA FAMÍLIA (The Boss Baby: Family Business. EUA. Dir: Tom McGrath. Comédia e Animação. Livre). Os irmãos Tim e Ted, agora estão adultos e vivendo vidas separadas. Enquanto Tim construiu uma vida calma no subúrbio com sua esposa, Carol, e as filhas, Tabitha e Tina, Ted se transformou em um mega empresário que resolve todos os problemas com dinheiro. Mas quando Tim descobre que sua filha caçula também é agente do BabyCorp, ele precisará da ajuda do irmão mais novo para lidar com a situação. CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h30 (somente sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h30 (somente sáb. e dom.).

SHANG-CHI E A LENDA DOS DEZ ANÉIS (Shang-Chi and the Legend of the Ten Rings. EUA. Dir: Destin Cretton. Ação, Aventura e Fantasia. 12 anos). Shang-Chi (Simu Liu) é um jovem chinês que foi criado por seu pai em reclusão para que pudesse focar totalmente em ser um mestre de artes marciais. Entretanto, quando ele tem a chance de entrar em contato com o resto do mundo pela primeira vez, logo percebe que seu pai não é o humanitário que dizia ser, vindo-se obrigado a se rebelar e traçar o seu próprio caminho. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 17h - 19h45; CINEPOLIS MANAIRA 7 (3D): 14h45 (dub.) - 20h30 (leg.); CINEPOLIS MANAIRA 9 (dub.) - MacroX: 14h - 17h - 20h; CINEPOLIS MANAIRA 10 - VIP (leg.): 15h20 - 18h10 - 21h; CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h10 - 18h - 21h; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (3D dub.): 14h15 - 17h15 - 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h30.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Alguns contos de minha vida

Adoro fazer listas. De um tudo, em especial de coisas literárias. Quem faz listas deste tipo, de certa maneira faz a gestão da beleza, nas suas misteriosas virtualidades. Lista dos 10, 15 ou 20 melhores sonetos e poemas, crônicas preferidas, romances inescrutáveis ou contos amados, não importa. Importa mesmo o fervor de listar, em escalas específicas ou critérios gerais, aqueles textos que bateram forte na alma da gente e calaram fundo nas reservas emotivas do velho coração.

Se for de contos, curtos, médios e longos, estes quase novelas, a me valer do fator quantitativo nem sempre confiável, embora às vezes urgente e necessário, gostaria de compartilhar com você, caro leitor, algumas sugestões que reputo do melhor quilate, entre autores de lá fora e de cá de dentro, da Língua Portuguesa e de outros idiomas estrangeiros.

Penso logo em três colunas vertebradas da contística mundial, como Anton Tchekov, Guy de Maupassant e Katherine Mansfield, alicerçando uma tradição que vai do melhor realismo psicológico e social às inquietações difusas do texto moderno. Do russo, lembro-me de *Enfermaria número 6*, *O assassinato* e *O professor de letras*; do francês, impossível não citar *Bola de sebo*, *A pensão Thellier* e *Em família*; da novazelandesa, aprecio, em particular, *Felicidade*, *Na praia* e *Je ne parle pas français*.

Em geral são contos longos, densos, dolorosos, carregados de ressonâncias existenciais que podem servir para temperar as fibras frouxas de nossa pequenina condição humana. Nesta mesma linhagem, convoco Tolstói, com *A morte de Ivan Ilich*, segundo Otto Maria Carpeaux, o conto mais perfeito da literatura universal; *O padre Sérgio* e *Memórias de um louco*. E já que falei num russo, não posso olvidar o belo e pungente conto de Maxim Gorki, intitulado *Konoválov*, lido na adolescência e relido a vida inteira com estesia sempre renovada.

De Henry James, este anglo-americano como T. S. Eliot, com suas sofisticadas incursões pelo universo ambivalente da vida literária, destaco *A lição do mestre*, *O desenho do tapete* e *A vida privada*, escritos sob as espátulas da mais fina e sutil ironia e com inteiro conhecimento de causa acerca dos intrigantes dilemas das ilusões literárias.

Na língua espanhola, quem o lembra, pelo menos dentro de certa perspectiva, é o Jorge Luís Borges dos labirintos discursivos e do ceticismo estético diante das fábulas do mundo. Do argentino genial, vamos ler *O outro*, *A biblioteca de Babel*, *Pierre Menard* e *As ruínas circulares*. De outro argentino, Julio Cortázar, chamo a atenção para *A autoestrada do sul*, *A saúde dos doentes* e *O perseguidor*, este um relato destemido e poético sobre a vida de Charlie Parker e os meandros sombrios do jazz.

Na língua espanhola, no entanto, há um livro que vale por uma lista, uma lista de ouro de contos extraordinários. Quero me referir a *Doze contos peregrinos*, de Gabriel García Márquez, livro no qual trabalhou 18 anos para chegar à forma final que almejava dentro da mais rigorosa exigência artística. Todos os contos são simplesmente geniais, mas aposto na grandeza singular e absoluta destes três: *O avião da bela adormecida*, *Só vim telefonar* e *O rastro de sangue na neve*.

Va lá, leitor, e confira. Você jamais achará que me equivoquei! Ora, e quanto aos de casa?

Meu amado Machado de Assis me parece o paradigma insubstituível. Ninguém sai impune da leitura de *A cartomante*, *A missa do galo*, *A causa secreta*, *Cantiga de esponsais*, *Noite de almirante* e de *Uns braços*, principalmente *Uns braços*, dissecado, com olhar de mestre pela intuição crítica do poeta Lêdo Ivo, em ensaio magistral.

E há tantos outros contistas de primeira. Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Sérgio Sant'Anna, Dalton Trevisan, Luís Vilela, Hélio Pólvora, Moacyr Scliar, Aramis Ribeiro Costa, Breno Acioly, Heleísa Seixas, Moreira Campos e Antônio Bulhões, com exemplos de contos que podem integrar a lista mais refinada.

Outro dia darei notícias do que li e escolhi destes autores.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344-5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Edinaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Livro é testemunho fotográfico das feiras livres na pandemia

Em '3 é 5', Dani Tranchesi registra uns dos poucos lugares que não pararam de funcionar durante a crise sanitária

Da Redação

A fotógrafa Dani Tranchesi sempre teve interesse por registrar os mercados e feiras livres em suas incursões internacionais e pelo Brasil. Fascinada pela diversidade de pessoas, objetos, comidas e pelo movimento caótico e frenético das feiras, ela não parou mais de registrar esses locais.

Seus planos eram viajar pelo país e realizar uma segunda parceria com Diógenes Moura, curador da sua exposição anterior, *Lindo Sonho Delirante*, mas a pandemia de covid-19 inviabilizou o projeto. Como as feiras livres eram uns dos poucos lugares que não pararam de funcionar naquele momento, aliado ao fascínio que a fotógrafa nutria pelo tema, o projeto do livro *3 é 5* (Vento Leste, 176 páginas, R\$ 128) naturalmente se impôs para ela.

"A feira livre vem desse registro de garra, de migrantes do Brasil inteiro que chegam para trabalhar em São Paulo. Elas têm essa atmosfera alegre, apesar das dificuldades do ofício e da pandemia da covid-19", conta Dani Tranchesi. "Os feirantes tiveram que continuar trabalhando. Obviamente, quando começamos a fotografar as feiras, tivemos que tomar todos os cuidados e

seguir à risca todos os protocolos sanitários (uso de álcool em gel, da máscara e o distanciamento). Percebi que era uma grande oportunidade registrar as feiras acontecendo dentro de uma pandemia da covid-19 e acredito que isso deu ao livro *3 é 5* uma força ainda maior. A pandemia potencializou o registro e o resultado final do trabalho fotográfico".

As 95 imagens da obra documentam a montagem e desmontagem de quatro feiras em São Paulo durante o ano de 2020, seus personagens – feirantes e fregueses –, além da movimentação frenética e caótica do local. Registram, sobretudo, o espetáculo lúdico dos espaços e evidencia os feirantes, dando-lhes nome e sobrenome. "Para mim, como fotógrafa, não tem a menor graça registrar somente coisas, sem a história delas e das pessoas. Por isso, gosto de fotografar as pessoas onde elas estão, com as coisas ao redor delas. Adoro os retratos também, mas prefiro ampliar o que está em volta", explica a autora. "Quando a gente resolveu fazer os retratos, já adiantando uma das perguntas lá na frente, não dava para ser em outro lugar que não a rua. Por mais que eu tivesse achado um fundo improvisado, tinha que ser ali na rua. Não adian-

tava tirar a pessoa completamente fora do contexto do seu trabalho, ou seja, do registro das feiras. Ao decidir fazer os retratos, não pensamos em hipótese alguma colocá-las em estúdios e descontextualizar o ambiente do trabalho das pessoas. Daí a necessidade do registro na rua, próximo às feiras, mesmo em um estúdio improvisado. As pessoas e as coisas estão muito ligadas nas minhas fotografias, sim".

A obra *3 é 5* vem acompanhado de dois QR Codes que dão acesso aos textos do curador Diógenes Moura, divididos em cinco partes: *A Ópera, Os Olhos, O Beijo, O Plural e Os Nomes*. "No processo de edição os textos vêm em páginas soltas, como um marcador", detalha Tranchesi. "Eles podem ser trocados de lugar, mudando a sequência emocional do livro, como um jogo de cartas, que o leitor vai trocando para entender ou não o que as imagens pretendem dizer. Aí é que está a grande cartada: ver ou enxergar? Os textos seguem a linha dramática de tudo o que escrevo. Penso que é mais civilizado respeitar o leitor, propor uma descoberta. A maioria dos textos escritos por curadores de fotografia são opacos. Cada um deles, os curadores, estão sempre querendo provar alguma coisa: ou que são eruditos e po-

luem a escrita com dezenas de referências; ou são técnicos/cronológicos e não atingem os músculos das imagens; ou se sentem em conflito por estarem 'falando sobre a obra dos outros'. Nesse caso, não será a fotografia que irá resolver. Trata-se de uma questão de psicanálise".

Além do livro, foi produzido um curta-metragem homônimo, realizado pelo cineasta Pedro Castelo Branco, que foge do formato de *making of* de bastidores e se revela uma obra complementar e distinta do livro. Com seu preto e branco, e uma trilha sonora orgânica, que vai de um compositor clássico como Johannes Brahms ao Quinteto Armorial, e usando o Cinema Direto como linha narrativa, o filme expõe o ofício de um feirante em meio a pandemia, mas não deixa de fabular sobre os personagens com o humor ao mostrá-los abordando os fregueses com suas falas peculiares. "O resultado final terminou sendo muito bom por conta dos nossos olhares que se relacionam e se completam", frisa Dani Tranchesi. "Acabou sendo um olhar ao mesmo tempo próprio e comum. Acredito que irei fazer outros trabalhos unindo fotografia e cinema".



Obra da fotógrafa Dani Tranchesi (ao lado) vem acompanhada de QR Codes que dão acesso aos textos do curador do projeto, divididos em cinco partes: 'A Ópera', 'Os Olhos', 'O Beijo', 'O Plural' e 'Os Nomes'.

Foto: Divulgação

Fotos: Dani Tranchesi/Divulgação



Na obra, 95 imagens documentam a montagem e a desmontagem de quatro feiras em São Paulo durante o ano de 2020, além de seus personagens, feirantes e fregueses, além da movimentação frenética e caótica do local

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

É preciso pensar grande mesmo com o coronavírus

Quase metade da década de 1960. Não o primeiro disco produzido na Paraíba. Recordo o primeiro que vi, peguei nas mãos, escutei. Era um compacto duplo que misturava poemas de Homero Morgon (pseudônimo do então governador Pedro Gondim) e um arranjo do único samba que é hino, embora não oficial, neste País: 'Meu sublime torrão'. A vida dessa música de Genival Macêdo é tão longa entre nós, tabajaras, que nem 'Aquele abraço' conseguiu ser cultuado entre eles, cariocas, com *réveillons* de Copacabana, carisma baiano de Gilberto Gil e tudo o mais que as águas da Guanabara permitirem (comparando com 'Meu sublime torrão' em João Pessoa). Mesmo que não existam gansos na Lagoa, mas gaiotas, nem as morenas tão gentis ostentem mais os seus perfis numa noite de luar.

Quase final da década de 1960. O primeiro disco do que poderíamos chamar de MPB "made in PB" foi um compacto produzido pela Sociedade Cultural de João Pessoa, à frente do saudoso jornalista Expedito Gomes. Destacava-se a música vencedora do 1º Festival Paraibano de MPB, realizado por Expedito: 'Meação', de Luiz Ramalho. A música mais famosa de Luiz Ramalho apareceu duas décadas depois: 'Foi Deus que fez você', vice-

campeã do Festival MPB-80, da Rede Globo, cantada por Amelinha. O compacto vendeu mais de um milhão de cópias e a canção foi a primeira no Brasil a figurar na primeira posição das paradas de sucessos.



Perto do final da década de 1990. Passados tantos compactos, *elepês* e *cedês* aqui produzidos, uma constatação. Fora da Paraíba, produzidos aqui, repercutiram somente os discos de Flávio José (foto) e Pinto do Acordeon (em rádios nordestinas) e



Foto: Divulgação

do Quinteto Brassil (nos EUA e alguns países da Europa, onde a britânica Nimbus Records solta sua produção no mercado).

O motivo para os êxitos de Flávio, Pinto e do Quinteto foi somente um: não limitaram-se a fazer seus discos. Correram atrás da distribuição mesmo que não tenha sido nacional, foi um passo enorme. Afinal, tocar em todo o Nordeste é como se fosse para um país inteiro. O introito não foi em busca de um tempo perdido. Foi para localizar com mais *insight* o presente.

Não devemos continuar a produzir discos e mais discos que não repercutem fora da Paraíba. Devemos fazer com que esses discos sejam distribuídos no mercado nacional e, alguns, até exportados.

Numa das suas vindas a João Pessoa, no segundo semestre de 1996, o saudoso compositor e produtor Belchior esteve entre nós e conversou com o então governador José Maranhão. Foi definido o projeto de instalação de um polo fonográfico na Paraíba, e não apenas de uma gravadora. Numa entrevista à imprensa, Belchior definiu claramente o que poderia ser esse polo, como benefícios a ser usufruídos por estúdios ou selos então aqui instalados, como o SG e a Acácia.

Cerca de três a quatro meses depois, conversando com o comunicador Tony Show, em coquetel no Hotel Globo, ele me revelou que foi procurado para liderar publicamente, através do rádio, um movimento para solicitar ao governador José Maranhão que não desse incentivos a iniciativas como as de Belchior, e posteriormente de Tim Maia, ou de qualquer outra pessoa "de fora".

Olha a xenofobia aí, gente! A alegação era de que já tínhamos estúdios e produtores por aqui. Tony me afirmou que não embarcaria numa desse tipo.



Um polo fonográfico permitiria escoar nacionalmente uma produção limitada ao território entre Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Acho que o assunto não está morto. Conheço compositores e produtores dispostos a um projeto, juntando-se esforços dos que nasceram aqui, trabalhem entre nós, com os dos que vêm de qualquer parte para colaborar. Sim, a aldeia é global.

Sim, é preciso pensar grande em dias velozes, mesmo com a pandemia do novo coronavírus.



Foto: Agência Estado

Estado fará levantamento para ter radiografia de temporários

Dados trarão detalhes sobre funcionários não efetivos contratados em todas as áreas da Administração na PB

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A Secretaria de Estado da Administração da Paraíba está realizando um levantamento de quantos servidores temporários há no quadro do Estado. Os dados trarão mais clareza para a quantidade de funcionários não efetivos contratados. No último ano, a Paraíba investiu, principalmente, na contratação de profissionais de saúde. Ao todo, foram mais de 2,6 mil funcionários destinados a atuar exclusivamente nas unidades de covid-19.

Apesar do maior número de contratações para a Secretaria Estadual de Saúde, com o acréscimo de 2.616 profissionais de saúde na pandemia, ainda assim o Estado não extrapolou os seus limites de gastos.

De acordo com o secretário Chefe da Controladoria Geral do Estado (CGE), Letácio Tenório Guedes Júnior, o Estado, como um todo, comprometeu 58,23% da sua despesa com o pagamento de servidores. O percentual está dentro do limite da Receita Corrente Líquida, que é de 60%. “Apesar das contratações feitas para o combate à pandemia, estamos dentro do limite estabelecido pela RCI, cumprindo os limites legais de gastos”, explicou.

Recentemente, na última quinta-feira, o Tribunal de Contas do Estado (TCE -PB) emitiu um alerta para o Governo do Estado, para que sejam adotadas medidas de prevenção ou correção nos contratos. A soma mensal das remunerações dos contratados da folha de

pagamento equivale a uma despesa de pouco mais de R\$ 88,5 milhões. A análise levou em conta dados informados ao Tribunal de Contas de janeiro de 2016 até junho de 2021.

De acordo com os achados da auditoria, as secretarias de Saúde e da Educação e da Ciência e Tecnologia abrigam mais de 96% dos vínculos do tipo. Na secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia constam 9.604 (33,12%) contratados. Já na secretaria da Saúde o número sobe para 18.372 (63,36%). Na secretaria de Administração Penitenciária existem 116 (0,40) agentes públicos contratados por excepcional interesse. Na secretaria de Desenvolvimento Humano são 884 (3,05) e em outros órgãos existem 20 (0,07) contratados.

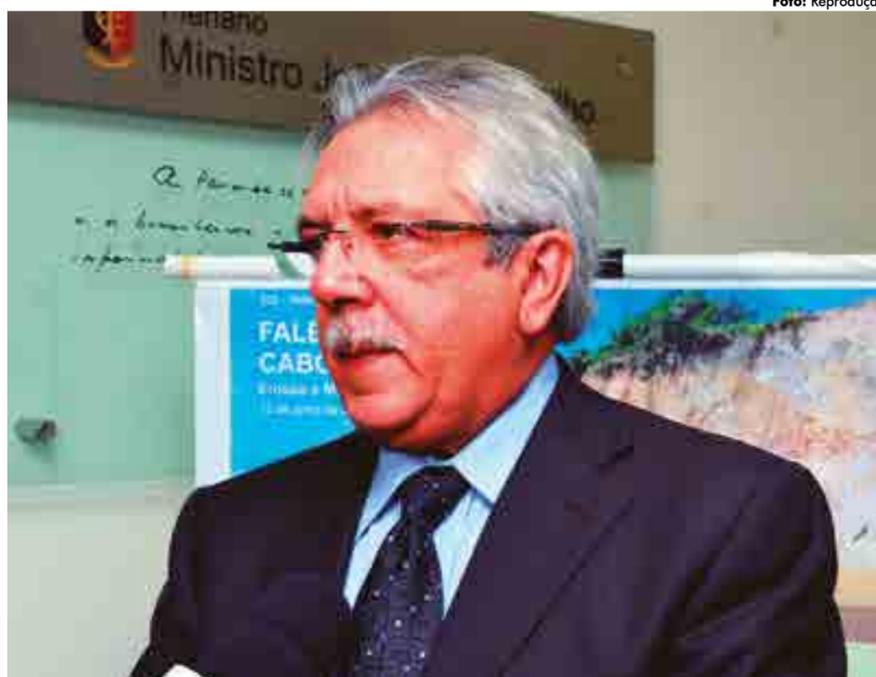


Foto: Reprodução

Fernando Catão, presidente do TCE, alerta para o perigo da contratação temporária perder a finalidade e tornar-se rotina

+ Excesso de gastos das prefeituras provoca novo alerta do Tribunal de Contas

A grande maioria das prefeituras de João Pessoa estão apresentando a mesma irregularidade de excesso em contratações. Um relatório divulgado pelo Tribunal de Contas da Paraíba mostrou que, nos 223 municípios paraibanos, para cada servidor efetivo, o gestor municipal contratou três servidores temporários.

Do total de municípios paraibanos, 58,29% (130 prefeituras) extrapolaram o limite estabelecido pelo TCE, de contratações por excepcional interesse público (temporárias). A prefeitura de João Pessoa apresentou o maior número de contratações desse tipo no Estado, ficando atrás apenas de Campina Grande e Cabedelo.

A capital paraibana tem 37,19% dos seus funcionários nessa condição. Os servidores efetivos vem em segundo lugar, apresentando um percentual de 31,45%, logo em seguida estão os inativos e pensionistas, com 24,47% e, em um menor percentual, os que ocupam cargos comissionados, somando 6,65%.

Mas qual é o problema em volta de uma prefeitura priorizar as contratações temporárias? Segundo o presidente do Tribunal de Contas da Paraíba, conselheiro Fernando Catão, o problema está na contratação temporária perder a sua finalidade, deixando de ser algo excepcional e se tornando corriqueiro.

Além disso, segundo o conselheiro, em 117 municípios da Paraíba existem 310 contratados temporariamente com remuneração superior ao teto de remuneração fixada para o prefeito, conforme o disciplinado na Constituição Federal.

Para o conselheiro, a situação apresentada é incompatível com a regra geral de preenchimento de cargos públicos, que é o provimento efetivo por meio de concurso público. “Garantindo, desta forma, os princípios constitucionais esculpidos no artigo 37 da Constituição Federal, em especial os da legalidade, impessoalidade, moralidade e eficiência”, disse.

Por outro lado, o município de Aguiar, no Sertão paraibano,

foi o único que não apresentou nenhum contrato temporário durante o período do levantamento. No entanto, apesar de não ter contratações temporárias, quase metade dos servidores do município estão inseridos na categoria de cargos comissionados. Cerca de 53,37% (182) dos funcionários da prefeitura de Aguiar

Em 117 municípios, existem 310 contratados temporários com remuneração superior ao teto de prefeito

são efetivos, enquanto 42,23% (144) são comissionados.

O tempo de permanência no cargo também é importante para verificar se os cargos temporários, como o próprio nome já diz, estão cumprindo o seu papel. Segundo o conselheiro Fernando Catão, os contratos temporários devem ter datas de início e fim já estabelecidas no

momento da admissão, podendo ser prorrogados.

“Esses contratos não podem exceder a 12 meses de duração, podendo ser renováveis por igual período, sendo necessário, em todo caso, que norma específica regulamente a temática e balize os limites (mínimos e máximos) de tal situação”, comentou o presidente do TCE.

Segundo o levantamento, foi constatada a existência de 15,6 mil servidores contratados temporariamente com vínculo superior a 48 meses, de forma contínua ou intercalada, em 187 prefeituras. Além disso, há 3,3 mil contratos de mais de 10 anos, desde a data de admissão, distribuídos em 41 prefeituras.

Na perspectiva do conselheiro do TCE, a maior despesa dos municípios é com servidor público. “Não é admissível que municípios tenham zero de obras e tenham como prioridade investimentos em contratações temporárias”, lamentou.

Segundo a análise do presidente da Federação das Associações de Municípios da Pa-

raíba (Famup), George Coelho, os municípios têm um problema para suprir a necessidade que as prefeituras demandam apenas com os funcionários efetivos. “Os gestores têm que ter aquela quantidade para contratações que muitas vezes não alcança e isso gera contratação e gera a continuidade de muitos dos funcionários, porque há a necessidade”, comentou.

De acordo com George Coelho, as contratações dos funcionários das prefeituras que residem nos próprios municípios também gera o fomento da economia nas cidades. “Gera esse impacto financeiro, até porque os gestores procuram fomentar a economia do próprio município para que os recursos fiquem dentro da cidade”.

No entanto, o presidente da Famup ressaltou que a Federação defende que não haja excesso nas prefeituras. “Defendemos que haja concurso e que os municípios cumpram a lei, que não haja excessos que comprometam a lei de responsabilidade fiscal”, ressaltou.

Medidas a serem adotadas para corrigir inconsistências e irregularidades

De acordo com o que informou o presidente do TCE -PB, no último dia 17 de setembro, serão tomadas ações para corrigir as inconsistências e irregularidades nos processos relativos à contratação. Ele assegurou que os relatórios eletrônicos estão sendo anexados aos autos dos respectivos processos de acompanhamento e serão objeto de alertas aos prefeitos municipais.

Além disso, o TCE deverá encaminhar o relatório aos órgãos de controle, como o Ministério Público do Estado e a Justiça Eleitoral para acompanhamento dos processos e apuração dos fatos.

Sobre o relatório

De acordo com a equipe da auditoria do grupo de Planejamento e Controle da Diretoria de Auditoria e Fiscalização (Diafi), responsável pelo levantamento, todo processo de inspeção foi realizado com uso de ferramentas de Inteligência Artificial e Tecnologia da Informação do Tribunal de Contas da Paraíba. Foram observadas as contratações dos 223 municípios até os primeiros seis meses deste ano.

Já no levantamento de dados sobre o Governo do Estado, a principal base de dados utilizada para levantamento e análise das informações foi o Sistema de Acompanhamento da Gestão

dos Recursos da Sociedade (SAGRES on-line). Estes dados são informados mensalmente pelo Governo do Estado e contemplam informações do quadro funcional e folha de pagamento.



Através do QR Code acima, acesse a página com todos os dados de gastos e contratações dos municípios.



Foto: Secom-PB

Letácio Tenório Guedes Júnior revelou o projeto para “radiografar” temporários no Estado

Câmara dá aval, por ano, a sete reformas eleitorais

Levantamento mostra que os deputados aprovaram 76 projetos para mudar regras das eleições nos últimos 11 anos

Adriana Ferraz e
Tulio Kruse
Agência Estado

Considerada a maior mudança nas regras eleitorais dos últimos anos, o projeto do Código Eleitoral em discussão no Congresso, que pode alterar 900 artigos de uma vez, não é novidade nas discussões legislativas. Levantamento feito pelo Instituto Millenium em parceria com a Neocortex mostra que deputados federais deram aval para 76 projetos que mudaram a legislação eleitoral ou a dos partidos nos últimos 11 anos - média de sete por ano.

Apesar de alto, o número representa apenas 3% do total de propostas apresentadas com essa finalidade desde 2010. Segundo dados da Câmara reunidos na pesquisa, o total de proposições chegou a 2.243 no período, pouco mais de 200 por ano. Metade foi arquivada, devolvida ao autor ou ainda carece de relator e parecer para poder ser pautada em plenário.

A quinta edição do Millenium Analisa demonstra de forma empírica a impressão de que os parlamentares têm "obsessão" em mudar as regras eleitorais. Quando se volta mais no tempo, a tendência se comprova: foram 3.671 propostas protocoladas dentro da temática reforma política desde 1947. Ou seja: 49 por ano, 4 por mês ou 1 por semana. A partir da série histórica é possível também identificar os picos de interesse, iniciados com a promulgação da Constituição Federal de 1988.

"O período democrático acentua de forma significativa os debates sobre as reformas políticas", afirmou o cientista de dados Wagner Vargas, da Neocortex.

Especialista no desenvolvimento de políticas públicas, Vargas destaca que, na lista de projetos que aguardam liberação, chama atenção a demora para a de-



Foto: Agência Estado

Pesquisa mostra que foram protocoladas, na Câmara dos Deputados, 3.671 propostas dentro da temática reforma política desde 1947; ou seja, 49 por ano, quatro por mês ou uma por semana

signação de um relator. "São quatro anos, em média", disse. Hoje, 112 proposições estão nessa condição, e com tendência de alta.

Tramitação

Já o trâmite total de um projeto de lei pode durar décadas. Apresentado com a intenção de assegurar a policiais militares em serviço o direito de votar em trânsito e em qualquer seção eleitoral, o PL 2424 é de 1989 e segue à espera de votação ou arquivamento.

Em seguida, na fila está a Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1995, que visa a estabelecer o parlamentarismo como sistema de governo no Brasil, no qual o presidente vira chefe de Estado e um primeiro-ministro definido pelo Parlamento passa a gerir o dia a dia da administração.

Foram arquivados 946 projetos em 11 anos

Nos últimos 11 anos, a Câmara arquivou, de forma automática ou não, um total de 946 projetos de reforma político-eleitoral. Nesse aspecto, a tendência é de queda, explicada por uma outra característica que vem ganhando corpo ao longo dos anos, a tramitação de leis em conjunto.

"Há um esforço por parte do Parlamento em reduzir o número de projetos que tratam do mesmo tema na última década, o que, provavelmente, influencia na queda do número de projetos arquivados no período", ressaltou Vargas.

Apenas no ano passado, a Câmara deu andamento a 68 projetos de forma conjunta, na qual textos que tratavam do mesmo tema (reforma eleitoral), apesar de apresentados por deputados

distintos, foram apensados em um só e, por isso, passaram a ter mais chance de avançar.

A estratégia é vista com bons olhos por permitir a otimização dos recursos públicos. Nesse modelo, a Casa não precisa abrir uma comissão para cada proposta, por exemplo, bem como economiza com a realização de audiências públicas.

Para a presidente do Instituto Millenium, Priscila Pereira Pinto, a tramitação em conjunto dos projetos também possibilita um debate maior, com mais transparência e sem pressa. "Avaliamos que não é necessário ficar 20 anos discutindo um mesmo projeto, claro, mas é preciso um padrão, que seja de quatro, cinco anos, para que o assunto não fique voltando o tempo todo e se faça uma reforma ideal", afirmou.

A realidade, no entanto, é diferente. O novo Código Eleitoral foi aprovado pela Câmara no último dia 16, após apenas sete meses de debates e com audiências públicas restritas ao modo remoto. O projeto consolida, em um único texto, toda a legislação eleitoral e temas de resoluções do Tribunal Superior Eleitoral, que também define normas das eleições.

Criticada por especialistas, a proposta está em análise no Senado, com poucas chances de ser aprovada na Casa e sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro a tempo de valer para a eleição de 2022. Entre os pontos aprovados pelos deputados estão o veto à divulgação de pesquisas de intenção de voto na véspera da votação.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Histórias despreziosas de um presumido

A arte mais antiga do mundo foi homenageada em 19 de setembro, dia em que lembrei das minhas peripécias no mundo do teatro amador nas décadas de 70/80/90. Naquela data, se festeja o "Dia do teatro acessível" no Brasil. No meu *podcast* "Dez minutos no confessionário", lembrei fatos e nomes do Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana, conjunto cênico fundado em 1976, com a Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, memorável entidade constituída por personagens emblemáticas da cultura itabaianense. Cito em passant, Jurandi Pereira Filho, Sosthenes Costa, Roberto Palhano (in memoriam), Joacir Avelino, Jandira Lucena e tantos outros jovens no esplendor de sua arte de existir enquanto jovens, porque todo muchacho é um engenheiro de sonhos que, afinal, vem a ser a argamassa da beleza e da técnica vivencial. Cada moço ou mocinha do grupo deu seu contributo para construir os espetáculos teatrais, editar o jornal, estremecer e delirar com as manifestações de protesto contra a ditadura castrense, esterilizadora como todo autoritarismo,

mas que deu matéria e peso ao conjunto da cultura brasileira. A produção artística daquele período repressivo se alimentou do sentimento de resistência para reinventar as linguagens.

Nosso primeiro espetáculo foi inspirado nas matrizes da cultura popular nordestina, com a colagem "Peleja de Lampião com o Capeta", com Idalmo Silva na pele de Lampião, atores Beto Palhano, Ecílio Rodrigues, Agnaldo Santos, Osório Cândido, Romualdo e suas irmãs Tânia, Bernadete e Palmira Palhano. Eu fiz a direção e fiquei encarregado da música, com cenário da pintora Jandira Lucena. Essa Peleja andou a Paraíba toda e estados vizinhos por vários anos, mostrando um inferno burocrático capitalista e um Lampião com ideias socialistas. O carro da censura estacionou muitas vezes nas portas dos teatros, ameaçando elenco e cortando texto. Obviamente, não faltaram coragem e medo entre os rapazes e moças do Grupo. Com meus vinte anos, escondia um passado aterrador: aos quinze, editei meu primeiro jornal, confiscado pelo prefeito e delegado por

"desacreditar autoridades constituídas".

Outros erros acumulados: fazia poemas distribuídos em folhas mimeografadas, discutia política em pequenos grupos na casa do professor trotskista, liderava pernas trêmulas e bocas secas em protestos contra a repressão aos camponeses de Alagamar. Sobre isso, o maestro Luiz Carlos Cândido lembrou outro dia, em mesa de bar, episódio lamentável para quem pretendia levar a sério a luta contra o regime. Dia de Finados, fomos para a porta do cemitério de Itabaiana distribuir panfletos onde se dizia, entre outros despautérios, que "a ditadura enterra a esperança da nação e sepulta a justiça social". Avisado, o delegado reuniu a tropa constituída pelo cabo Furico e o soldado Batalhão para invadir o campo santo em busca dos perigosos subversivos. Joacir Avelino teve a ideia de se disfarçar de defunto. Deitou numa cova aberta, arrumamos umas velas e passamos a vigiar o "falecido". Descoberta a trama macabra, pulamos o muro e fomos discutir a defectível ação, passando do pânico absoluto para a

serenidade, graças a uma cachaça muitíssimo ordinária por nome "Beba Ela".

Depois, essa cena foi agregada ao texto da peça "O martírio do lavrador a caminho do calvário", espetáculo com que pretendíamos receber o Bispo Dom José Maria Pires quando veio "ouvir os clamores do seu povo" no caso de Alagamar. O próprio Dom Pelé tratou de cortar algumas cenas fortes, para "proteger a integridade dos jovens artistas". Inconformados com essa espécie de autocensura, desistimos de encenar o sketch teatral revolucionário.

Seguiram-se quarenta e quatro anos nas vidas daqueles seres mutantes. Eu, abandonei meu teatro que não alterou as marés nem a História, mas deu asas a uma pessoa como o professor Romualdo Palhano. Nosso grupo provocou seu apego às artes cênicas e motivou sua inteligência para a pesquisa do teatro paraibano. Ele é doutor e pós-doutor em teatro, estudou em Cuba, deu a volta ao mundo, mas sempre retorna ao pequeno palco onde subiu pela primeira vez, sob minha direção, declama seu prólogo e faz as pazes com o tempo.

“Golpe do motoboy” cresce e alveja idosos em todo o país

Bandidos se passam por funcionários de bancos e operadoras para “solucionar” supostos problemas com cartões

Agência Estado

Com idosos como alvos principais, o chamado golpe do motoboy, que consiste em enviar um suposto funcionário do banco para buscar cartões das vítimas para averiguação, tem crescido em diferentes regiões do país - até como parte da alta de crimes que envolvem engenharia social estão tendo durante a pandemia. Só neste mês, foram deflagradas ações que prenderam integrantes de quadrilhas especializadas no golpe em São Paulo e Distrito Federal. A sofisticação é tamanha que criminosos usam até mesmo softwares para simular músicas de espera de bancos e som ambiente de call center, além de conseguirem reter a linha telefônica das vítimas.

O aposentado José Militão, de 73 anos, estava em casa quando, por volta de 15h30 do dia 2 de setembro, recebeu um telefonema. Do outro lado da linha, uma mulher que se apresentava como funcionária do setor antifraude de seu banco disse que, devido a uma suposta clonagem de seu cartão, R\$ 1.250 teriam sido utilizados em uma compra em Paudalho, interior de Pernambuco. Como mora no Recife, que é relativamente próximo, ele entrou em desespero.

Para solucionar o problema, a orientação dada pela mulher foi que José entrasse

A sofisticação é tanta que criminosos usam até softwares para simular músicas de espera de bancos e som ambiente de call center

em contato com a central de atendimento do banco, pelo número que fica no verso do cartão, e solicitasse o bloqueio da conta. Quando ia telefonar, o aposentado recebeu uma nova ligação da mesma pessoa dizendo que mais R\$ 500 haviam sido sacados e que, como precisavam agir rápido, iria transferi-lo à central para encurtar o procedimento.

Falando com uma nova suposta funcionária, o aposentado atendeu a pedidos para digitar a senha do banco no teclado e aceitou entregar a um motoboy que foi até sua casa o cartão bancário dentro um envelope que se certificou ter “fechado com bastante cola”. A justificativa é que o cartão seria levado para perícia em uma delegacia da região em que mora. Pouco mais tarde, José descobriu que seu cartão não havia sido clonado e que teve R\$ 22,5 mil retirados de sua conta, restando apenas R\$ 43 do que economizou de sua aposentadoria rural. Tornou-se mais uma vítima do golpe do motoboy.

Casos aumentaram 340%

Dados reunidos pela Febraban (Federação Brasileira de Bancos) indicam que nos meses de janeiro e fevereiro deste ano, houve aumento de 340% no volume de ocorrências do “golpe da falsa central telefônica e do falso funcionário”. A comparação se dá em relação aos mesmos meses do ano passado, quando o isolamento social não havia sido adotado.

A Polícia Civil da Bahia fez um alerta no final de julho apontando que, embora os primeiros casos do golpe do motoboy “datem de mais de três anos atrás, tem-se percebido uma maior incidência desde o início da pandemia de covid-19, com o aumento do trabalho em home office”. Estimativa feita pelo coordenador do Procon da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Marcelo Barbosa, aponta um aumento,

durante a pandemia, “da ordem de 20% a 30%” nos registros de golpes que envolvem dados do consumidor no Estado. A instituição emitiu um alerta sobre o golpe do motoboy em agosto. “As vítimas, na maioria das vezes, são os idosos, que são mais vulneráveis a esse tipo de golpe”, explica Barbosa.

Quando caiu no golpe do motoboy, José Militão conta que estava ao lado de seus dois filhos, que procuram auxiliá-lo. Ainda assim, segundo o aposentado, o desespero com a possibilidade de clonagem do cartão e o aparente profissionalismo dos supostos atendentes com quem falou, que inclusive colocavam efeitos sonoros e músicas de espera, fizeram com que eles só fossem cogitar que poderiam ter sido vítimas de um golpe no início da noite.



Foto: Pixabay

Toda a farsa montada pelos bandidos convence a vítima de que ela precisa entregar o cartão bancário a um motoboy, “enviado” pela instituição, para resolver suposto risco de clonagem

+ Devolução dependerá de cada banco

Uma transferência de R\$ 1.250, uma tentativa de saque de R\$ 500 logo em seguida e um pagamento de R\$ 80 em um posto de gasolina. Esses foram os valores que a aposentada Neresi de Oliveira Paulo, de 65 anos, ouviu terem sido movimentados da conta bancária de seu marido no início da tarde do dia 11 de agosto. Moradora de Blumenau, Santa Catarina, ela entrou em transe ao ouvir a notícia de que o cartão teria sido clonado e passou a seguir as orientações da suposta atendente para bloqueá-lo.

Neresi conta que não desconfiou de nada, até pela quantidade de dados pessoais, dela e de seu marido, que eram informados do outro lado da linha. Após digitar suas senhas no telefone, um motoboy foi até sua casa e buscou dois cartões bancários, entregues em um envelope lacrado. Pouco mais tarde, a aposentada conta que descobriu que havia caído em um golpe: R\$ 5 mil foram transferidos de uma conta e cerca de R\$ 3,4 mil de outra.

“Foi um choque muito grande ao saber que eu tinha caído”, relata a aposentada. “Não sei como fui cair nesse golpe, porque nunca passei meus dados pessoais. Aquele dia parece que eu estava hipnotizada, fui calmamente passando os dados, número dos cartões, senha e tudo”. Neresi registrou boletim de ocorrência on-line e abriu procedimento investigativo no banco, mas ainda não teve retorno sobre possíveis ressarcimentos.

Segundo a Febraban, cada instituição financeira tem sua própria política de análise e devolução, que é baseada em investigações “aprofundadas e individuais”. Segundo a federação, os bancos consideram as evidências apresentadas pelos clientes e as informações das transações realizadas. Quando não há ressarcimento, as vítimas podem ainda acionar o Procon que atende a região onde o crime foi cometido e até levar o caso à Justiça.

Desfechos

Coordenador do Procon da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Marcelo Barbosa explica que os desfechos dos casos de golpe do motoboy costumam ser distintos. Ainda assim, ele considera que há uma jurisprudência inclinada para o ressarcimento das vítimas, já que, mesmo que tenham sido ludibriadas, os crimes são possibilitados pelo vazamento de dados pessoais. Barbosa defende que, desse modo, as vítimas estariam resguardadas pelo artigo 14 do Código de Defesa do Consumidor, que destaca que a não proteção dos dados dos consumidores pode ser considerada uma falha na prestação do serviço.

Prisões

Integrantes de quadrilhas que aplicam o golpe do motoboy foram presos em ao menos duas ações policiais realizadas neste mês. A Polícia Civil de São Paulo prendeu no dia 14 quatro mulheres suspeitas de integrar uma quadrilha especializada em aplicar golpes

financeiros, como o golpe do motoboy. Segundo informações da Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado, elas foram abordadas em uma casa alugada usada como central de atendimento, no bairro Perus, zona oeste da capital paulista. Foram encontrados no local notebooks, celulares e planilhas com dados de vítimas em potencial.

Após investigação, agentes da 4ª Delegacia da Divisão de Investigações Sobre Crimes Contra o Patrimônio (Discpat), do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), descobriram que a quadrilha havia montado um call center com operadoras e gravações simulando efeitos sonoros de uma série de instituições financeiras. A central de comando do golpe, segundo a SSP, “foi criada com o objetivo de ludibriar correntistas idosos para obtenção de dados bancários”.

As quatro mulheres foram autuadas por estelionato e associação criminosa. Delegado responsável pela ação, Jacques Alberto Eizenbaum contou ao Estadão que as mulheres, que têm entre 18 e 19 anos, confessaram que apenas na terça-feira tinham feito ao menos três vítimas do golpe do motoboy. Os casos ainda estão sendo investigados, mas informações preliminares apontam que dois dos crimes teriam sido cometidos com moradores da cidade de Casa Branca, interior de São Paulo. “Uma das vítimas é uma idosa, de 77 anos, que nem sequer tinha chegado a fazer boletim de ocorrência”, relata o delegado.

Quadrilha tem patrimônio milionário

Os criminosos, segundo a Polícia Civil, mantinham base na cidade de São Paulo e, além de ser responsável pela central telefônica, detinham o controle de toda a movimentação financeira. Segundo investigadores, o patrimônio da quadrilha evoluiu de um pequeno lava-jato na capital paulista, no ano de 2018, para uma rede de lojas de carros de luxo com faturamento de quase R\$ 14 milhões em 2020.

Com a deflagração da operação, foram apreendidos 93 veículos de luxo avaliados

em R\$ 18 milhões, dois imóveis de investidores, cotados em R\$ 1,5 milhão cada, e R\$ 580 mil em espécie. A megaoperação, que contou com o apoio da Polícia Civil do Estado de São Paulo para realização das diligências, envolveu cerca de 130 policiais civis. Foram cumpridos quatro mandados de prisão temporária e 21 mandados de busca e apreensão nas cidades de Brasília, São Paulo, Guarujá e São Caetano, além da prisão em flagrante de um dos suspeitos pelo crime de posse ilegal de arma de fogo.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

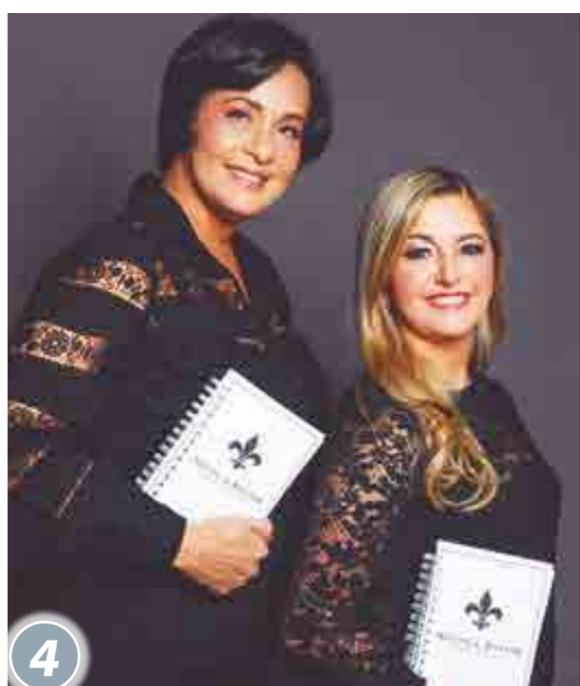
EDITAL DE CONVOCAÇÃO ELEIÇÕES 2021

A Diretoria da ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS NO ESTADO DA PARAÍBA ASPEP, no uso de suas atribuições e de acordo com o artigo 48º do Estatuto em vigor, convoca todos os associados no gozo de seus direitos a participarem das ELEIÇÕES GERAIS para DIRETORIA EXECUTIVA E DO CONSELHO CONSULTIVO, de acontecimentos simultâneo, que serão realizadas no dia 12 de outubro do corrente ano, (terça-feira), na sede da Entidade situada na Rua Visconde de Pelotas nº 143, Centro, no horário das 08h, 00min. às 17h, 00min.

As chapas serão registradas até 10 dias antes do pleito, encerrando no dia 01 de outubro, (sexta-feira), com anuência dos candidatos.

João Pessoa, 26 de setembro de 2021.

Humberto Jerônimo Leite
PRESIDENTE



1 A gestora do Programa de Artesanato Paraibano (PAP), Marielza Rodrigues, está entusiasmada com o retorno do Festival Paraibano de Brinquedos Populares, que acontecerá nos shoppings Mangabeira e Manaíra. A ação, que tem a parceria do Sebrae-PB e dos dois shoppings, vai acontecer de 1º a 17 de outubro próximos.

2 Fátima Lisboa Lopes, Geisa Galvão, Zilma Navarrete, Teresa Suassuna, Teresa Ribeiro Guimarães, Patrícia Lago, Divaildo Lima, Rui Galdino, Roselma Virgulino, Oriel Farias e Elton Rabelo Honfi são os aniversariantes da semana.

3 Santarém, município paraense, vai abrigar jornalistas de grande parte do Brasil em torno do Encontro Nacional de Jornalistas e Comunicadores de Turismo, entre os dias 14 e 24 do próximo mês. Christina Hayne, presidente da Federação Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Turismo, seccional Pará, é a grande anfitriã do evento que promete ser espetacular. (Foto: Agência Santarém)

4 As advogadas Rebecka Souto e Francine Aguiar (foto) decidiram atuar juntas e agora estão com o escritório Souto & Aguiar, no Maximum Shopping Empresarial. Competentes e determinadas, as jovens advogadas estão afiadas na evolução da doutrina e da jurisprudência e estão dando show nos tribunais nas áreas cível, trabalhista e previdenciária, para garantir o direito a quem dele necessita.

5 O empresário e sócio-diretor da Construtora Massai, Allison Nunes, está participando do StartSe SVWC 2021, evento que se constitui no maior festival de inovação e empreendedorismo do mundo.

6 Regina Medeiros, gestora de Turismo do Sebrae-PB e que está sempre na vanguarda dos movimentos criativos, sociais e culturais de nosso estado, brinda-nos com sua elegância vestindo uma criação do designer Fábio Boca Moraes.

7 O dia 14 de outubro marca a data do centenário de nascimento do Mons. Luís Gualberto de Andrade, patrono da Cadeira 28 da Academia Cajazeirense de Artes e Letras, que é ocupada pelo Pe. Francivaldo do Nascimento Albuquerque, que também preside a Comissão Organizadora das comemorações. Fazem parte da referida comissão os professores Francelino Soares, Chagas Amaro, Linaldo Guedes e Gilson Souto Maior (foto).

8 Marcela Fujiy, Felipe Coutinho, André Cabral e Inês Zago, prontos para inaugurar a Farina In Natura. Localizada no Infinity At The Sea, ao lado da loja da Kopenhagen. A padaria chega à beira-mar do Cabo Branco no dia 1º de novembro próximo. O espaço, que conta com uma arquitetura rústica, sofisticada e elegante, é idealizado pelo empresário e padeiro Pedro Peixoto.

9 Após 40 dias de férias pela Europa, o casal Eric e Simone Gasmann acaba de chegar ao Brasil para comemorar o aniversário dele com seus amigos mais íntimos. As férias foram mais que merecidas, já que o empresário comanda com vigor a TWS Empreendimentos, que foi inovadora em projetos especiais e em prédios de altíssimo luxo em João Pessoa, como o Tours Mont Blanc e o Tour Genève.

10 Por conta de sua posse como novo presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API), o jornalista Marcos Weric (na foto, entre assessor Jeová Alves e a vice-presidente, Karka Alencar) foi agraciado com Voto de Aplauso pela Câmara Municipal de João Pessoa, por meio de propositura do vereador Dinho.

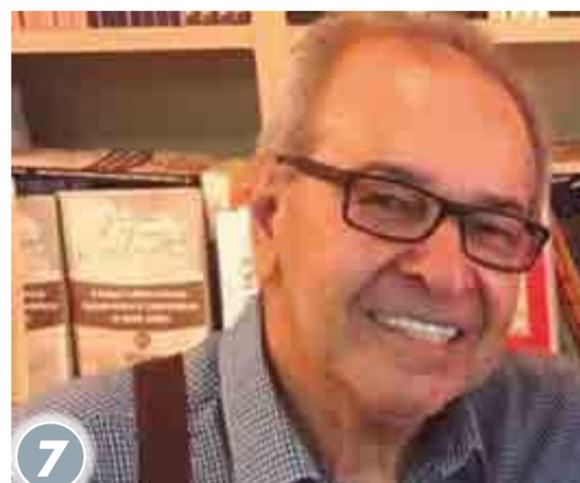




Foto: Divulgação/CWBio

Paraibanas tiram o sustento da pesca artesanal do marisco

Desenvolvimento da atividade exige esforço e resistência de mulheres que passam a tradição por gerações

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

“O trabalho de marisqueira realmente é muito difícil. Da cata do marisco até chegar à mesa de quem vai consumir, o serviço é pesado”. A declaração é da marisqueira Nadiedja Santos, de 49 anos, que desde criança tira sua sobrevivência da atividade. Ela trabalha na praia de Acaú, na cidade de Pitimbu, Litoral Sul da Paraíba.

Ela é uma das fundadoras da Associação das Marisqueiras de Acaú (AMA) que, além da pesca, trabalha com artesanato com casca de marisco, gastronomia com frutos do mar e fabricação de sacolas. Ao todo, são 630 mulheres da região associadas. Algumas não se dedicam mais à pesca por motivos de saúde e, por isso, aprendem a utilizar o marisco para fabricar outros objetos ou cozinhar.

“Com marisco a gente trabalha desde pequena porque vem dos nossos avós que passam para os nossos pais e, assim, vai passando de geração pra geração. Eu já não pesco mais por conta de um problema de saúde e não faço artesanato, mas amo cozinhar”, acrescenta.

As interessadas em cozinhar frequentam feiras, ven-

dem café da manhã e almoços, inclusive fora da cidade. Algumas artesãs, por sua vez, fazem *ecodesign* e participam de salões de artesanato. “Cada uma se identifica com alguma coisa para ter uma renda a mais”, descreveu Nadiedja Santos.

A pesca do marisco acontece o ano todo na Reserva Extrativista Acaú-Goiana, localizada nos municípios paraiba-

Reserva

Cuidar da natureza faz parte do trabalho das 630 mulheres associadas em Acaú

nos de Pitimbu e Caaporã, além de Goiana, em Pernambuco. O trabalho depende da maré e envolve mulheres de todas as idades. As associadas têm desde 18 anos até mais de 60 anos - estas últimas, mesmo aposentadas, participam das ações. Para Nadiedja, catar marisco é realmente árduo e cansativo já que as marisqueiras lidam com um longo tempo de serviço na água, na lama, carregando

peso, aguentando o calor, o frio, e acabam sofrendo por Lesão do Esforço Repetitivo (LER) com o tempo.

A associação tem 24 anos de existência e suas integrantes buscam conservar a memória das marisqueiras, através das histórias vivenciadas pelas mais antigas, e também conservar o meio ambiente, orientando a população sobre a importância das espécies e do espaço destinado à pesca. Neste sentido, Nadiedja ressalta que a reserva extrativista foi fundamental para aumentar o cuidado com a natureza.

“Sempre procuramos preservar porque é de onde a gente tira o sustento. Fizemos de tudo para ter a reserva porque já chegou uma época que não tínhamos marisco aqui, passamos por dificuldades e pegávamos em outras praias porque aqui não tinha mais. Essa orientação é para todos, embora seja muito difícil o povo entender e cuidar”, concluiu.

O principal nicho de mercado das marisqueiras na Paraíba está localizado nas cidades de Cabedelo e Lucena, porém a atividade se estende pelos 80km de costa do Estado, a exemplo dos estuários de Caaporã, Alhandra, Abiaí, na região de Mamanguape, Marcação e outras áreas.



Legislação apoia a atividade na PB

O trabalho das marisqueiras é agora orientado pela Lei Estadual nº 12.060/21 que institui a Política Estadual de Desenvolvimento Sustentável das Atividades das Mulheres Marisqueiras na Paraíba. De autoria da deputada estadual Cida Ramos (PSB), a norma tem o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável da atividade gerando inclusão social, qualidade de vida das comunidades, trabalho e renda, além da conservação da biodiversidade aquática.

A lei publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) define que marisqueira é a mulher que realiza artesanalmente a atividade em manguezais de maneira contínua, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, para sustento próprio ou comercialização da produção.

Esta política tem como princípios a sustentabilidade social, econômica e ambiental da atividade, a preservação e a conservação da biodiversidade, o respeito à dignidade profissional e aos saberes tradicionais e à qualidade de vida das marisqueiras e suas comunidades.

Para a secretária da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura, parte dessa política já é desenvolvida pela pasta como a formação, garantia de atividades econômicas sustentáveis e a viabilização do Empreendedor Paraíba com

linha de crédito disponível. A secretária acredita que a medida permitirá o desenvolvimento de programas com outras secretarias a exemplo da Secretaria do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca e a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema).

“Vai ter a organização de pesquisas na área, desenvolvimento sustentável do turismo, busca de dados disponíveis para o conhecimento ecológico desta atividade tradicional das marisqueiras. São várias possibilidades”, esclareceu Lídia Moura.

Para o superintendente da Sudema, Marcelo Cavalcanti, com a nova lei, será possível promover a qualidade de vida e gerar trabalho e renda para essas mulheres. “Entre os deveres previstos está o zelo pelo meio ambiente, prezando sobretudo pela preservação das espécies aquáticas, de modo a viabilizar a atividade de maneira responsável e sustentável”, declarou.

Conforme o secretário da Agropecuária e da Pesca, Efraim Moraes, a norma vai oficializar a profissão. “O projeto vai dar um respaldo ao trabalho delas e promove incentivos por parte do Estado e outras autoridades, principalmente em relação a preservação do meio ambiente. Os termos estão em consonância com o exercício da secretaria”, esclareceu.

Opinião

Eduardo Fischer
CEO da MRV, empresa do grupo MRV&CO | Colaborador

Das três letras do ESG, o S é a mais urgente

A indústria de fundos brasileira dedica 1% de seu patrimônio a ações de ESG. O dado é da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). Estamos muito longe do padrão global, que já está em 26%, com franca tendência de crescimento. De acordo com o último relatório da Climate Bonds Initiative (CBI), em termos globais, os títulos verdes continuam sendo os mais procurados, mas os títulos sociais alcançaram US\$ 249 bilhões, um aumento de mais de 1022% em relação a 2019!

O Brasil chegou a crescer em 2020 com 26 novos fundos focados em ESG, um salto em relação aos 19 que existiam em 2019. Mas nenhum desses lançamentos é voltado exclusivamente para o social.

Mesmo com a crise provocada pela pandemia, nenhum fundo novo lançado no país no ano passado teve foco exclusivo em questões sociais.

Quando encontro esse tipo de informação, penso: onde está o S do ESG? É claro que as questões ambientais e de governança são cruciais para qualquer organização. Em nações mais desenvolvidas como as da Europa e América do Norte, a busca por soluções ambientais é mais evidente e de fato deveria ser, mas em países em desenvolvimento, como é o Brasil, as questões sociais são uma prioridade.

Nossa realidade não permite que o tema seja subvalorizado, muito pelo contrário. Em uma nação desigual como a nossa, a inclusão social deveria ser tratada como prioridade nacional. É assim

que pensamos na MRV. Acreditamos também que não há forma mais eficaz de melhorar o S do ESG do que investindo em formação de crianças e adultos.

Para nós, a educação é o melhor caminho. Por isso, estamos sempre promovendo ações de desenvolvimento social a partir do aprendizado. Mais do que ajudar pessoas, queremos oferecer um propósito a elas. Temos como meta oferecer oportunidades para que cada vez mais cidadãos sejam efetivamente integrados à sociedade.

Assim, as pessoas, as famílias, as comunidades e o país crescem como um todo. Por isso a educação está no centro das ações do Instituto MRV, que surgiu em 2014 para reunir e organizar as ações que já realizávamos. O instituto recebe, anualmente, 1% do lucro líquido da MRV,

o que correspondeu a R\$ 6,5 milhões no último ano.

Buscamos contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade, inclusive apoiando a educação por meio do esporte, a educação por meio da cultura e a educação por meio de ações ambientais. Desenvolvemos, por meio do Instituto Lingo, ações para estimular a formação de novos professores, essa carreira tão importante e, ainda assim, tão desvalorizada no Brasil. Sabemos do poder multiplicador da educação: cada vez que um colaborador nosso, que muitas vezes recebeu uma formação falha, tem aulas no início do expediente, ele leva essa inspiração para dentro de casa. É com ações assim que podemos transformar o S do ESG.

PB tem loja de material de construção mais antiga do país

Em atividade desde 1958, a empresa permanece no mercado modernizando produtos e fidelizando clientes

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Em 1958, o casal Antonio Ibraildo de Araújo e Aldacy Leal de Barros Araújo fundou, em João Pessoa, a empresa A. Ibraildo e Companhia LTDA, na Rua Maciel Pinheiro, que vendia material básico de construção, como ferro e arames, tornando-se uma das empresas mais longevas do país. Com o tempo, os empresários expandiram o mix de produtos e passaram a oferecer encanamento, pias, torneiras, fechaduras, vasos sanitários, entre outros itens. O negócio caminhou bem por um longo tempo, mas Antonio Ibraildo já não tinha mais os 26 anos da época de fundação.

Com os cinco filhos já crescidos e sentindo o peso das oito décadas de vida, não conseguia acompanhar o ritmo de renovação que a loja precisava e o mercado exigia. As vendas estavam em baixa e, para piorar, ele sofreu um acidente automobilístico aos 84 anos, ficando debilitado.

No início, o patriarca chegou a cogitar o fechamento da empresa, mas os filhos decidiram manter o empreendimento, que até hoje funciona na mesma

rua, mas com o nome fantasia Ibraildo Cozinhas & Banheiros. Sob nova direção, a loja foi reformulada, passou a vender produtos diferenciados para esses dois ambientes, sendo tradicionais revendedores de marcas como a Deca e a Roca. “Somos a loja de material de construção em atividade mais antiga do Brasil. Os próprios fornece-

Exemplo

Empresa passou por momentos diferentes da economia brasileira e superou as dificuldades

dores é quem dizem. Há registros sobre isso no Livro de Ouro da Deca”, garantiu Antônio Ibraildo de Araújo Filho, que há 20 anos está à frente da loja, e atualmente trabalha juntamente com uma irmã.

Ibraildo Filho já ajudava o pai e quando assumiu o negócio da família, teve que fazer uma reconfiguração na empresa, buscando fidelizar o cliente com atendimento

diferenciado, trazendo lançamentos de produtos vindos de estados como São Paulo. Ele ainda investiu na manutenção de contatos com o público e divulgação da loja nas redes sociais.

“Para trabalhar com materiais e decoração de banheiro e cozinha tem de estar muito antenado com o mercado, porque esse ramo está em constante mudança. A cada momento tem lançamento de produtos. Ou a gente acompanhava as tendências, ou fechava a loja”, declarou.

Desde que assumiu o negócio, ele acrescentou itens sofisticados como banheiras, os últimos lançamentos de torneiras, pisos laminados, coifas, fornos, cooktop e outros itens exclusivos, procurando disponibilizar o que os concorrentes pessoenses não tinham na época. Até os dias atuais, Ibraildo Filho diz que sempre procura trazer novidades para a loja. A mudança, segundo ele, teve de ser rápida e a reação dos clientes também não demorou a chegar. “Com a mudança, as vendas aumentaram 400% de um mês para o outro”, revelou.

Para se atualizar, o empresário confessa que faz sempre pesquisas em



Estabelecimento funciona no mesmo local, no Centro de João Pessoa, e preserva as características originais

Foto: Ortilo Antonio



Ibraildo Filho decidiu manter a loja fundada pelos pais décadas atrás, atualizando produtos e prezando pela qualidade

sites especializados na internet, participa de feiras nacionais voltadas a este mercado e busca atender os desejos mais diferen-

tes dos clientes, no menor tempo possível. O público mais fiel na loja é o de classe média. “Gente rica não gasta em decoração e esses

produtos que comercializo. Gasta com carro, roupa e outras coisas. Na minha loja, a classe média é quem mais consome”.

+ Empresário tem ‘segredo do sucesso’

Para conquistar um público fiel, Ibraildo de Araújo Filho conta que tenta manter um preço competitivo dos produtos, abrindo mão da alta lucratividade. “Alguns comerciantes chegavam a nos chamar de ‘o doido da Maciel Pinheiro’, por conta dos preços. Tentamos manter uma lucratividade que dá para nos manter, enquanto eles querem algo exorbitante”, confessou.

Outra estratégia é a qualidade no atendimento ao cliente, primando sempre em atender, da melhor maneira possível, a necessidade do público. Uma história contada por Ibraildo, reflete bem os resultados obtidos por essa dedicação ao comprador. “Há alguns anos, um jogador de futebol comprou um cooktop na loja. Depois de um tempo, o produto deu defeito, mas já tinha passado a garantia. Ele nos procurou, fiquei sensibilizado, e consegui outro cooktop para ele, que ficou imensamente agradecido”.

A iniciativa de Ibraildo ficou registrada na mente do jogador de futebol que, mais de 10 anos depois, já famoso e morando na Europa, voltou a procurar a loja. “O

empresário dele me procurou com uma lista tão grande, que só Dubai comprava. O jogador estava montando uma casa em João Pessoa e fez questão de comprar os produtos em nossa loja”, destacou.

O empresário diz que também trata indistintamente todos os clientes, e leva à risca o ditado popular “as aparências enganam”. Ibraildo recordou que certo dia, chegou na loja um cliente trajando uma roupa rasgada, com uma sandália velha no pé e unhas sujas. “Tratei-o como se fosse um rei. Foi uma das melhores vendas da minha vida. Se fosse em outro lugar, seria maltratado”.

O sistema de funcionamento da loja é tão bem guardado que o empresário prefere não ter vendedores trabalhando no empreendimento, e ainda prefere terceirizar alguns serviços. Para dar conta da demanda de clientes, ele dá a opção de o público se comunicar via WhatsApp e fazer o pedido previamente. E quando o comprador vai até a loja, é atendido pelo próprio dono. “Eu mesmo prefiro atender as pessoas que chegam na loja. Trabalho feito louco. Mas se outra pessoa vier nos ajudar, vai copiar meu segredo”, brincou.

Manter uma empresa exige dedicação

Com mais de 60 anos no mercado, a loja da família Ibraildo é apenas um exemplo de empresa longeva na Paraíba. Mas, manter um empreendimento ativo por muitos anos não é uma tarefa fácil. O gerente da Agência Regional do Sebrae Paraíba em Pombal, Lúcio Magno Almeida Wolmer, afirmou que

para alcançar a longevidade não há um único segredo. Um conjunto de fatores é que vai trazer na estrutura jurídica do negócio, uma espécie de proteção às diversas situações.

Lúcio Wolmer explicou que, dependendo do ramo de atuação e do tamanho da empresa, a forma de ação,

ou seja, a estratégia, deve mudar. “Mas essa mudança e adaptabilidade deve sempre partir em mão dupla, do empresário ao colaborador, e do colaborador ao empresário, tendo sempre o compromisso de humanizar o atendimento em todos os momentos e fases da organização jurídica”.

Confira algumas estratégias, segundo o analista do Sebrae:

- Ter prazer no que faz. O proprietário atua no empreendimento porque tem simpatia pelo negócio e, através de seu prazer em empreender, está sempre se capacitando, estando atento aquilo que os clientes precisam;
- Por trás dessas empresas, existe um sentimento familiar compartilhado por todos os parentes, uma visão de futuro sempre alternada e alterada pela sucessão familiar. Os últimos sempre preparam os primeiros para continuar na sobrevivência no mercado;
- Esses empresários possuem uma visão holística do mercado e consciência empreendedora baseada na parceria com seus colaboradores, disseminando os valores, a missão, o propósito em todas as alas hierárquicas do negócio;
- O ciclo desta organização, como tem toda expertise em adaptar-se aos desejos de seus clientes, reinventa-se e possui um profundo relacionamento com a sua governança, dando sempre feedbacks positivos e propondo melhoria contínua ao longo do tempo;
- O cuidado destas empresas está na árvore e também na floresta de oportunidades. Não há necessidade de tomar decisões que a afetam sem possuir uma visão do macro mercado;
- A acessibilidade é transversal, todos se sentem livres para cooperar, seus colaboradores recebem, por cada conquista alcançada, melhorias em sua carreira e também em seus proventos;
- As pessoas que estão à frente dessas empresas, não estão fechadas em uma bolha e são constantemente intranquilas, porque sabem que, se não se aprimorarem, as necessidades do ambiente de trabalho e mercado estarão mudando os rumos dos princípios que os levaram até o momento atual.

Ciência e tecnologia passam a ter mais relevância no Consórcio NE

Câmara temática, criada este mês, já discute temas como biotecnologia, energias renováveis e financiamento na área

Renato Félix
Assessoria da SEC&T

A elevação do antigo Subcomitê de Ciência, Tecnologia e Apoio à Pesquisa, do Consórcio Nordeste, à nova Câmara Temática de Ciência e Fomento ao Conhecimento é um aceno à importância destes temas em uma época em que eles precisam duelar com uma onda de negacionismo que ninguém imaginaria ver alguns anos atrás – principalmente por parte do Governo Federal. A Câmara foi instituída no último dia 13 e é coordenada por Inácio Arruda, secretário de Ciência e Tecnologia do Ceará, e Roberto Germano, presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB).

“Na verdade, a transformação de subcomissão para uma câmara temática, já é o impacto das respostas que foram oferecidas durante a pandemia”, avalia Arruda. O subcomitê era subordinado ao comitê científico instituído para tratar da pandemia na região, portanto as discussões estavam muito atreladas a esse fim. “No próprio Consórcio, a questão da ciência também estava subavaliada. Então, a solução foi criar a

Câmara Temática de Ciência, Tecnologia e Fomento – porque há busca de investimentos para essa área”.

“Essa mudança mostra claramente um certo protagonismo que vêm tendo os estados, talvez decorrente da redução de recursos nas agências de fomento para a área de ciência e tecnologia”, afirma Roberto Germano. “E os estados do Nordeste vêm mostrando uma sensibilidade muito grande para essa questão que aflinge esse setor. E os governadores entenderem que ciência e tecnologia é uma mola propulsora para o desenvolvimento de cada estado, portanto da região, está sendo dada uma atenção especial para essas discussões”.

“Na verdade, a transformação de subcomissão para uma câmara temática, já é o impacto das respostas que foram oferecidas durante a pandemia”



Inácio Arruda coordena a Câmara Temática de Ciência e Fomento ao Conhecimento



Roberto Germano é presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba

Estados nordestinos

A câmara reúne secretários de ciência e tecnologia e presidentes das fundações de amparo à pesquisa dos nove estados nordestinos. “A grande responsabilidade desse colegiado é subsidiar os governadores nas suas decisões”, informa Inácio Arruda.

“E nós precisamos preparar bem o que estamos pensando para a nossa região porque ano que vem tem eleição para governadores, mas tem também eleição para Presidente da República. Então precisamos colocar na pauta dos candidatos a presidência o compromisso com a nossa região. A pandemia nos colocou na ordem do dia e o olhar para a produção

científica também ampliou-se”.

“Com essa mudança passaremos a ter um dinamismo muito mais eficiente, com ações bastante ágeis, uma vez que antes, quando eramos um subcomitê, estávamos subordinados ao conselho científico de combate à covid, onde o tema específico era a questão da pandemia”, aponta Germano.

“Entretanto, nós ganhamos um certo protagonismo nessas discussões, fazendo com que o próprio consórcio reconheça a necessidade de dar uma musculatura maior a esse grupo de discussão. Fazendo com que isso fosse transformado em uma câmara técnica, onde a relação direta nossa é com o próprio consórcio”.

+ Biotecnologia e inovação no serviço público

Biotecnologia, energias renováveis, inovação no serviço público e alternativas de financiamento já são temas que despontam nas discussões, que acontecem toda quarta-feira. Especialistas nas áreas são convidados para participar.

“A biotecnologia é uma área temática muito importante para o Nordeste”, diz o secretário cearense. “Então vamos aperfeiçoar nossas propostas nessa área. Nós temos um conjunto de instituições, além das universidades, que atuam nesse setor, como é o caso da Embrapa. Vamos tentar trazer a Emprapii também para esse tema da biotecnologia”.

Na primeira reunião, a câmara ouviu a experiência da Renorbio, a Rede Nordeste de Biotecnologia, que funciona através de um programa de pós-graduação em rede, envolvendo mais de 20 instituições e mais de 170 professores.

“Uma outra área explosiva em que a gente viu que é necessário atuar é a questão de energia”, afirma Arruda. Ele aponta que o Nordeste antes era um grande consumidor de energia e que, hoje, é um exportador. “E com base no investimento que iniciou-se aqui no Nordeste: a produção de energia eólica, que hoje é um sucesso imenso. Se diziza que a gente nunca ia chegar nisso, a gente ia ficar sempre em 1%, 2%, hoje nós já representamos mais de 10% da matriz energética brasileira. A solar vai de vento em popa. Agora entrou o hidrogênio – e a base para a produção de hidrogênio também é o Nordeste. Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco... Esses estados todos vão acelerar o passo na produção de hidrogênio”.

A questão dos financiamentos, em particular, passam por uma relação com o Banco do

Nordeste. “A questão da importância que devemos dar à legislação referente ao fundo de desenvolvimento do Nordeste na área de ciência e tecnologia, que é um fundo administrado pelo BNB”, conta Roberto Germano. “Essa discussão está sendo levada a cabo, como é que podemos envolver as fundações e as secretarias no encaminhamento ou direcionamento desses recursos do fundo”.

“Um gargalo nosso na região é o BNB”, diz Arruda. “É um banco, tem muito dinheiro, e nós precisamos ter uma fatia maior colocada para a ciência e tecnologia, sem o preço pelo qual ele ‘vende’ o dinheiro hoje. Pelo preço que ele ‘vende’ o dinheiro hoje, ninguém vai pegar – nem o setor público pega, nem o setor privado. Então precisamos baratear demais o preço desse dinheiro para que ele possa ser factível”.

Investimentos e atração de negócios para a região

O Consórcio Nordeste foi instituído em 2019, reunindo os estados nordestinos em busca de iniciativas comuns para negócios e buscas de financiamento para a região. Com a entrada em cena da pandemia de covid-19 e a reação criticada do Governo Federal ao lidar com o assunto, o consórcio acabou também buscando estratégias e soluções sobre esse tema.

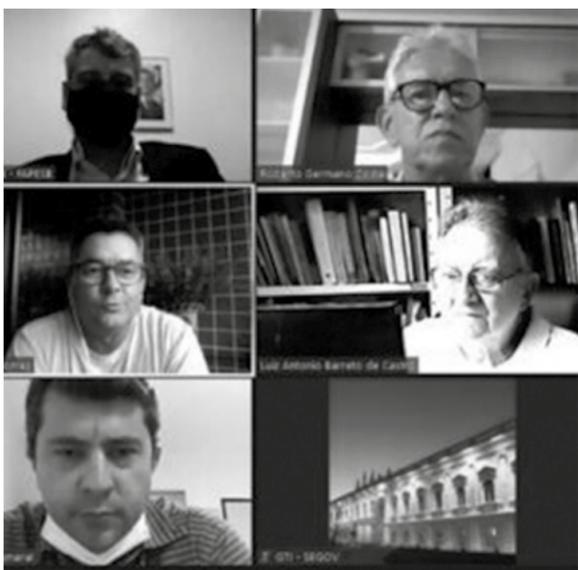
“O Consórcio Nordeste tinha uma agenda muito ampla na busca de investimentos, atração de negócios para a região, uma luta imensa para enfrentar a realidade que se impôs do ponto de vista nacional. E também para enfrentar o embate que o Governo Federal passou a travar com os governos estaduais”, avalia Inácio Arruda. “E o Nordeste, como tinha uma tradição – fruto da criação da própria Sudene no passado – buscou se integrar. E essa integração deu no Consórcio Nordeste. Que é uma instância legal, prevista na constituição. O consórcio veio para resolver esse impasse e permitir uma movimentação dos governadores de forma

ampla no país e fora do país”.

A pandemia, claro, se tornou uma questão central, que expôs a necessidade do investimento em ciência. “É a questão da ciência – que vinha sendo atacada brutalmente pelo governo Bolsonaro desde o início –, da educação, da cultura, da arte... Então o saber ficou sob ataque do Governo Federal”, diz o secretário. “E a emergência se configurou com a exigência de medicamento, de máscara, de seringa, de respiradores, oxigênio, produção de vacina... Tudo isso se colocou na ordem do dia. Então a ciência emergiu e colocou em xeque o que vinha sendo debatido no plano nacional, que era a negação de tudo isso”.

“Nesse momento vivenciamos uma conjuntura política extremamente difícil para a área de ciência e tecnologia e isso faz com que a redução de recursos orçamentários para as nossas agências de financiamento, agências de fomento – CNPq, Capes, Finep – e naturalmente a comunidade universitária e os inventores de um modo geral são levados a buscarmos as fundações de apoio à pesquisa de cada estado”, avalia o presidente da FapesqPB. “Então é importante que os governos estaduais deem uma atenção especial para que a fundação ocupe um pouco desta lacuna”.

Além da Câmara Temática de Ciência, Tecnologia e Fomento ao Conhecimento, foram criadas no mesmo dia a de Cultura e a de Infra-estrutura, instituídas por Wellington Dias, governador do Piauí que ocupa atualmente a presidência do Consórcio Nordeste. São esforços para a construção de políticas públicas em conjunto, em temas sobre os quais o Nordeste precisa das melhores estratégias.



Câmara reúne secretários de ciência e tecnologia e presidentes das fundações do NE

Viveiro de plantas preserva patrimônio ambiental de JP

Mais de três mil mudas, geradas no "berçário", são distribuídas mensalmente, contribuindo para a manutenção do verde

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Para preservar e ampliar o patrimônio ambiental, a capital paraibana investe no cultivo de plantas típicas da Mata Atlântica no Viveiro Florestal de João Pessoa, uma espécie de berçário das plantas onde homem e natureza vivem em plena harmonia para garantir a presença do verde pela cidade. Esse espaço, localizado no bairro Valentina Figueiredo, visa à preservação da diversidade botânica e do paisagismo do município, sendo responsável pela distribuição, mensalmente, de mais de três mil mudas à população pessoense e empresas paraibanas.

O viveiro é constituído por estufas, galpão para preparo das sementes, composteiras e casa de apoio aos jardineiros de João Pessoa. O local produz mais de cem espécies, entre elas, ipês, pau-brasil, saboneteiras, sibipirunas, castanheira do Maranhão e flamboyants, além das mais variadas plantas de pequeno porte. As plantas são cultivadas em uma área de oito quilômetros quadrados, cedida pelo Serviço Social do Comércio (Sesc Gravatá). No local, são produzidas as mudas utilizadas no plantio urbanos das ruas e avenidas de João Pessoa, além das que são plantadas para recuperar áreas degradadas e preservação das nascentes de rios e riachos.

Segundo o coordenador do viveiro municipal, Genilson Freire, o local trabalha com plantas nativas da região, árvores resistentes ao nosso clima quente e úmido da região. "A gente faz o plantio de cerca de três mil e quinhentas mudas por mês, fazendo com que a cidade se torne cada vez mais verde e possa continuar sendo vista como uma das capitais mais verdes do mundo", declara o biólogo. Ele frisa ainda que as árvores fazem parte do patrimônio ambiental de João Pessoa e o papel da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Semam-JP) é preservar esse legado da natureza.

O espaço também pode ser usado por escolas públicas e privadas que queiram mostrar aos seus alunos a importância da educação ambiental e todos os processos envolvidos no cultivo das árvores. Porém, nes-



Fotos: Edson Matos

O Viveiro Florestal de João Pessoa cultiva espécies típicas da Mata Atlântica, ajudando na preservação da fauna original. Além disso, desenvolve mudas para projetos de paisagismo da capital e distribui mais de três mil mudas, mensalmente, a pessoas e empresas

se período de pandemia, as visitas estão restritas a pequenos grupos para se evitar aglomerações e a propagação da covid-19.

As pessoas que desejarem arborizar suas residências, sítios, granjas precisa apenas ir ao local e solicitar suas mudas. Cada morador de João Pessoa tem direito a receber até duas plantas, mas, caso deseje uma outra quantidade, é só fazer solicitação à Secretaria Municipal do Meio Ambiente. "Quem quiser, é só vir aqui que a gente avalia o local onde se pretende plantar e faz a doação adequada", explica o coordenador. Ele acrescenta que todos recebem orientações para que seja respeitada a questão do espaço, fiação elétrica e esgotamento sanitário do local, para que a planta possa se desenvolver sem prejudicar a residência ou o espaço público.

O coordenador ressalta também que, até o fim deste

ano, será implantada a Casa de Vegetação para a produção de hortaliças e plantas medicinais a serem distribuídas à população. Também está sendo construído o segundo viveiro municipal, no bairro do Bessa.

Até que a árvore seja plantada em uma rua, canteiro ou avenida, as equipes do Viveiro Municipal atuam desde a coleta da semente até a muda ser distribuída pela cidade. O primeiro passo acontece ainda com a árvore matriz, que produz seus frutos e liberam as sementes; elas são trazidas para a mesa de secagem e, logo depois, para sementeira, que é a incubadora das plantas. Quando começa a germinação, as plantinhas são retiradas e levadas para os sacos de terra vegetal e composto orgânico, produzido no local. Só depois vão para o sombrio (a estufa) e, após 60 dias, são levadas ao pátio, prontas para serem doadas.



Projeto pretende fomentar a agricultura familiar e gerar renda

O Viveiro Municipal de João Pessoa está implantando um projeto experimental para atender a agricultura familiar, no âmbito da comercialização de plantas ornamentais e decorativas. Já foram adquiridas mudas das espécies tropicais que serão doadas às famílias das zonas rurais da capital,

para que os agricultores tenham mais uma alternativa de renda em sua propriedade, que é o plantio de flores.

De acordo com o responsável pela floricultura do viveiro, Zeca Araújo, mais de mil mudas já foram cultivadas e distribuídas aos pequenos agricultores das áreas de Gra-

mame, Valentina Figueiredo e Colinas do Sul.

Alternativa de renda

A prefeitura também estará realizando capacitações sobre todo o ciclo das plantas, que vão desde o plantio até a comercialização das flores, focando em toda a cadeia

produtiva e mostrando as alternativas de se empreender com flores voltadas para decoração. "Inclusive, já recebemos o pedido da primeira-dama Lauremília Lucena para que as flores utilizadas nos eventos da prefeitura sejam as cultivadas por essas famílias", garante o funcionário do viveiro.

A iniciativa do viveiro é para contribuir com a geração alternativa de renda, já que esse tipo de vegetação comercializada são plantas que se desenvolvem muito rápido, com baixo custo de produção, como o sorvetão, bastão do imperador e alpinea vermelha rosa.



Foto: Talita Gouvêa-CBF

BELOS 90 ANOS

Empresa Paraibana de Comunicação prepara programação especial para celebrar nove décadas de fundação do Botafogo

André Resende

andresendejornalismo@gmail.com

Uma instituição centenária e outra quase chegando aos 100 anos que juntas escreveram grandes páginas do futebol paraibano ao longo do tempo. O Botafogo Futebol Clube completa 90 anos de fundação na próxima terça-feira (28) e, para marcar as nove décadas de história, a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) preparou uma programação especial na semana de aniversário do clube. Amanhã será apresentada uma edição comemorativa do programa 'Cabine Esportiva', na Rádio Tabajara, e hoje chega às bancas e aos assinantes do Jornal **A União** uma revista com mais de 70 páginas intitulada '90 vezes Belo: o Botafogo no imaginário da Paraíba', com vasto material histórico, artístico e opinativo sobre o clube pessoense.

O diretor de mídia impressa da EPC, William Costa, ressaltou que a EPC não poderia ficar de fora das comemorações dessa data emblemática do clube paraibano, sobretudo porque as histórias do Jornal **A União** e do Botafogo se misturam em vários momentos ao longo das décadas.

"Como as duas histórias estão umbilicalmente ligadas, o jornal com 128 anos e o Botafogo com 90, a EPC não poderia deixar de sair com a edição especial contando um pouco dessa relação do jornal com o Botafogo, mas também destacada por meio de jornalistas, professores, escritores, jogadores, um grupo de pessoas que gravitam o futebol que vão contar suas histórias juntas à história do Botafogo", explicou William Costa.

A revista '90 Vezes Belo' está sendo entregue a todos os assinantes do Jornal **A União** juntamente com a edição deste domingo e também estará à venda, a partir de amanhã, nas bancas de revistas e livrarias parceiras da EPC, como a Livraria do Luís, na Galeria Augusto dos Anjos, na Praça 1817, no Centro de João Pessoa, ao preço de R\$ 15,00. O jornalista Iago Sarinho, um dos responsáveis pela produção do material, explica que o material reuniu textos e fotos que transitam pela história quase centenária do Belo.

"São 22 textos de diversos escritores de gerações diferentes, pessoas que observaram o Botafogo em momentos diferentes da história, que se transformam em torcedores. Também tem o espaço para os rivais, com um time bem relevante de escritores. A ideia é justamente retratar como o Botafogo se faz presente imagetivamente na vida da população paraibana, nesse imaginário coletivo da Paraíba", explicou Iago Sarinho.

De acordo com William Costa, o grande objetivo da publicação é fornecer ao leitor, em particular ao torcedor e à torcedora do Belo, não só histórias clássicas, biografadas, mas também suas nuances, os momentos de dor e de glória, que são compartilhados por atletas, treinadores, dirigentes e a torcida.

"Temos textos biográficos, temos crônicas, artigos, reportagens, entrevistas exclusivas e até poemas. Ou seja, é um suplemento bastante diferenciado nesse sentido, porque ele foge daquela narrativa clássica de publicações comemorativas e oferece um leque de opção em que o leitor

vai ter, além da informação, o prazer da leitura, de ler textos diferenciados, construídos com muito amor pelos participantes", ressaltou o diretor de mídia impressa da EPC.

Por sua vez, a Rádio Tabajara não fica de fora das homenagens feitas pela EPC ao Botafogo. Na noite de amanhã será feita a transmissão ao vivo pelos canais AM e FM da rádio, assim como pelas redes sociais da Tabajara, uma edição especial do programa 'Cabine Esportiva'. O diretor de esportes da Rádio Tabajara, Lima Souto, destacou que a edição comemorativa está recheada de participações especiais, que vão contar não só a história do Belo, mas também a história de transmissões da rádio em jogos do clube.

"O programa será feito no auditório da Rádio Tabajara, vamos contar com no máximo 15 convidados, todos respeitando o distanciamento, os protocolos de segurança nesta pandemia. Então, o escrete campeão da Rádio Tabajara preparou um programa especial nestes 90 anos do Botafogo", antecipou Lima.

Ainda de acordo com o diretor de esportes da Rádio Tabajara, o 'Cabine Esportiva' especial vai contar com a presença de narradores de grandes partidas do Belo, bem como de ex-jogadores históricos do clube. "Vamos contar com a presença de Eudes Toscano, que narrou a vitória

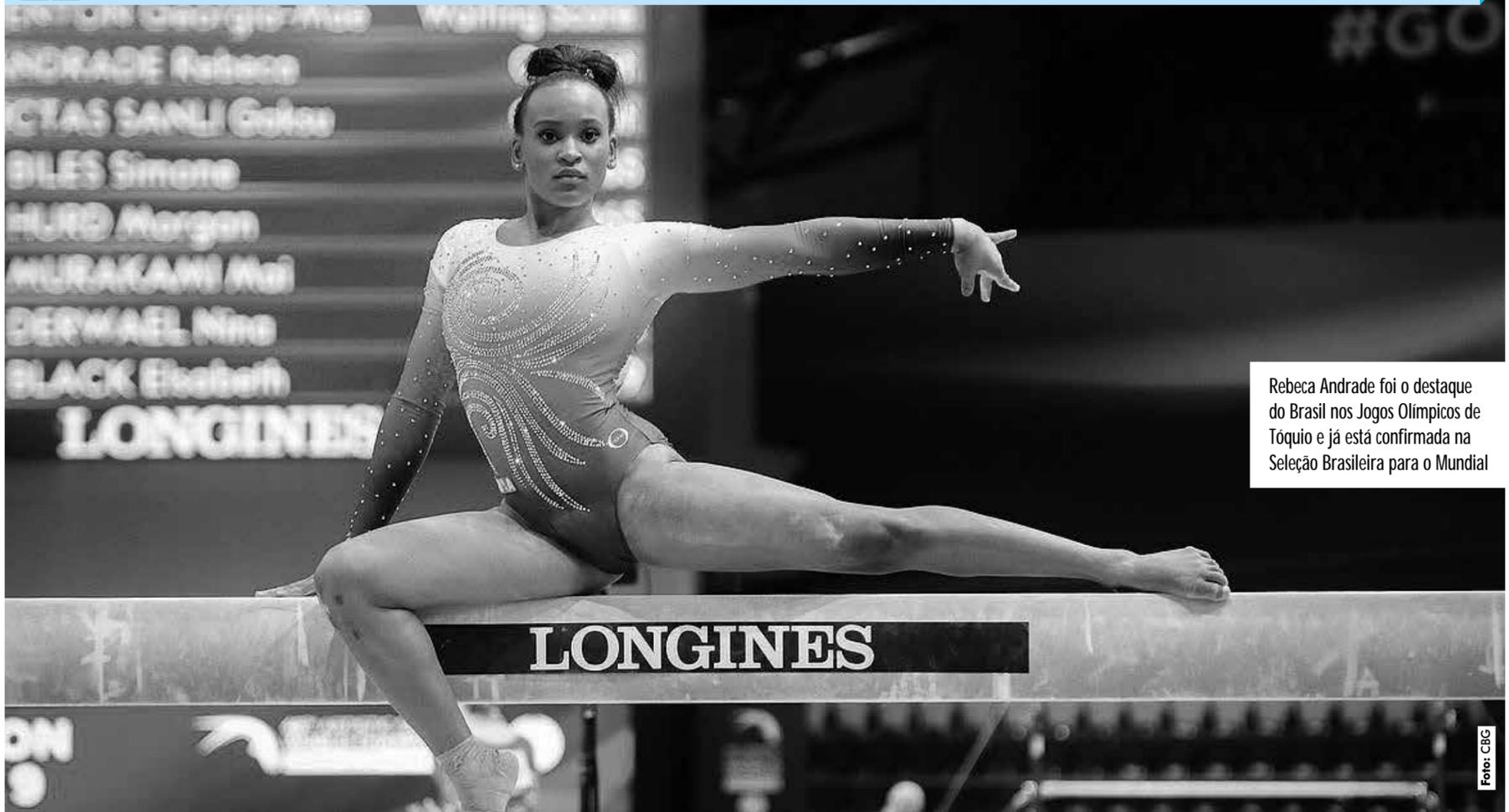
do Botafogo em 1981 sobre o Flamengo de Zico no Maracanã. Chico Matemático, o maior artilheiro da história do Botafogo também estará conosco, a exemplo do Magno, craque do time que venceu o Fla no Maraca. Enfim, vai ser muito bacana", comentou.

O 'Cabine Esportiva Especial 90 Anos do Belo' terá a apresentação do próprio Lima Souto, que também fez parte da história do clube, narrando o primeiro jogo da final da Série D de 2013, no Rio Grande do Sul, torneio que o Botafogo conquistou e até o momento é oficialmente o único título brasileiro do futebol paraibano. Celebrações da EPC para uma data fechada que conta muito da história do Botafogo paraibano, mas que, inegavelmente, rememora um pedaço da cultura do povo paraibano.



A revista '90 Vezes Belo' está sendo entregue a todos os assinantes do Jornal **A União**, juntamente com esta edição, mas também estará à venda a partir de amanhã

Ilustração: Tônio



Rebeca Andrade foi o destaque do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio e já está confirmada na Seleção Brasileira para o Mundial

Foto: CBC

CBG convoca para Mundial de Ginástica em Kitakyushu

Rebeca Andrade, que conquistou duas medalhas nos Jogos Olímpicos de Tóquio, é a maior estrela do grupo

Agência Estado

Depois de um ano de isolamento e muitas sessões de treinamento virtual, 2021 está repleto de emoções na ginástica artística. Com as recordações da excepcional campanha brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020 ainda muito vivas, a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) já se prepara para enviar a

delegação nacional para o Mundial de Kitakyushu, também no Japão, entre os dias 18 e 24 de outubro.

Os desafios de 2021 são muito peculiares. A última vez em que houve um calendário com Jogos Olímpicos e Mundial no mesmo ano foi em 1996. No feminino, a representante do país será Rebeca Andrade. "No Mundial de Kitakyushu, que será voltado às especialistas, op-

tamos por enviar apenas a Rebeca, tendo por base o que observamos nas avaliações virtuais", afirmou o coordenador da seleção de ginástica artística feminina, Francisco Porath Neto.

Devido à necessidade de aclimatação, a delegação brasileira vai viajar rumo a Doha, no Catar, antes de seguir para o Japão. Assim, um dia depois do encerramento do Campeonato Brasileiro

de Ginástica Artística, que será realizado a partir da próxima quarta-feira até 3 de outubro, em Aracaju, a equipe viajará para o Oriente Médio.

A princípio, Rebeca Andrade será inscrita nos quatro aparelhos, mas esse plano inicial pode ser modificado. "Tudo vai depender da evolução dela em Doha. Lá é que vamos decidir quais aparelhos a Rebeca fará.

Nosso objetivo é inscrevê-la apenas nos aparelhos nos quais esteja competitiva para chegar às finais", assinalou Porath.

Os representantes do Brasil na ginástica artística masculina serão Arthur Nory, Caio Souza e Luís Porto. Como explica o coordenador da seleção masculina, Marcos Goto, as avaliações dos ginastas também foram realizadas de forma on-line.

"Realizamos dois dias de testes (entre os últimos dias 14 e 16) e levamos em consideração, para a convocação, as melhores notas de partida e final. Escolhemos os três atletas com melhores condições para representar o Brasil neste momento", disse Goto, que, assim como Porath, vai decidir em quais aparelhos inscreverá os atletas com base nas observações feitas em Doha.

Basquete

Helinho será um dos assistentes de Gustavo Conti na seleção masculina

Agência Estadão

A família Garcia está de volta à seleção brasileira masculina de basquete. Treinador do Franca Basquete, Helinho Garcia será auxiliar de Gustavo De Conti, juntando-se a Tiago Splitter na nova comissão técnica. Os Garcias têm mais de 50 anos de serviços prestados ao basquete brasileiro, começando por Fransergio, Totô e Hélio Rubens, que foi multimedalhista pela seleção em quadra e depois como técnico do Brasil, e agora Helinho, que defendeu o país como jogador e terá neste momento uma nova missão como auxiliar.

"Estou muito feliz e motivado com esse convite para ser auxiliar do Gustavo De Conti na seleção brasileira. Quero agradecer o convite do presidente Guy Peixoto Jr, do Marcelo Pará, do Diego Jeleilate e ao Gustavo e a confiança que eles tiveram no meu nome. Temos muito trabalho pela frente, mas tenho a certeza que juntos podemos construir bastante para o basquete brasileiro", disse Helinho.

Helinho praticamente cresceu dentro de uma quadra de basquete. Seu pai, Hélio Rubens, hoje com 81 anos, foi um grande destaque da seleção brasileira, medalha de bronze no Mundial de 1967 e de 1978 e prata no de 1970. Também venceu o Pan de 1971, em Cali, na Colômbia. Mais tarde, treinou o Brasil em 96 partidas, sendo campeão dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999, no Canadá.

O treinador de Franca cresceu vendo a família respirar basquete e não teve como seguir outro caminho. Foi atleta por Franca, Vasco e Uberlândia e desde a aposentadoria, em 2015, está no Franca Basquete. Pela seleção jogou os Mundiais de 1998 e 2002, além de ter sido campeão dos Jogos Pan-Americanos de 1999, sob o comando do seu pai. Como treinador, venceu o Paulista de 2018 e a Liga Sul-Americana do mesmo ano, além do Paulista de 2019 e a Copa Super 8, todos por Franca.

"A família Garcia tem uma história linda de serviços prestados ao basquete brasileiro, passando pelo irmãos Fransergio, Totô e o grande Hélio Rubens. E depois o Helinho, dentro de quadra e agora fora dela. É uma tradição bonita e de muito talento. É uma felicidade podermos ter o Helinho na nossa comissão técnica comandada pelo Gustavo De Conti", disse o presidente da Confederação Brasileira de Basketball (CBB), Guy Peixoto Jr.

Diretor do basquete masculino na entidade, Diego Jeleilate falou da importância da chegada de Helinho. "O Helinho vem despontando nos últimos anos como um dos melhores técnicos do cenário nacional, travando batalhas acirradas com equipes nacionais e internacionais, com a conquista do Sul-Americano pelo Franca. Estamos precisando de pessoas do perfil dele, que tem uma excelente visão do armador que foi, e também fora das quatro linhas", citou.

Foto: CBB



Helinho, do Franca, é visto como um dos mais experientes técnicos do país

Associação de clubes da Europa critica Fifa

Agência Estadão

A Associação Europeia de Clubes (ECA, na sigla em inglês) exigiu nesta sexta-feira da Fifa "um acordo" sobre a reforma do calendário internacional, lembrando a entidade de suas obrigações e lamentando "a ausência de uma verdadeira consulta" sobre o seu projeto de realizar uma Copa do Mundo a cada dois anos. Em um comunicado oficial, se diz totalmente contra a ideia.

"O novo projeto da Fifa teria um impacto direto e destrutivo no futebol e colocaria em risco a saúde e o bem-estar dos jogadores. A ECA acompanha com grande preocupação a campanha lançada pela Fifa. Não existiu qualquer consulta real aos clubes e isso é uma violação direta e unilateral de certas obrigações legais", defendeu a associação, que representa 247 clubes e é liderada pelo presidente do Paris Saint-Germain, o empresário catariense Nasser Al-Khelaifi.

A ECA acrescentou ainda que é "urgente negociar e chegar a um acordo conjunto" com a Fifa para a reformulação do calendário internacional, com menos janelas para as seleções nacionais. "Somos favoráveis à

redução do número de janelas internacionais - semanas em que os jogadores deixam os seus clubes para se concentrarem com suas seleções nacionais -, mas não para uma Copa do Mundo a cada dois anos", informou.

Além da ECA, também o presidente da Uefa, o esloveno Aleksander Ceferin, e a Conmebol, através de seu mandatário, o paraguaio Alejandro Domínguez, demonstraram que são contra a realização de um Mundial de dois em dois anos.

Na próxima semana, no dia 30, a Fifa vai realizar uma "cúpula online" e quer ouvir as suas 211 federações membro sobre este projeto, que tem sido publicamente defendido pelo seu diretor de desenvolvimento, o francês e ex-treinador Arsène Wenger.

A Fifa está desenvolvendo o projeto para realizar a Copa do Mundo a cada dois anos sem consultar a opinião dos clubes europeus

Flamengo tenta recuperação contra o América, em Minas

Partida será às 11h da manhã; 22ª rodada do Brasileirão ainda programa mais seis jogos para este domingo

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após o tropeço para o Grêmio na última rodada, o Flamengo viu a distância para o líder Atlético-MG aumentar, e de agora por diante, não poderá mais perder pontos. Neste domingo, às 11h, o Fla vai encarar o América-MG, no Estádio Independência, em Belo Horizonte, precisando vencer para continuar na briga pelo tricampeonato brasileiro. O América vem de um bom resultado na última rodada, quando conseguiu arrancar um empate contra o Corinthians, jogando em São Paulo.

Na próxima quarta-feira, o Flamengo decidirá uma vaga para as finais da Libertadores, no Equador, contra o Barcelona, e por esse motivo o técnico Renato deverá poupar alguns titulares. Os mais cotados para ganhar uma folga é o meia Everton Ribeiro e o lateral direito Isla. Dois desfalques já estão certos no Rubro-negro, o meia Arrascaeta e o lateral esquerdo Felipe Luiz. Ambos estão se recuperando de contusões e só deverão voltar ao time titular no jogo contra o Barcelona de Guayaquil.

O América, depois de um começo de competição desastroso, vem crescendo e até já escapou da zona de rebaixamento. O Coelho é hoje o 16º lugar na tabela de classificação, com 23 pontos. O clube está há quatro partidas sem perder. Além de ter empatado com o Corinthians em São Paulo, venceu o Ceará e o Athletico, ambos por 2 a 0, e empatou com o São Paulo em 0 a 0, no Morumbi.

Flu x Bragantino

Fluminense e Red Bull Bragantino se enfrentam às 16h, no Maracanã, no Rio



Foto: Ascom/Flamengo

Na última partida entre Flamengo e América-MG, o clube carioca levou a melhor e venceu por dois a zero, em partida disputada no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro

de Janeiro. Os dois clubes estão separados por quatro pontos. O Bragantino é o quinto colocado, com 33 pontos, enquanto o Fluminense tem 29 e está na 8ª posição. Na última rodada, o Tricolor empatou em 2 a 2 com o Cuiabá, fora de casa. Já o time paulista também empatou, 1 a 1 com o Bahia, em Salvador.

Inter x Bahia

O Internacional tem neste domingo, a oportunidade de encostar mais nos líderes da competição. O Colorado vai receber o Bahia, às 16h,

na Arena Beira Rio, em Porto Alegre. O clube gaúcho está na 7ª posição, com 29 pontos, enquanto o adversário nordestino está em 15º lugar, com 23 pontos. Na rodada anterior, o Inter venceu o Fortaleza por 1 a 0, no Beira Rio, e o Bahia empatou em Salvador com o Bragantino, pelo placar de 1 a 1.

Juventude x Santos

Juventude e Santos deverão fazer um jogo bastante equilibrado, às 16h, no Estádio Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul. A equipe da casa está na 17ª posição com

23 pontos, enquanto que o Peixe é o 14º lugar, com 24 pontos. Na 21ª rodada, o Juventude perdeu por 2 a 1, para o Athletico Paranaense, em Curitiba. Já o Santos empatou com o Ceará em 0 a 0, na Vila Belmiro.

Sport x Fortaleza

O Sport tenta sair da zona de rebaixamento e recebe o Fortaleza, neste domingo, às 18h15, na Ilha do Retiro, em Recife. O Rubro-negro é 19º colocado, com 17 pontos e o Fortaleza vem fazendo um grande campeonato. Ele está em 4º lugar,

com 33 pontos. Na rodada passada, o Sport foi goleado por 3 a 0 pelo Atlético-MG, em Belo Horizonte. Já o Tricolor do Pici perdeu por 1 a 0 para o Internacional.

Athletico x Grêmio

Atlético e Grêmio se encontram às 18h15, na Arena da Baixada, em Curitiba. O time paranaense está em 10º lugar, com 27 pontos. Já o Grêmio vem tentando se recuperar e fugir da zona de rebaixamento. O Tricolor Gaúcho está na 18ª posição, com 22 pontos. O Athletico vem de uma vitória por 2 a 1 so-

bre o Juventude, já o Grêmio surpreendeu o Flamengo no Maracanã e venceu por 1 a 0.

Atlético-GO x Cuiabá

Atlético Goianense e Cuiabá fecham a rodada, jogando às 20h30, no Estádio Antônio Accioly, em Goiânia. O Atlético vem fazendo uma boa campanha e está na 11ª colocação, com 26 pontos. O Cuiabá está uma posição acima, com 28 pontos. O Atlético perdeu por 2 a 1 na última rodada para o São Paulo, enquanto que o Cuiabá empatou em 2 a 2 com o Fluminense.

Lateral Daniel Alves corre risco de ficar fora da Copa do Mundo do Catar, em 2022, porque está sem clube

Foto: CBF



Desde que saiu do São Paulo, Daniel Alves não acertou com nenhum clube e por isso não foi convocado por Tite

Marcio Dolzan
Agência Estado

A rescisão de contrato com o São Paulo e a indefinição acerca de seu futuro fizeram o lateral direito Daniel Alves ficar de fora da lista de convocados da seleção para os jogos diante de Venezuela, Colômbia e Uruguai. Ao não ser incluído na lista divulgada na última sexta-feira, o jogador recebeu um recado claro da comissão técnica: para seguir com chances de disputar a próxima Copa do Mundo, será preciso que ele defina logo - e bem - o seu futuro.

"Na última convocação, eu e o Fabio (Mahsredjian, preparador físico da seleção) conversamos

com ele (Dani Alves) particularmente, e colocamos todos os aspectos que remetem à Seleção Brasileira. E eu tive um contato com o Dani por mensagem - não vou dizer o que é, porque não me sinto no direito -, mas é sim uma torcida para que ele encontre seu melhor caminho", disse Tite nessa sexta-feira.

Daniel Alves rompeu com o São Paulo e tem até sexta para fechar com algum clube do país caso queira seguir jogando por aqui este ano. Se não se acertar com nenhuma equipe brasileira, só poderá seguir em atividade na temporada no exterior, e em mercados restritos. Assim, corre o risco de só retomar o futebol em janeiro.

Sem a definição, Tite decidiu deixar de fora um dos jogadores que mais vezes ele chamou desde que assumiu a seleção, há cinco anos. E foi claro: a briga pela lateral direita vai ser igual para todo mundo.

"Eu falo pela comissão técnica: nós ficamos torcendo para que essa situação seja conduzida o melhor possível. Que ele tenha luz, que ele encontre seu caminho. (Mas) ele vai competir juntamente com o Danilo, juntamente com o Emerson, juntamente com o Gabriel Menino, juntamente com o Fagner, juntamente com o Vanderson, do Grêmio... Uma série de atletas importantes que estão brigando pelo seu espaço", afirmou o técnico.

Renovação: Seleção Brasileira passa por um novo momento

Jogos em João Pessoa e Campina Grande contra a Argentina foram o início de um trabalho que já visa o Mundial e os Jogos Olímpicos de Paris, em 2024



Foto: Talita Gouvêa/CBF

Entre as novas atletas que hoje integram a Seleção Brasileira de Futebol Feminino, Marta é a experiência e a referência para as jovens

Ana Flávia Nóbrega
anaflaviana@epc.pb.gov.br

Após a eliminação nas quartas de finais dos Jogos Olímpicos de Tóquio, a Seleção Brasileira de Futebol Feminino começou a mirar no novo ciclo: três anos para montar um novo time na disputa da Copa América de 2022, Copa do Mundo em 2023 e Jogos Olímpicos de 2024. Pensando no ciclo curto, a técnica Pia Sundhage propôs uma renovação no quadro de atletas, sem esquecer das experiências das jogadoras já consagradas com a camisa verde-amarelo.

O objetivo principal, descrito pela treinadora e toda a organização da categoria feminina, é chegar ao patamar de melhor seleção do mundo. Para isso, a reinvenção do elenco e da forma de jogar são necessárias. E esse processo começou aqui, na Paraíba. Nos jogos amistosos contra a Argentina,

Pia convocou o plantel com seis jogadoras estreantes que renderam bons frutos e entraram na briga pela titularidade para o ciclo.

Integraram o elenco na rodada dupla contra a Albiceleste, a goleira Lorena (Grêmio); as defensoras Katrine (Palmeiras), Yasmin (Corinthians), Lauren (São Paulo), Bruninha (Santos); além da meia Thaís (Palmeiras).

“Para nós obtermos um resultado diferente, temos que fazer as coisas de uma forma diferente. Isso significa que temos que ter algumas novas jogadoras e ver como elas se comportam, combinam, para chegarmos a um time coeso. Essas novas jogadoras, com as antigas, estamos tentando misturá-las em uma fórmula de sucesso. Acho muito importante falarmos do ano que vem, da Copa América. Mas também temos que ter a coragem de olhar para algumas jogadoras

jovens, com novos olhos, e vermos se podemos agir de forma diferente na Copa do Mundo. Nos qualificarmos e obtermos um resultado melhor na Copa do Mundo”, destacou Pia.

Nas partidas, Lorena foi titular absoluta e pode ser a goleira titular também nas próximas oportunidades. Isto porque, a goleira de 24 anos apresentou segurança nas duas partidas, tem uma boa saída com os pés, algo que faltava na seleção, e passa segurança para as demais jogadoras. Nos amistosos contra as Hermanas, Lorena foi vazada por duas vezes, uma em cada jogo.

Outra jogadora que surpreendeu foi Yasmin Assis. A lateral esquerda entrou no segundo tempo da partida em João Pessoa, nessa segunda-feira, e deu assistência e, também, deixou o seu primeiro gol marcado.

“Foi um sonho. Fiz al-

gumas visualizações, imaginei o que poderia acontecer, mas não imaginei que seria assim. Estou muito, muito feliz. As pessoas que me conhecem sabem o quanto trabalhei”, contou Yasmin.

Também entraram em campo, com atuações decisivas para o elenco, Katrine (lateral esquerda), Lauren (zagueira), Thaís (zagueira) e Bruninha (lateral direita), com assistência para gol.

“Acho que todas elas [estreantes] foram muito bem. Estou bem ansiosa para vê-las novamente. É a primeira vez que elas estão jogando e treinando com esse grupo de jogadoras. Com esse feedback, acredito que a maioria delas retornará em outras oportunidades. Porque temos que achar novas atletas, e aqui estão elas. Temos apenas que ajustá-las para o estilo que estamos jogando”, explicou Pia após as duas partidas realizadas na Paraíba.

A reformulação é o caminho do futuro

Para chegar mais longe nas competições, a reformulação de jogo é o objetivo principal, mudar o setor ofensivo, visando chegar ao ataque com mais qualidade, criatividade e imprevisibilidade, além de segurança e maior participação do setor defensivo no andamento de todo o jogo. No entanto, para conseguir implementar as ideias, o time precisa estar bem preparado fisicamente.

“Estamos focando na preparação física e mostrando para as jogadoras, pouco a pouco, que se elas quiserem jogar a nível internacional precisam correr. Algumas delas já entenderam isso. As novas não têm o mesmo histórico, mas podem chegar e mudar a forma como pensam. Espero que possamos criar um time dinâmico, com as mais novas e as mais experientes. Vamos fazer isso, passo a passo, garantindo uma performance tão boa quanto almejamos”, falou Pia.

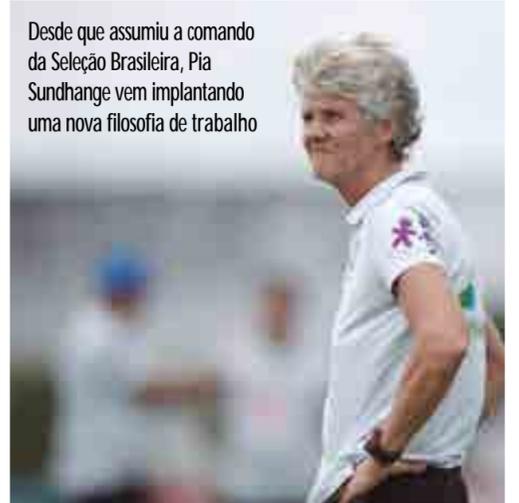
A excelência almejada passa, também, pela possibilidade de errar. Para Pia Sundhage, o momento de testar jogadoras na formação do time ideal para o novo ciclo não precisa e não deve ser perfeito, afinal, apenas errando neste momento inicial é que a conquista da primeira colocação no índice das melhores do mundo poderá ser alcançada. Aos 19 anos, a estreante Bruninha, ressaltou a importância da segurança, passada pela treinadora, para errar.

“A conversa prévia que me marcou muito foi antes de entrar. Prometi para ela [Pia Sundhage] que ia dar o meu melhor, para me impor, sem medo de errar. [Ela disse que] Não tinha problema errar desde que eu colocasse em prática o que estávamos treinando. Eu não esperava ser titular, mas vim trabalhando para isso. A Pia conversou comigo durante a semana, treinamos muito, o trabalho foi feito da melhor forma possível. Me dediquei bastante para entregar ao máximo dentro de campo”, afirmou a lateral que foi titular no primeiro jogo entre as equipes, na última sexta-feira, 17, em Campina Grande.

O último componente da receita para o futuro é acreditar e incentivar as categorias de base. Além das estreantes, novos nomes que vem aparecendo nas convocações são oriundas da base. E é lá que as jogadoras serão lapidadas para chegar na equipe principal em alto nível.

“A base é fundamental porque é lá que você aprende muita coisa, cresce como atleta e pessoa. Não só os treinamentos são importantes, mas também os amistosos e jogos oficiais em competições, pois me deram mais maturidade e experiência. Isso agrega muito quando chegamos na Principal. Tem sido feito um trabalho sensacional na base e, com certeza, isso ajudou as meninas, assim como me ajudou também. Fico muito feliz em poder jogar com elas novamente aqui na Principal. Estamos realizando um sonho juntas e fico feliz pelo desempenho delas também”, explicou a meia Angelina.

Foto: Talita Gouvêa/CBF



Desde que assumiu a comando da Seleção Brasileira, Pia Sundhage vem implantando uma nova filosofia de trabalho

Encontro de gerações: uma mistura que vem rendendo bons frutos

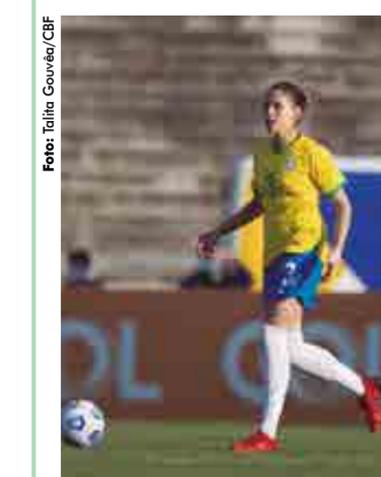


Foto: Talita Gouvêa/CBF

A zagueira Érika é uma das atletas mais experientes do grupo, com 33 anos

A proposta de Pia, em buscar uma nova cara para o jeito de jogar da Seleção Brasileira, ainda tem muito chão para ser trilhado, mas as primeiras aparições com as orientações foram proveitosas e permitem o sinal verde acionado para manter a mesma filosofia e o ritmo.

Aos 33 anos, a zagueira Érika é uma das mais experientes no elenco e não poupou elogios ao falar sobre o momento de renovação, mesmo com a concorrência crescente.

“O objetivo era esse, começar com uma renovação, dar continuidade ao nosso trabalho, ela [Pia Sundhage] fazer algumas mudanças nesse

sentido, de renovar a equipe. Isso é importante, porque nós estamos atingindo objetivos, que é fazer ganhos nos jogos, aos poucos a gente vem construindo isso, fazendo o que ela quer, o que ela pede. É ainda muito nova a equipe, o entendimento do que ela quer, mas é importante, muito feliz porque as meninas estão conseguindo isso e obedecendo [as orientações]”, afirmou a defensora.

Mesmo satisfeita com o resultado dos primeiros testes com as estreantes, a treinadora garantiu que quer contar com Marta, a maior artilheira entre as Seleções Brasileiras, com 117 gols, para o próximo

ciclo. A jogadora é uma peça fundamental para o sistema de jogo pensado por Pia Sundhage e também para a nova geração de jogadoras que aprende com a experiência da atacante.

“É incrível marcar muitos gols. Algo que tenho na minha cabeça a partir de agora é jogar com a Marta mais próxima do gol. Isso me deixa contente, e ela jogou muito bem. Não podemos jogar como jogamos na Olimpíada, porque senão não ganharemos. Precisamos adicionar algumas coisas na parte boa que apresentamos na Olimpíada. Uma coisa é desafiar a linha. É claro que o jeito brasileiro requer esse

equilíbrio. Nos dê tempo, porque estamos tentando trazer o que temos de melhor nos clubes do Brasil, mas também nos EUA, Europa e China”, explicou a treinadora.

Nas Olimpíadas, o Brasil foi eliminado nos pênaltis para o Canadá, campeão da edição, e a atuação de Marta foi alvo de críticas pelos torcedores. Não pela atuação em si, mas pela forma como a técnica utilizou a jogadora. Marta esteve mais centrada nas laterais, afastada da grande área, a atacante e muito campista se desgastava muito na busca pela bola no meio campo e já não chegava com muita qualidade no ataque.



Ilustração: Nivalson Miranda

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Uma pequena fração da história do dia a dia dos moradores da capital paraibana na primeira metade do século XIX tornou-se um grande achado para os pesquisadores. Nesta segunda parte da reportagem com o professor Ângelo Emílio da Silva Pessoa, do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que em 2018 iniciou suas pesquisas nos documentos antigos encontrados nos arquivos da Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), confirma-se a importância desses achados.

Ainda não foi possível estipular o quantitativo exato de documentos em razão do estado de conservação de alguns. A estimativa do historiador é de 700 páginas, em 300 a 350 documentos. A maioria deles é manuscrita e há pouquíssimo material impresso. Consta na lista um livro de mandados de despesas da Câmara da Cidade da Parahyba. Esses mandados são os ordens de pagamentos dentro das despesas ordinárias das atividades ou serviços contratados pela Câmara, além da folha de pessoal. Há o pagamento dos funcionários, de obras públicas, de prestação de serviços à Câmara, que vão do ano de 1814 a 1819.

Entre 1819 a 1820, não foram encontrados documentos. Em seguida, aparecem outros de 1824 a 1829. A maioria correspondências recebidas pela Câmara, vindas do governo da Província da Parahyba, e um livro de cópias dos ofícios da Câmara que foram expedidos para outros órgãos. Há os expedidos e os recebidos de 1824 a 1829.

Há um outro livro, o de atas da Câmara da Vila do Conde, atual município do Conde, na Região Metropolitana de João Pessoa, que, durante uma época, foi parte do município da Parahyba (hoje João Pessoa). "Por isso os documentos devem ter sido transferidos do Conde para a Parahyba, e aqui ficaram, sobrando esse livro de atas. Esses nós vimos muito pouco, porque o estado dele é o mais precário e, portanto, vai ter que se lidar com muito cuidado no manuseio. Ele começa em 1816 e segue por vários anos subsequentes", declarou o historiador Ângelo Emílio.

De 1829 em diante, não aparece nada. Só foi encontrado um livro de atas de 1910, mais de 80 anos depois, que vai de 1910 a 1912. "Se formos considerar a massa do que deve ter existido, essa é uma amostra relativamente pequena, porém bastante significativa pela qualidade das informações", ressaltou.

Nesse material são encontradas informações acerca da administração pública do município da Parahyba e que trazem questões sobre o dia a dia da cidade, como o acesso à água, vias públicas, obras públicas, transportes, mercado, abastecimento de gêneros, segurança, festividades civis e religiosas, relações políticas da cidade com o governo da província e com o governo imperial. "Conseguimos encontrar uma diversidade de informações acerca da vida do município da Parahyba de 1814 a 1829, e uma pequena amostra de 1910 a 1912. Há um documento, inclusive, que faz alusão aos currais de pescaria. Alguns ainda existem em Cabedelo, em Praia Formosa", observou.

Aparecem ainda várias informações sobre a instrução pública, que hoje é a educação. Não há muito volume, nem detalhe, mas algumas coisas interessantes. Um documento de 1827, do governo da província, manda vigiar os professores. "O que eles estavam fazendo em sala de aula? É muito interessante. Essa vigilância sobre o que os professores estavam dizendo e fazendo soa muito 'interessante' para não dizer atual", observou.

Pequena fração da história em um grande achado

Documentos da primeira metade do século XIX serão digitalizados e ficarão acessíveis para pesquisadores na PB

+ Arquivos comprometidos pela ação do tempo

Pela análise da Arquivologia, existe uma condição diversa dos documentos. Alguns estão um pouco mais comprometidos, outros estão relativamente bem preservados. Porém, considerando dois séculos da maioria dos papéis, em linhas gerais, o comprometimento poderia ser maior. Há os que estão em situação bem precária, como o livro de atas da Vila do Conde e o livro de ofícios da Câmara da Parahyba, que tem muitos papéis quebradiços.

Essa condição exige um trabalho de restauro mais detalhado e cuidadoso, conforme o historiador Ângelo Emílio. Outros documentos, no entanto, estão em condição menos degradada e têm condições de serem manuseados.

Justamente em função da necessidade de restauro, a pesquisa ainda não foi concluída. Quando tudo for restaurado, será digitalizado e ficará acessível para pesquisadores. Durante anos, segundo o professor, eles vão poder se debruçar sobre esses documentos e tirar informações, ponderações, investigações, que podem trazer coisas muito novas.

A expectativa é que, quando estiverem acessíveis, aconteçam novas pesquisas que estimulem a descoberta de outros documentos, ou outros pesquisadores busquem acervos e trabalhem com documentos que estão guardados e ainda não foram manuseados.

O professor lembrou que foi feito um trabalho específico na questão da tecnologia na história com o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) de João Pessoa e de Guarabira. Foram oficinas presenciais e remotas. Agora, a equipe está colaborando com o Polo Tecnológico Horizontes da Inovação.

Festas religiosas

Nos documentos há também muitas informações acerca de festas religiosas, do calendário. "Portugal, de quem nós éramos colônia, era uma monarquia católica, e a Igreja Católica era a religião oficial do estado. Então, havia uma íntima relação entre estado e igreja e, portanto, a Câmara custeava várias festas religiosas, principalmente a de Corpus Christi, a mais concorrida; a do glorioso mártir São Sebastião", disse o historiador Ângelo Emílio. As despesas da festa eram do coro que iria cantar, do sermão do padre, da missa cantada e das luminárias, porque não havia luz elétrica.

Foram encontrados vários documentos de pagamentos para um cidadão chamado Antônio de Sousa Gouveia por uma certa quantia de cera lavrada, ou seja, velas. Ele era o fornecedor e, provavelmente, o fabricante. O valor era altamente elevado porque, na época, o fabrico de velas era



Fotos: Divulgação

Material que traz informações do dia a dia da capital paraibana precisa de cuidado no manuseio



Alguns documentos estão mais comprometidos e outros estão relativamente bem preservados

Foto: Arquivo Pessoal



Professor Ângelo Emílio da Silva Pessoa

dispendioso. Sobre a festa de Nossa Senhora das Neves, a padroeira da capital paraibana, foram encontradas poucas informações. "Não parece que fosse, pelo menos nesses documentos, tão expressiva", comentou.

Algumas outras festividades estavam ligadas à monarquia. Por exemplo, toda vez que acontecia aniversário do rei, do monarca, do imperador, o nascimento de Dom Pedro II, as festividades reais eram comemoradas na cidade. Havia missa, o cântico em latim e repiques de sino.

O que há para se descobrir

Ainda há muito para se descobrir. A documentação, conforme Ângelo Emílio, é apenas um pequeno repositório de documentos. "Tomara que ela suscite ao surgimento de outros", disse o historiador. Segundo ele, há uma série de órgãos públicos, repartições que devem ter um espaço onde se guardam papéis, documentos antigos.

Nesses espaços, órgãos como prefeitura, câmara, UFPB, podem alertar funcionários acerca da possibilidade de localização de documentos e a consequente preservação.

Para ele, é possível que existam outros documentos. "Evidentemente, existe uma parte irremediavelmente perdida. Mas a gente não esperava que existissem esses poucos e eles apareceram", ressaltou. O professor acredita que isso é um sinal de que pode haver mais alguma coisa, inclusive acervos privados nas mãos de famílias que podem ter informações preciosas da história local, sobre a vida urbana.

Ângelo Emílio ponderou ainda que, com a pandemia, muita gente, para se distrair, começou a mexer em papéis antigos de família. Alguns postam fotos nas redes sociais e algumas, conforme avaliou, são documentos interessantes sobre a cidade.

Por outro lado, independente da descoberta de documentos novos, há os que estão guardados no Arquivo Estadual Valdemar Bispo Duarte, no Espaço Cultural; no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP); na Fundação Casa de José Américo; na Cúria Metropolitana. Há uma quantidade expressiva de documentos que ainda não foram efetivamente pesquisados.

O historiador afirmou que mesmo documentos que foram vistos por historiadores podem ser revistos por outros com outro olhar que pode trazer novas constatações e questões. "A pesquisa histórica não para de se renovar, seja por novas fontes documentais, seja por descobertas, seja por novos olhares possíveis acerca dessas fontes", destacou.

Achado vai mudar os livros de história?

■ A mudança não será no sentido global. Isso aconteceria no caso de se encontrar um volume gigantesco de documentos que, de fato, provocasse um "terremoto historiográfico". Para se ter uma ideia, foram encontrados documentos da Câmara Municipal da Parahyba a partir de 1814 e a cidade foi fundada em 1585. Por isso, Ângelo Emílio deduz que há mais de 200 anos de documentos da Câmara não localizados. "É uma tragédia".

A equipe de pesquisadores da UFPB sabe que há documentos da Câmara da Parahyba em Portugal, que foram expedidos e estão guardados em arquivos portugueses. Também no Rio de Janeiro. "Mas documentos locais da Câmara são mais de 200 anos de documentos perdidos. É muita coisa. Se descobríssemos um depósito com milhares de documentos, eles mudariam, com certeza, os livros de história".

O historiador acredita que as mudanças serão no sentido pontual, de conseguir ver mais detalhes, mais de perto certas questões da história. Haverá mudança em alguma medida, que não vai gerar novas grandes interpretações, mas podem trazer outros personagens para o cenário.

Normalmente, os documentos abordam personagens de grande relevo, governantes, grandes proprietários de terra, comerciantes, e isso faz parte das relações de poder numa sociedade. Os registros acerca das pessoas proeminentes, dos governantes, dos poderosos, sempre são mais numerosos do que os registros acerca das pessoas comuns, numa sociedade onde essas pessoas não dominavam a escrita. "As informações sobre as pessoas pobres livres e as escravizadas são muito escassas. E esse tipo de documentação permite que se perceba um pouco mais da vida do morador comum, da pessoa que habitou nessa cidade há dois séculos", constatou o historiador.

Existe, por exemplo, a ordem de pagamento para um mestre de carpina fazer o conserto da ponte. Ou para o mestre sapateiro fazer o revestimento da mesa e das cadeiras da Câmara em couro; o fabricante de velas. "Vai emergindo desse tipo de documentação a visão mais plural da história. Isso significa uma mudança nos livros de história. Não uma mudança que vire a história de cabeça para baixo, mas que permite com que seu olhar possa ser mais amplo, mais perceptivo da vida das pessoas", avaliou.

Diógenes Caldas

Jornalismo, agricultura e paixão pelos versos



Diógenes Caldas teria sido o criador das Caixas Rurais, uma instituição destinada a promover o chamado crédito popular

Hilton Gouveia
hiltongouveia@gmail.com

O jornalista, agrônomo e poeta Diógenes Caldas é definido por seus biógrafos como “um homem com ideias voltadas para a agricultura, muito acima de sua época. E que aproveitava a vocação natural para o jornalismo com o propósito de melhorar e modernizar as técnicas agrárias da Paraíba, utilizando os vários veículos da comunicação em que atuava, propagando, na época, o que de bom havia na ciência agrônômica.

Arrojado pesquisador, descobriu através de seus estudos que o sisal (agave), além de ser uma planta de fácil adaptação no solo de alguns estados do Nordeste brasileiro, estava sendo muito procurado por europeus e asiáticos, que a queriam utilizar no fabrico de tecidos, cordas, telhas térmicas e calçados. Por essa razão, adquiriu as primeiras mudas de sisal introduzidas aqui e as aclimatou no município de Areia, de onde elas se espalharam, tempos depois, para áreas do Brejo, Curimatá e Cariri da Paraíba.

No esforço de divulgar melhorias tecnológicas para a agricultura paraibana, percorreu fazendas do interior a pé e em cavalo, mostrando catálogos de máquinas agrícolas fabricadas na Alemanha e na Inglaterra, destinadas a melhorar a operacionalidade no campo, como ceifadoras, tratores, despolpadoras de algodão, além de debulhadoras de feijão e milho.

“Recebeu críticas dos invejosos, mas, em se tratando de um homem que tinha fé em Deus e de costumes conservadores, superou a tudo com muito equilíbrio”, diz o jornalista e histo-

riador José Octávio de Arruda Mello. “Diógenes era esclarecido até demais para a época em que viveu, naquele tempo de um Brasil atribulado, cuja economia sempre esteve presa ao humor financeiro de potências estrangeiras”.

Nos anais do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) existe a anotação de que “ele se destacou na vanguarda dos primeiros empreendimentos agrícolas do Estado, com a finalidade de modernizar a agricultura paraibana. E a Diógenes também se credita a criação das Caixas Rurais, sendo a primeira em Bananeiras, no Brejo paraibano. Era uma instituição destinada a criar uma iniciativa para o crédito popular, que depois abriu congêneres em outros municípios.

Pioneiro

Pesquisador, descobriu que o sisal, além de ser uma planta de fácil adaptação no solo do Nordeste, era bastante procurado pelos europeus

O jornal A Voz da Mocidade, que ele criou com recursos próprios, se tornou o maior arauto desse órgão financeiro, ao qual o pequeno e o médio agricultor tinham acesso para tocar suas lavouras e obter garantias contra pragas e estiagens. As matérias que tratavam de agricultura eram publicadas em páginas situadas ao lado das escritas para mulheres e homens jovens, incluindo ensinamentos sobre moda, costumes, política, estudos didáticos e versos.

Diógenes Caldas nasceu em Bananeiras, no Brejo paraibano, a 141 quilômetros de João Pessoa, no dia 6 de abril de 1886, dois anos antes da abolição dos escravos. Morreu aos 86 anos, no Rio de Janeiro, em 31 de dezembro de 1972. Era filho do desembargador Trajano Américo de Caldas Brandão e de Aurélia Emília de Vasconcelos Caldas. Em homenagem ao pai desse ilustre paraibano, as autoridades do Poder Legislativo da Paraíba concederam o nome de Caldas Brandão a um município da Paraíba.

Origem, estudos, casamento e carreira

Em Cabaceiras, no Cariri da Paraíba – que se destaca na geografia como o município que menos chove no Brasil –, Diógenes inicia seus primeiros estudos. Em Areia, conclui o primeiro grau. Ao mudar-se para a Cidade da Parahyba do Norte – atual João Pessoa –, matriculou-se no Liceu Paraibano, fazendo o preparatório para ingressar na Faculdade de Recife. Ali tornou-se bacharel no ano de 1911.

No mesmo ano em que se formou, casou-se com Maria Beatriz de Andrade Pedrosa, com quem teve onze filhos. Em seguida, despertando sua verve jornalística e poética, fundou o jornal A Voz da Mocidade, segundo informa o ‘Pequeno Dicionário de Escritores e Jornalistas da Paraíba do Século XIX’, editado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nesse jornal escrevia sobre agricultura e assuntos gerais, além de fazer versos.

Em outras revistas especializadas, entre elas a Era Nova, fundada em Bananeiras, sua terra natal, Diógenes publicava seus artigos, alguns versando sobre monografias que falavam das condições econômicas e produtivas de municípios paraibanos. Foi redator de A União. Antes fez parte de um grupo cênico e produziu o drama ‘Falso Mendigo’, obtendo elogios da crítica e das plateias.

“Meu tio-avô procurava fazer tudo com perfeição, principalmente se o objetivo fosse jornalismo ou agricultura”, informa a artista plástica Laurita Caldas, professora de Letras e Línguas da UFPB, que mora em João Pessoa. Diógenes era irmão do avô de Laurita, Cícero Caldas.

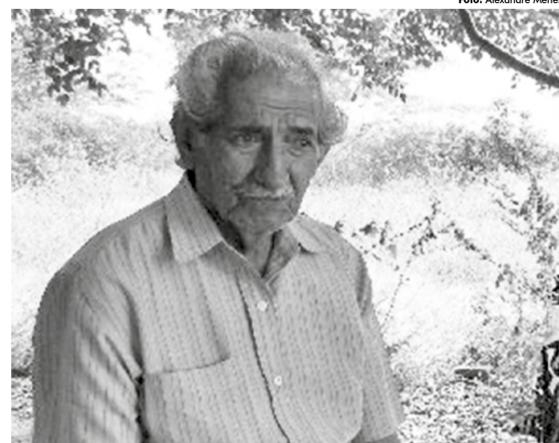


Foto: Alexandre Meneses



Ilustração: Nivalson Miranda

Existem raríssimas imagens de Diógenes Caldas e o professor Nivalson Miranda, que atuava nas artes plásticas, produziu um desenho em bico de pena do jornalista

Desprovido de vaidades, foram raras as fotografias que tirou. As publicadas estão no arquivo estadual. O professor Nivalson Miranda, da UFPB, conseguiu fazer um bico de pena de Diógenes, utilizando uma foto antiga de um álbum da família.

O professor Nivalson Miranda, que morreu em 17 de agosto de 2013, era formado em Bioquímica pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas a área de documentação histórica e geográfica regional e nacional foi a sua grande paixão. Ele foi membro efetivo do Instituto

Histórico e Geográfico da Paraíba e do Instituto de Genealogia e Heráldica. Realizou trabalhos na área das artes plásticas em xilogravura, bico de pena e aguada, aquarela e pintura em painéis de azulejos vitrificados.

Nenhuma biografia de Diógenes cita a instituição onde ele se formou em Agronomia. Mas, nesse tema, seu currículo é extenso. Foi diretor da Biblioteca Pública do Estado; inspetor agrícola do Departamento Agrícola do Sétimo Distrito; e administrador do Campo de Demons-

tração e Experimento de Mudas de Cruz do Espírito Santo.

Destacou-se por atuar, com eficiência, no cargo de delegado do Serviço de Combate a Lagarta. Foi superintendente da Construção do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros, em Bananeiras, o primeiro educandário profissionalizante do Estado a ensinar técnicas agrícolas para meninos carentes. Atualmente, no local funciona o Campus III da UFPB. Antes de morrer, foi diretor do Serviço Nacional de Economia Rural do Ministério da Agricultura.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

A jornalista que descansa enquanto carrega pauta

“Enquanto descansa, carrega pedra”, diz o ditado popular. Infelizmente, mal percebemos, mas estamos o tempo todo assim: sempre a executar uma atividade atrás da outra. Nem sequer a pandemia nos obrigou a dar uma parada. Ao contrário, pelo que vejo nas redes sociais, tenho a impressão de que nossa sofreguidão e a pressão por sermos produtivos até aumentaram nos últimos meses. Curso, live, reunião on-line, nova pauta... tudo em fluxo contínuo de tarefas.

Não estou livre disso, infelizmente. Tento descansar, nos momentos que deveriam ser de ócio, mas a coceirinha da produtividade sempre aparece. Não é uma urticária necessária, mas se bobeio, pegome lendo livros de comunicação ou vendo documentários sobre jornalismo, quando deveria, talvez, estar maratonando uma série sem compromisso – ou melhor, em que o compromisso fosse apenas com a fruição e o bel-prazer.

Sejam os hedonistas, docemente hedonistas! Esse deveria ser o mantra quando a mente e o corpo encerrassem a jornada de trabalho. Mas não! Sempre calhamos de inventar algo a preencher nosso tempo: curso gratuito o sábado inteiro? Queremos! Tem newsletter interessante no e-mail, mas

que não demos cabo durante a semana? Opa! Talvez o domingo seja um bom dia para colocar a leitura em dia. Será mesmo? Ou é hora de parar um pouco e tentar respirar? Ar puro de preferência.

Fiz isso no domingo passado, crente que daria certo. Convenci meu marido a sair de casa (claro que utilizando máscara e mantendo o distanciamento necessário à prevenção a covid-19) e seguimos para a Bica (o Parque Zoológico Arruda Câmara). Eu tinha necessidade de ficar perto das árvores. De sentir o cheiro da mata.

Plano elaborado, garrafinha de água cheia, máscaras no rosto, tudo certo! Entramos na Bica e começamos a caminhar pelo local. Vai ser um passeio legal, pensei. E foi, de fato. Apesar da pedra no meio do caminho, como bem sabe o poeta. Sim, a pedra, digo, a pauta estava lá. Melhor dizendo: as pautas. E eu não consegui ignorá-las.

A primeira delas apareceu quando ouvi uma criança falando, toda animada, para os pais: “Cadê o leão? Quero ver o leão!” O leão da Bica e seu olhar de desalento são para mim o retrato mais cru da tristeza que é um zoológico. Ver todos aqueles animais presos sempre me faz mal. Pássaros, macacos, antas, tantos bichos engaiolados e... para quê mesmo?

Mas a Bica, com todo aquele verde, ainda me parece um lugar agradável. Tento ignorar o que vi/ouvi e sigo o passeio. Poucos passos depois, outra pauta bate na minha cara. Vejo tapumes estragados e fico encucada: mas a Bica não foi reformada há pouco tempo? Por que tanto descaço e abandono? Encontro uma placa e identifico que os tapumes deveriam estar protegendo a recuperação da Fonte Tambiá, tombada em 1948 pelo Iphan.

Em outra placa, obtenho alguns detalhes. A obra seria para “Intervenção Arqueológica, Requalificação Paisagística e Restauração Arquitetônica e Funcional da Antiga Fonte Tambiá”, dado um “compromisso” firmado pela Alphaville Paraíba Empreendimentos Imobiliários em decorrência da implantação de um loteamento da marca em Bayeux. Obra parada? Check! Obra parada que deveria estar sendo financiada (executada?) por uma empresa que fez algo errado e deveria estar se redimindo? Check!

Para me desligar dessa pauta, convidei meu marido a seguir uma trilha. No meio do caminho, claro, tinha outra pedra. Drummond poderia ignorar, mas também veria o coreto (ou aquilo é um mirante?) todo picado e com várias rachaduras. Pauta? Check! Mais adiante, encontramos vários sacos vazios de cimento em meio às árvores. Ainda resíduos da obra de requalificação do parque? Indago a mim mesma. Além disso, havia garrafas plásticas, embalagens de salgadinhos, latas de refrigerante vazias, co-

lherzinhas de sorvete... na trilha e em vários locais. Pauta? Check!

Anunciada pela gestão anterior da Prefeitura de João Pessoa como a “maior requalificação da história da Bica”, a obra custou aos cofres públicos o montante de R\$ 8,3 milhões. “Tá passada?”. Eu estou! Principalmente porque, ao buscar um lugar para descansar, me



Ilustração: Reprodução

deparei com um parque que ainda exige muito, muito cuidado e atenção. Em tempo: a terceira etapa da reforma foi entregue somente há poucos meses, em dezembro passado... Pauta? Check!

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

‘La Bamba’

Ouvi o termo “bamba” quando ainda era criança... Um indivíduo bamba era um cara sabido, desenvolto, enfim um “sabe tudo”. Tempos depois, já adolescente, é que, “navegando” de ponta-cabeça no universo musical, mormente no mundo do rock and roll, ouvi a música ‘La Bamba’, na primeira versão que nos chegou, a de Ritchie Valens, de 1958. Só que – soube depois – se tratava de uma música do início do século XIX, precisamente do ano de 1939, que ainda hoje enriquece o folclore mexicano e que caiu no domínio público, sendo considerada de compositor desconhecido e creditada no rol das músicas tradicionais. Palmas, então, para Ritchie Valens (Richard Steven Valenzuela – 1941-1959), celebridade do rock nos anos de 1960, cantor, compositor e guitarrista norte-americano de Los Angeles/Califórnia (de descendência mexicana) que rejuvenesceu a música, em 1958, dando a ela um andamento mais pop – diferentemente das gravações então existentes, dos Hermanos Huesca (1944) e até do Trio Los Panchos (1945) – e fazendo escola em nível das inúmeras gravações que se seguiram à sua.

E não custa dizer que não foi apenas a curta passagem de Ritchie Valens pela vida ou a sua morte trágica num desastre aéreo, com apenas dezoito anos incompletos, que

fez dele um astro do rock. Fez escola porque outros lhe seguiram o estilo, repetindo, em parte, o sucesso por ele alcançado. Assim é que, já em 1963, despontava a figura emblemática no mundo da música e, coincidentemente, também norte-americano (de descendência mexicana) Trini Lopez (Trinidad López III – 1937-2020), de Dalas/Texas, que alçou talvez voos mais altos ainda com a sua versão para ‘La Bamba’, bem como para outros estrondosos sucessos: ‘If I Had a Hammer’ (ambos lançados em 1963), além de suas versões para ‘America’, ‘Perfidia’, ‘Besame Mucho’, ‘Adelita’, ‘Cuando calienta el Sol’... E Trini Lopez também fez escola: Rita Pavoni, por exemplo, já em 1964, grava o ‘If I Had a Hammer’ (de Lee Hays e Pete Seeger, numa versão italiana de Sergio Bardotti) e “ganha o mundo” com o alegre ‘Datemi un Martello’.

Por aqui, diante das dificuldades “operacionais” de se lançar um desses sucessos de imediato, teve-se que apelar para uma solução doméstica, como aliás acontecia comumente: “fabricamos” um astro tupiniquim que, de princípio, foi vendido como estrangeiro. E foi aí que apareceu o nosso José Gagliardi Jr. que, num jogo verbal onomástico, “virou” Prini Lorez e fez sucesso no programa da Jovem Guarda (TV Record), com

suas gravações e interpretações de ‘La Bamba’, ‘America’, ‘If I Had a Hammer’ e até com ‘Twist and Shout’ e ‘Want to Hold Your Hand’ (1964), as duas últimas de uns tais de Beatles, que estavam apenas chegando por aqui.

Mas, voltemos a ‘La Bamba’. Em 1987, a versão meio rock foi requeitada com o lançamento do filme homônimo de Luís Valdez, um drama do gênero musical-biográfico sobre Ritchie Valens, com uma boa performance musical do grupo Los Lobos – pra variar – também uma banda mexicana-estadunidense e com participação, entre outros astros, de Bo Diddley e Brian Setzer. O sucesso foi tamanho que a música título chegou a disputar o Grammy Award (gravação do ano de 1988, com ‘Graceland’, de Paul Simon, que ficou com o prêmio principal, cabendo o segundo lugar a ‘La Bamba’.

Daf em diante, foram arranjadas dezenas de interpretações, como as de Mariachi Vargas, Conjunto Medellín de Lino Chávez, The Crickets, The Ventures, Big Daddy, Tonio K, Drive, The Rice University Marching Owl Band e até ganhou uma versão de chant gregoiriano com o The Mormon Tabernacle Choir.

E não parou por aí: Milton Nascimento, por exemplo, tem uma versão

instrumental com vocalize digna do artista mineiro, que também escreveu uma letra com o título de ‘A Festa’, tendo ‘La Bamba’ como música incidental, para o álbum de estreia (2003) da incipiente Maria Rita, a filha de Elis Regina.

Então, sigamos com a inocente letra original de ‘La Bamba’, que – parece – ainda vai dar muito o que dançar:

*Para bailar la bamba
Se necesita una poca de gracia
Una poca de gracia pa’ mí, pa’ ti
Y arriba, y arriba
Por ti seré, por ti seré, por ti seré...*

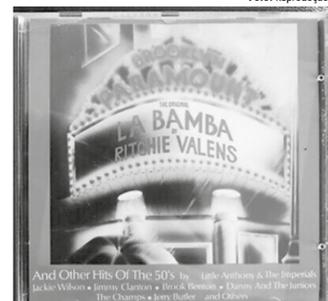


Foto: Reprodução



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Qual o próximo destino?

Barra de Mamanguape pertence ao município de Rio Tinto aqui na Paraíba, próximo à capital, João Pessoa, distante a menos de 73 quilômetros e um local muito tranquilo e pacato, onde existe o Projeto Peixe-Boi-Marinho. Logo à frente fica a Praia de Campina, excelente para quem gosta de surfe.

Algumas semanas atrás estive na região de Barra de Mamanguape e ficamos hospedados em uma casa centenária à beira do rio, um espetáculo ao acordar e ao se deitar, onde sempre somos muito bem recepcionados pelos moradores locais e alguns turistas que lá se encontram.

A hospedaria é bastante charmosa de frente ao rio e passa uma paz que só indo para conferir. Lá não tem frescura: os quartos

têm um banheiro com uma sala-cozinha e uma varanda para armar uma rede e relaxar. A cozinha que tem todos os materiais necessários para você fazer suas comidas simples e sofisticadas. Só levar seus lençóis e toalhas.

Vou dar um conselho bem legal: ao fechar sua reserva, já agende seus passeios para serem feitos por Adriano, que é um nativo que faz desde passeios de barco, bugre e passeios noturnos de caminhadas. Ele também dá bastante dicas de passeios que também podem ser feitos do outro lado do rio, que pertence a Baía da Traição.

Na região, você encontra mercadinhos, padarias e restaurante com preços bem em conta, com direito até a pizzaria.

Uma dica é que lá não existe farmácia.

Então, se puder, levar alguma coisa básica para se ter... É muito bom.

Na Barra de Mamanguape você também encontra pousadas e áreas de campings, tanto com sua barraca quanto com as barracas deles.

Perto de onde ficamos tem o restaurante de Seu Valdemir, comida caseira e muito boa, sem deixar de falar do Café Brisamar, que também é uma maravilha e que funciona durante o dia e à noite. Em alguns lugares, se você não quiser fazer café da manhã, pode ser agendado e tomar o café da manhã nesses locais.

A viagem foi maravilhosa, pois sempre tivemos o apoio de Adriano, informando e nos acompanhando nos passeios que fizemos. Valeu muito a pena tudo e esperamos voltar logo, em breve!



QUENTINHAS

Contato para passeios em Barra de Mamanguape. Ele vai passar os valores e o que pode ser feito naquele dia. Adriano: (83) 99956-4264.

Hospedagem na Hospedaria Por do Sol, local agradável. Falar com José Lourêncio: (83) 99361-2794.

Super Paradise - Hospedagem, local maravilhoso e muito lindo; experiências surreais; além dos apartamentos, existe o local de camping e uma trilha que te leva ao mar, a menos de 300 metros. Contato: (83) 99987-7935.

Se você está querendo um chef de cozinha para fazer um almoço ou um jantar na sua casa ou num evento, independentemente do número de pessoas, pode entrar em contato com este colunista através do direct do meu Instagram: @waltinhoulysses.

PRATO DO DIA

Filé ao molho de açaí

Ingredientes

■ 5 tornedorea (bife da parte mais grossa do lombo de vaca envolvido numa fina fatia de toucinho) ou uma carne macia de sua preferência.

■ 1 litro de caldo de legumes (cenoura, cabila, alho poró, chuchu...)

■ 1 e 1/2 de molho base (apara de carnes a qual limpou, cebola, cenoura, alho, pimentão, uma garrafa de cerveja amarela de 350ml e a mesma de água e deixe cozinhar; passar em uma peneira e usar só o caldo, acrescentando duas colheres de sopa de amido para engrossar o molho, por fim acrescentando 300g de açaí).



Preparo do risoto

■ 300g de arroz de risoto

■ 100g de queijo parmesão faixa azul

Modo de preparo

■ Cozinhar o risoto refogado com cebola e alho bem picado. Quando estiver no ponto, acrescentar o parmesão ralado e duas colheres de manteiga. E sirva acompanhado com o filé ao molho de açaí.

PITADAS A GOSTO

Açaí é o fruto do açaizeiro (Euterpe oleracea). Também chamado de juçara, ele é uma das mais importantes fontes de alimentação para os habitantes da região amazônica, terra de origem do açaí. A fruta também é encontrada em outros países próximos ao Brasil, como Venezuela, Colômbia, Equador e Guianas. O açaizeiro é uma árvore que pode chegar a atingir até 30 metros de altura e que prefere áreas úmidas, fato que faz com que ela cresça nas margens dos rios.

O açaí é uma pequena fruta arredondada, de coloração escura, variando entre o roxo e o preto, que possui um pequeno caroço e pouca polpa. O fruto é encontrado em cachos; cada tronco do açaizeiro produz até quatro cachos da fruta.

E hoje é conhecido mundialmente!